



AgroSintop

A Revista do Sistema Agrícola, Agrário, Pecuário e Florestal do Estado de Mato Grosso

NOVEMBRO 2013 Edição nº 9

Piscicultura
Mercado Promissor

Getúlio Vilela
grande criador Gir e Girolando

Faiad

secretário com veia sindicalista

Melhorar a produtividade não é fácil. Por isso, nada melhor do que contar com o Senar e o Sindicato dos Produtores Rurais para produzir mais e melhor.



20 ANOS
SENAR - MT

Alimentando o conhecimento na vida de quem produz

Produtor, trabalhador, Sindicato dos Produtores Rurais e Senar. Onde tem alimento, tem a marca dessa parceria.

Da preparação do solo até a comercialização dos produtos, o Senar e o Sindicato dos Produtores Rurais levam conhecimento até o campo para incentivar você a produzir mais e melhor. São diversos treinamentos gratuitos nas áreas de soja, milho, peixe, cana, bovino de corte, bovino de leite e muitos outros. Informe-se no Sindicato dos Produtores Rurais do seu município e participe.



Sistema Fomato



www.senarmt.org.br

[facebook.com/senarmt](https://www.facebook.com/senarmt)

**DIRETORIA DO SINDICATO DOS
TRABALHADORES DO SISTEMA
AGRÍCOLA, AGRÁRIO, PECUÁRIO
E FLORESTAL DO
ESTADO DE MATO GROSSO**

EXERCÍCIO 2010/2013

- 1- **Presidente:**
Dianyere Dias De Souza
- 2- **Vice-Presidente:**
João Crisostomo de Souza
Moreira
- 3 - **Diretoria Geral:**
Irineu Coutrin
- 4 - **Diretoria Financeira:**
Odemir Moreira De
Castilho
- 5 - **Sub-Diretoria Financeira:**
Marcilio Dias Monteiro
- 6 - **Diretoria de Imprensa e
Comunicação:**
Lia Mara Alves de
Carvalho
- 7 - **Diretoria de Mobilização
Formação Sindical:**
Antonio Ribeiro Fonseca
- 8 - **Diretoria Promoções Cul-
turais, Soc.
Esportivas:**
Roberto de Arruda e Silva
- 9 - **Diretoria de For. Política e
Estudo Soc.Econômico:**
Marcelo Fanala Rezende
- 10- **Diretoria de Ass. Jurídicos e
de Seg. Trabalho:**
Filogenio Rocha Neto
- 11- **Diretoria de Organização e
Informática:**
Jose Roberto Junior
- 12- **Diretorias de Ass de Apos e
Pensionistas:**
Benedita Ribeiro da Cruz

DELEGADOS SUCURSAL

- 1- **Delegado Sucursal de Ron-
donópolis:**
Flávio de Moraes Soares
- 2 - **Sub-Delegado Sucursal de
Rondonópolis:**
José Prudenciano Carrijo Souza
- 3 - **Delegado Sucursal de Alta
Floresta:**
Maria Lucia de Oliveira Mendes
- 4 - **Sub-Delegado Sucursal Alta
Floresta:**
Vilma Aparecida de Souza
- 5 - **Delegado Sucursal de Barra
do
Bugres:**
Stephan Pereira e Silva
- 6 - **Sub-Delegado Sucursal de
Barra do Bugre:**
Samuel Francisco
- 7- **Delegada Sucursal de Barra
do Garças:**
Edinalva De Souza Lopes
- 8- **Sub-Delegado Sucursal de
Barra do Garças:**
Vagner Bernardes de Souza
- 9 - **Delegado Sucursal de
Cáceres:**
Marcos Murilo Rolim Junior
- 10- **Sub-Delegado Sucursal de
Cáceres:**
Amarildo Limas de Freitas
- 11 - **Delegado Sucursal de
Culabá:** Oscarlina de Jesus
- 12- **Sub-Delegado Sucursal de
Culabá:**
Jose Ayrton Zuquine
- 13- **Delegada Sucursal de
Juína:**
Rosimeire Bastiani da Silva Ritter

- 14- **Sub-Delegado Sucursal de
Juína:**
Leo Mezomo
 - 15- **Delegado Sucursal de Lu-
cas do Rio Verde:**
Francisco Valtenio S. Ferreira
 - 16- **Sub-Delegado Sucursal de
Lucas Do Rio Verde:**
Leoncio de Oliveira Miranda
 - 17- **Delegado Sucursal de
Matupá:**
Joaquim Julião dos Santos
 - 18- **Sub-Delegado Sucursal
Matupá:**
Irdes Constançio de Paula
 - 19- **Delegado Sucursal de Pon-
tes e Lacerda:**
Vanio Luis Brandalise
 - 20- **Sub-Delegado Sucursal
Pontes e Lacerda:**
Jerson Lorent Villasboas
 - 21 - **Delegada Sucursal de São
Félix Do Araguaia:**
Nizete Marques Dias
 - 22- **Sub-Delegado Sucursal de S
Félix Araguaia:**
Fernando Henrique P Salazar
 - 23 - **Delegado Sucursal de
Sinop:**
Marcelo Magalhães Pioli
 - 24- **Sub-Delegado Sucursal de
Sinop:**
Braulio Garcia Guimarães
- CONSELHO FISCAL:**
- 1 Adão Barbosa – INDEA
 - 2 Donizete Sena Rodrigues – INTERMAT
- SUPLENTES**
- 1 - Eduardo Thommem – INDEA
 - 2 - Sebastiana Xavier dos Santos e Silva

Agrosintap

A Revista do Sistema Agrícola, Agrário, Pecuário e Florestal de Mato Grosso

Diretor Executivo
Ailton Machado Silva

Editora
Shirley Ocampos - DRT/MT 477
shirley.comunicacao@gmail.com

Jornalista
Luiz Perlato - DRT/MT 340
perlato.luiz@gmail.com

Gerente Administrativo
Claudio Machado Silva

Comercial
Agrosintap
(65) 3054-1300
revistaagrosintap@gmail.com

Jornalista do Sintap/MT
Alexandra Paula Araujo e Silva
jornalistapas@yahoo.com.br

Editora Agrosintap
CNPJ 17.507.433/0001-30
Rua 06 - Casa 02, setor oeste
Morada do Ouro - Cuiabá - MT
Fone: 65 3054-1300

email: revistaagrosintap@gmail.com

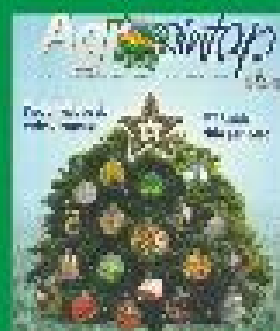
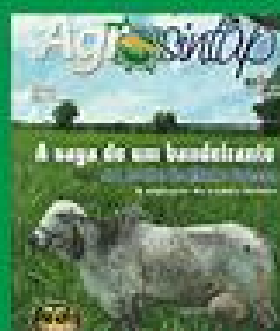
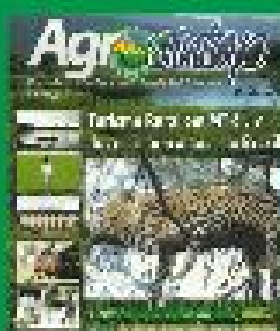
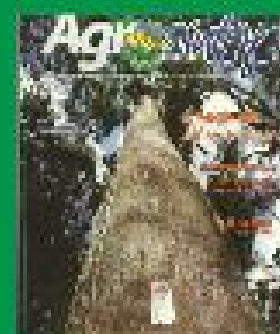
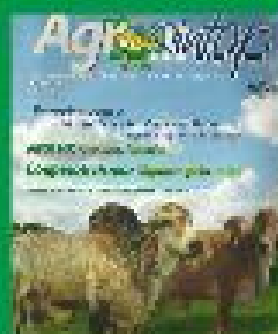
Foto da capa: João Melo/Empaer
Fotos: Sintap/ Indea/Empaer/Secom/MT
Colaboraram nesta edição: Rosana Persona/
Adilson Rodrigues/Maria José Ramos/ Pedro
Henrique Monnera/Leandro Gleydson da
Rocha Pinto

A Revista Agrosintap é uma publicação da Editora Agrosintap, não nos responsabilizamos por opiniões expressas nos artigos assinados, nem pelo conteúdo dos anúncios e informes publicitários. Proibida a reprodução sem autorização dos mesmos.

Maior impacto

distribuída em 141 municípios de Mato Grosso

A distribuição da Revista Agrosintap é gratuita, e procura privilegiar todos os setores que compõem o Sistema Agrícola, Agrário, Pecuário e Florestal de Mato Grosso, sendo entregue em todos os órgãos públicos estaduais e federais, secretarias e autarquias, como Sedraf, Sema, Indea Intermat, Empaer, além de Prefeituras Municipais



Anuncie : 3054-1300 / 8144-9779
e-mail: revistaagrosintap@gmail.com



37 Savi garante apoio técnico para assentados concorrerem a edital do Ministério da Pesca



39 Mato Grosso é um mercado promissor

38 Carne de jacaré conquista o mercado

41 Nutrição da planta produção e qualidade do abacaxizeiro

60 O Espírito de aventura na alma de um indeano apaixonado pelas asas do parapente

16 Investimento rentável e garantido

45 Cultivo do cacau é alternativa de renda

61 Treinamento sobre tronco encefálico bovino orienta sobre transmissão da doença

18 Criação em cativeiro garante a preservação das espécies

47 Padronização da produção e assistência técnica são entraves da ovinocultura em MT

62 Contingenciamento restringe auditorias em indústrias e compromete sanidade animal

21 Produção e turismo

48 MT deve colher 50 milhões de toneladas de grãos em 2014

65 Veterinário se realiza no pequeno mundo dos índios gigantes

22 Castanha de cumbará conquista mercado e gera renda

50 33ª Semana nacional do cavalo Campolina é a melhor da última década

67 Indea age contra praga que já devora metade das lavouras de MT

24 Cacto de Mato Grosso é destaque entre plantas ornamentais

52 Produtores não cumprem período de vazio sanitário e Indea autua 25% mais que em 2012

69 PL cria política estadual de incentivo ao cultivo e manejo do bambu

26 Agronotas

54 Sintap recebe em grande estilo o prêmio qualidade Brasil

70 Frango caipira garante rentabilidade

30 Chapada dos Guimarães cobra providências pelo impacto da construção de usina de manso

56 A mestra Indeana que se fez doutora em vive de bem com a vida



7 Getúlio Vilela aposta na expansão das raças Gir e Girolando



11 Francisco Faia é um secretário com veia sindicalista

Cinco Estrelas.

Investindo em qualidade e tecnologia para trazer a você o melhor do gado Gir leiteiro e Girolando.



PIRINHARA TE KUBERA
C. A EVEREST XPS NOROIA



O Grupo Cinco Estrelas está construindo uma história de credibilidade e sucesso na criação de gado Gir Leiteiro e Girolando em Mato Grosso. Suas estrelas já começam a se destacar, alcançando os padrões de qualidade dos melhores criadores de raça. Venha você também conhecer o melhor do Gado Gir Leiteiro e Girolando.


Cinco Estrelas
AGROPECUÁRIA


GIR LEITEIRO
+ GIROLANDO

Av. Miguel Sutil, 9289, Duque de Caxias - Cuiabá-MT
TEL.(65) 3624-1136/FAX.(65) 3624-2573
www.grupocincoestrelas.com.br

Getúlio Vilela aposta na expansão das raças Gir e Girolando



O empresário tem conseguido resultados extraordinários neste campo em Mato Grosso

Luiz Perlato

Assim como na agricultura, em que os investimentos em pesquisa e novas tecnologias têm possibilitado aumentos espetaculares de produtividade, a pecuária leiteira também evoluiu de maneira surpreendente graças à genética e as corretas técnicas de manejo. O empresário Getúlio Vilela tem conseguido resultados extraordinários neste campo em Mato Grosso, e garante que o estado tem perspectivas para se tornar um grande produtor de leite nos próximos anos.

O maior produtor de leite do Brasil atualmente é o estado de Minas Gerais, e Mato Grosso aparece em sexto lugar no ranking. Mas, de acordo com seu Getúlio, enquanto o Sudeste e o Sul do país já exploraram quase tudo o que tinham à disposição e chegaram praticamente no limite de suas possibilidades de produção, Mato Grosso ainda está engatinhando na atividade e tem

um vasto potencial pela frente, a começar por suas grandes dimensões territoriais.

Getúlio Vilela é mineiro, e o triunfo em solos mato-grossenses foi construído em base sólida, com a experiência trazida da terra natal mais o conhecimento acumulado em seu dia-a-dia. Aos 78 anos de idade e esbanjando vitalidade, ele passa a maior parte do tempo na fazenda, em Cuiabá ou em Juara. Dizem que o olho do dono é que engorda o boi, e ele confirma o ditado popular, acompanhando de perto a lida com os animais.

Quem tem interesse em saber como uma vaca pode produzir mais leite, ou como alimentar adequadamente o gado durante todo o ano, fica entusiasmado só de conversar com Getúlio Vilela. Hoje suas propriedades são visitadas até por estudantes do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), que vão até lá aprender diretamente na fonte como é a vida no meio rural e

de onde vem o leite e outros produtos consumidos na cidade. Criadas com leite de caixinha, muitas crianças ainda não sabem que o leite é produzido pelas vacas.

Já na entrada da fazenda e bem à beira do asfalto a gente vê uma coisa que chama a atenção e aguça a curiosidade: é o silo armazenado no solo e coberto com lonas, para complementar a alimentação do gado. A silagem pode ser feita de milho, cana ou capim, sendo fundamental sobretudo durante a estiagem, quando os animais não têm capim nas pastagens.

Perspectivas

Além da qualificação profissional constante dos funcionários da fazenda, a estreita parceria com o Senar serve para divulgar as corretas técnicas agropecuárias, principalmente na área leiteira, onde os avanços da genética proporcionam aumentos inimagináveis na produção.

Juntamente com outros criadores, o pecuarista Getúlio Vilela fundou, em julho de 2013, a Associação dos Criadores de Gir Leiteiro do estado do Mato Grosso (Acgil/MT), cuja sede fica no parque de exposições senador Jonas Pinheiro (Acrimat), em Cuiabá. A Associação é presidida por Getúlio Vilela e hoje é uma vitrine para a divulgação da raça, já tendo realizado exposições e torneios neste ano e com muitas outras ações programadas.

"A meta da Associação é fazer com que Mato Grosso se torne um grande criador de Gir, e o maior produtor de leite do Brasil", diz Getúlio, que também é vice-presidente da Associação dos Criadores de Girolando. Ele destaca que quem vai fazer com que o estado conquiste este ideal são as demais entidades da cadeia leiteira, dentre elas o Senar, o Banco do Brasil e a Associação dos Produtores de Leite (Aproleite), e órgãos do governo estadual, que estão investindo em programas como o Balde Cheio e outros projetos no setor.

Por enquanto a distância entre Mato Grosso e o maior produtor de leite ainda é grande: Minas Gerais produz 10,7 milhões de litros de leite por dia, e Mato Grosso produz cerca de 1,7 milhão. Mas Getúlio Vilela lembra que há alguns anos o estado não produzia nada, e que até a energia elétrica era importada.

Em Mato Grosso nós temos área em abundância e uma grande produção de alimentos. "Eu vejo este mercado e estou fazendo hoje a transferência de embrião e a fecundação in vitro, com vacas aclimatadas aqui e tecnologia em alta lactação. Temos vacas que chegam a dar 79 quilos de leite (um quilo de leite equivale a cerca de um litro, mas Getúlio explica que o produto é pesado para permitir uma noção mais precisa). A média de produção de leite por vaca em Mato Grosso



Gir Leiteiro se destaca por sua rusticidade, longevidade produtiva e reprodutiva, produção de leite a pasto com excelente conversão alimentar

atualmente é de 3 litros ao dia, mas Getúlio Vilela quer colocar no mercado vacas que produzem de 20 quilos

// A média dos grandes produtores de leite do país é de 10 a 30 quilos de leite/dia, e com a ajuda da tecnologia nós também podemos chegar a este nível, //

diz o pecuarista, ressaltando que as vacas por ele vendidas recebem esta garantia e são trocadas caso não atinjam a média.

Para alcançar uma produção de 10 milhões de litros de leite/dia, Getúlio explica que Mato Grosso precisa ter 500 mil vacas em lactação

com 20 kg de leite/dia. "É um mercado muito grande que temos aqui, e que ainda se encontra totalmente aberto e longe do limite, e tudo o que temos que fazer é difundir as raças do gir leiteiro e do girolando e investir na qualificação profissional", declara o produtor, acrescentando que a capacitação da mão de obra é fundamental.

Atualmente Getúlio Vilela já vende vacas para outros estados, além de Mato Grosso. Ele também vende sêmen das raças leiteiras, e tem animais premiados nacionalmente. Para abril de 2014 está prevista a realização de uma grande exposição de leite, em Cuiabá, sob a organização dos criadores. Segundo Getúlio Vilela, será uma ótima ocasião para discutir os problemas e as perspectivas do setor no estado.



Foto Agrosintap

docilidade

Gir e Girolando

O Gir Leiteiro se destaca por sua rusticidade, longevidade produtiva e reprodutiva, docilidade, facilidade de parto, produção de leite a pasto com excelente conversão alimentar, e versatilidade nos cruzamentos. Segundo Getúlio Vilela, o Gir Leiteiro reduz os custos nos aspectos de alimentação, medicamentos, assistência veterinária e mão de obra exigida para condução e cuidados com os animais do rebanho.

"O Gir Leiteiro expressa seu potencial produtivo com menos alimento e sofre menos com a restrição alimentar, pois sua exigência, seu índice de metabolismo e de ingestão de alimentos é mais baixo em relação às raças taurinas, sendo necessário menor reposição alimentar", descreve Getúlio Vilela, acrescentando que a raça também vem se desta-



Foto Agrosintap

Quando cruzado com o holandês, o Gir Leiteiro produz Girolando



Foto Agrosintap

A pecuária leiteira evoluiu de maneira surpreendente

cando pelo seu bom temperamento leiteiro, seja para a ordenha manual, seja para a ordenha mecanizada. Quando cruzado com o holandês, o Gir Leiteiro produz o girolando, um animal que também é descrito pelos criadores como extremamente rústico, de excepcional conversão alimentar e de alta produção leiteira. "A raça Girolando constitui 80% das vacas produtoras de leite no Brasil, e é um gado resistente, desenvolvido especialmente para os trópicos, porque o jersey e o holandês puro são gado de clima frio e que se adaptam ao clima de Mato Grosso".



Foto Agrosintap

OUTUBRO ROSA



O Portal de Notícias
Gazeta do Mato Grosso
participa desta luta!
www.gazetamt.net



Francisco Faiad, um secretário com veia sindicalista



Marcos Vergueiro/Secom-MT

A luta de classe é a que promove as grandes transformações políticas e sociais

"Foi algo muito mágico na minha vida. Eu havia colado grau em Londrina no ano anterior. Vi aquela placa e pensei: 'Aqui será o meu primeiro trabalho como advogado'. Procurei o presidente e ele me disse que não tinha dinheiro para pagar um advogado, mesmo em início de carreira, porque as dificuldades eram grandes. Disse a ele que não queria o dinheiro, mas o trabalho. Fui o primeiro assessor jurídico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alta Floresta. E sempre será assim".

A passagem contada pelo hoje renomado advogado Francisco Faiad, atual secretário de Administração do Governo, aconteceu em meados de 1986 e aconteceu na cidade de Alta Floresta, no extremo Norte do Estado. A placa em questão estava instalada numa casa humilde e tinha a inscrição 'Sindicato dos Trabalhadores Rurais'. De lá para cá, Faiad construiu uma carreira sólida na política partidária e institucional: foi vereador, presidente da Câmara daquela cidade; ajudou a implantar a OAB no município e foi seu presidente.

Depois, se transferiu para Cuiabá. Aqui, seguiu a trilha. Militante ativo do PMDB desde aquela época, ajudou o partido em todas as eleições com seu trabalho jurídico na área eleitoral. Foi subsecretário de Administração. Depois, foi presidente do Tribunal de Ética da OAB, depois da Caixa de Assistência dos Advogados e presidente da Ordem em Mato Grosso por duas vezes. Por fim, conselheiro federal da OAB Nacional. No ano passado, Faiad disputou a eleição como candidato a vice em Cuiabá, representando o partido na aliança com o PT: por pouco não acabaram obtendo êxi-

to levando a eleição para a disputa em segundo turno, numa campanha memorável.

Em todo esse percurso, uma coisa o advogado Faiad não deixou de lado: o trabalho com os sindicatos.

// A minha formação acadêmica e até antes disso, entendia e entendo que a luta de classe é a que promove as grandes transformações políticas e sociais em nosso país. É um dos caminhos mais férteis para se buscar a paz social, a dignidade e qualidade de vida //

- frisou. Até ser secretário, Faiad advogou para diversos sindicatos.

O secretário de Administração recebeu a Revista Agrosintap e falou sobre seu passado, seu presente e o que pensa para o futuro. E mais: projetos, propostas e Governo. Acompanhe:

Revista Agrosintap - Secretário, sua folha corrida, vamos dizer assim, é extensa. Nota-se que sempre há um sindicato presente em seus trabalhos. Algo especial?

Francisco Faiad - Com certeza sim. Tive um professor, em Londrina, que sempre ressaltou a importância dos movimentos classistas. Portanto, desde a minha formação acadêmica - e até antes disso - entendia e entendo que a luta de classe é a que promove as grandes transformações políticas e sociais em nosso país. É um dos caminhos mais férteis para se buscar a paz social, a dignidade e qualidade de vida. Por isso, sempre busquei esse ramo de atuação. E creio que sempre será assim. Independentemente de onde estiver, sempre vou estar atuando na área classista, na defesa dos interesses dos trabalhadores porque o desenvolvimento social e econômico passa, necessariamente, pela base, pela mão de obra, por aqueles que estão no campo ou na indústria, na enfermagem ou na medicina. É o trabalhador.

Revista Agrosintap - Esse entendimento o senhor também aplica como secretário? Não soa meio contraditório em função do intenso debate salarial, principalmente?

Francisco Faiad - Muito pelo contrário. A experiência na luta de classe, na defesa do trabalhador rural, na defesa dos jornalistas, enfim, dos vários sindicatos que atuei me deram lastro para compreender cada movimento. E nesse período que aqui estou sempre procurei agir exatamente como cobrava quando estava diretamente atuando na defesa da luta sindical, ou seja, com absoluta transparência e clareza. E é bom que se diga uma coisa: o Governo não é inimigo do servidor público. Eles têm que ser aliados, buscar a convergência de interesses e a compatibilização das demandas e necessidades com o equilíbrio da

administração.

Revista Agrosintap– Até aqui, como o senhor considera a relação com os sindicatos?

Francisco Faiad – De minha parte tenho procurado agir, como disse, com transparência e cordialidade com todos. O Fórum Sindical tem sido um parceiro. Até porque entendo que nós estamos de passagem hoje pelo Governo e podemos voltar amanhã. O servidor público é o patrimônio da administração. Afinal, é ele quem executa as políticas de Governo e de Estado. O governador Silval Barbosa estabeleceu como parâmetro básico de gestão ter o servidor como parceiro, transformar o servidor em grande agente de desenvolvimento. Para isso, estabeleceu uma política funcional baseada na valorização da classe. E isso não se dá apenas com ganhos salariais, que, aliás, foram efetivos neste período, mas com garantias efetivas....

cobre pouco mais de a metade do que se gasta. E o que procuramos fazer? Estruturar, transformá-lo em ferramenta de valorização do servidor. Abrimos o MT Saúde para o servidor, que hoje delibera, toma decisões. Porque o plano é do servidor e não do Governo. O MT Saúde sequer tinha um programa de gerenciamento de consultas porque as empresas que o administravam, quando saíam, levavam tudo embora. Hoje não! Nesse tempo, procuramos sanear os problemas, incluindo o grande passivo de dívidas. Fora isso, ajudados pela CPI da Assembleia, e discutindo solução com os interessados, foi criado um projeto, que muda a forma de cobrança e pela qual acreditamos que em dez anos o MT Saúde estará totalmente viabilizado e caminhando com suas próprias pernas, sem precisar de dinheiro do Tesouro Estadual.

assustadores. É preciso dizer que a Previdência “quebrou” muitos países na Europa. Aqui no Brasil tem sido uma dor de cabeça para o Governo Federal. Em Mato Grosso, a previsão – se nada acontecer – é de que o Estado termine o ano com um déficit superior a R\$ 400 milhões; dinheiro que sai da fonte de investimentos para pagar aposentados e pensionistas porque a arrecadação da Previdência, assim como do MT Saúde, não são suficientes para cobrir os valores fixados. Então tivemos que agir. Por mais que esse problema não fosse “explodir” neste Governo. Mas é uma questão de responsabilidade. Encontramos no Ministério da Previdência Social um parceiro para buscar a solução para esse problema que vem crescendo há vários anos e atormentando a administração. E com um estudo profundo e ideia criativa, vamos colocar bens do Estado, patrimônio que hoje estão aí parados, sem serventia para absolutamente nada, para ser um dos grandes financiadores da Previdência. Para isso, estamos criando o Fundo Especial da Dívida Ativa, Fundo Especial Imobiliário e Fundo Especial de Direitos, através do qual, monetizados, através dos bancos públicos, como Banco do Brasil, Caixa Econômica e do próprio BRB, vamos cobrir esse déficit em pouco tempo, zerá-lo. Portanto, o projeto de reestruturação do Regime Próprio de Previdência dos Servidores, que o governador Silval Barbosa está encaminhando à Assembleia Legislativa tira um peso dos ombros da caixa arrecadadora do Estado e ao mesmo tempo garante a aposentadoria dos servidores.



Ouvindo reivindicações

Revista Agrosintap– Que tipo de garantias?

Francisco Faiad

Exemplo: o MT Saúde. Fortalecer essa autarquia foi uma decisão de Governo e está sendo um desafio muito grande. O Governo tem feito um esforço enorme para isso. Todos sabem que o aquilo que o plano arrecada

Revista Agrosintap – O senhor também tem falado muito sobre a Previdência dos Servidores...

Francisco Faiad – Sim! Creio que quando finalizarmos o projeto de reestruturação da Previdência, sem dúvidas, será o maior legado que iremos deixar ao Governo de Mato Grosso. Os números são

Revista Agrosintap - Pelo que o senhor diz, os governos anteriores erraram a mão na política de interesse dos servidores...

Francisco Faiad – Não é isso que estou demonstrando. O que estou procurando passar é uma visão de como este Governo está agindo na sua relação necessária com o servi-

dor público, ou seja, com transparência e honestidade. Silval tem sido claro nisso. Ao anunciar a reposição integral da infração, na data-base da categoria, reuniu todos os sindicatos e disse que gostaria de aumentar mais, coisa que qualquer governante gostaria. Para um político, dar aumento salarial é sinal de prestígio. Mas, antes de buscar esse prestígio, o governante precisa ser responsável com o patrimônio público e ser cumpridor das leis. E é assim que estamos agindo. É uma visão de Governo. Não se trata de agradar por agradar e ganhar dividendos com isso. Mas de implementar ações que beneficiem os servidores porque ele satisfeito é serviço público de mais qualidade. É preciso investir para cobrar resultados.

Revista Agrosintap - Concurso, secretário! Ainda há uma grande defasagem no número de servidores, não é verdade?

Francisco Faiad - E sempre vai existir, é bom que se diga. E sempre vai existir é um bom sinal. Sinal de que o Estado está crescendo. Cresce o Estado, aumentam as demandas. Infelizmente, a resposta em valores humanos para esse crescimento da demanda não tem sido satisfatório. E por que? Porque o Estado de Mato Grosso hoje perde em média R\$ 3 bilhões ao ano somente em desoneração de impostos de produtos primários que integram a pauta de exportações. Não há contrapartida, infelizmente. A compensação que o Governo recebe por essa concessão é nada comparado ao que se perde. E um detalhe: no crescimento da produção, aumenta-se as demandas contra o Estado porque as cidades crescem e necessitam de mais gente para atender as necessidades, são policiais para fazer a segurança e investigar, mais agentes de saúde, enfermeiros, médicos, medicamentos, mais professores e outros profissionais da educação, enfim. E são zonas de produção cuja contribuição ao cofre do Estado não se dá em função da desoneração de

impostos. Aliado a isso, o Estado precisa manter uma política de atração de investimentos – que significa mais renúncia fiscal. E atrair empresas é fundamental para melhorar o nível de oferta de emprego. Portanto, estamos falando de responsabilidade e demanda compatibilizadas...

Revista Agrosintap - O senhor tem se colocado como um dos grandes articuladores deste Governo. Não é um papel de um secretário de Administração, não é verdade?

Francisco Faiad - Eu e todos os secretários participamos de um Governo. Fomos chamados para tal. Eu deixei meu escritório para dedicar a essa missão partidária, que é de ajudar a implementar a política que nosso partido, o PMDB, tem estatutariamente. O governador Silval Barbosa é do PMDB, um militante desta sigla. O PMDB é Governo, junto com uma força, uma coalizão de partidos. Então, estamos aqui todos embuídos de levar adiante aquilo que foi pregado em praça pública, aos eleitores que confiaram nesse agrupamento para administrar o Estado. Portanto, politicamente estou procurando cumprir o papel que nos foi delegado pelo governador. E penso que, ao final, mesmo com tantos problemas originados pelas demandas, este Governo terá seu devido reconhecimento.

Revista Agrosintap - Mas a sua relação é mais intensa. Digamos, faz parte do chamado núcleo duro do Governo.

Francisco Faiad - Até pelas atribuições da SAD é natural essa relação estreita. Por sermos do mesmo partido, o PMDB, também discutimos o Governo como um todo. Eu tenho a grata felicidade de gozar a confiança do governador Silval Barbosa, que me incumbiu de missões, a maior delas, a de fazer com que haja eficiência na máquina pública, que haja eficiência, mas também equilíbrio para que as contas do Governo estejam sempre protegidas,

de forma que todos os setores sejam equanimemente atendidos.

Revista Agrosintap -

Nesse sentido, por essa proximidade, o senhor acredita que Silval será candidato em 2014?

Francisco Faiad - Essa questão só deverá ser respondida no final do ano ou, mais tarde, no começo de janeiro. O governador Silval Barbosa está absolutamente à vontade para decidir o que fazer. A candidatura é uma questão de foro íntimo, de avaliação do momento em que está vivendo. Ele pediu para tomar essa decisão em dezembro ou janeiro e o partido está respeitando esse prazo. Estamos aguardando.



Revista Agrosintap – E o que está em jogo nessa avaliação? As obras da Copa?

Francisco Faiad – Também. Silval tem demonstrando ser um governador absolutamente responsável com a coisa pública. O apelo eleitoral é grande, move o político. Ainda mais uma pessoa como ele, extremamente participativo. Porém, a responsabilidade também pesa. Ele está, portanto, e com toda a certeza, avaliando cada momento, cada situação. De forma particular, penso que ele deveria disputar essa eleição porque é um dos grandes quadros do PMDB. O legado da Copa, as obras, o trabalho que vem sendo feito para o desenvolvimento do Estado, atraindo empresas, o Programa MT Integrado, enfim, são muitas as

realizações que precisam ser mostradas ao eleitor. É um estado que tem problemas? Sim! Mas não é um privilégio de Mato Grosso ter problemas na saúde, por exemplo. Tampouco na segurança pública. A educação entrou em greve exigindo a dobra do poder aquisitivo em 7 anos e nós nos propusemos a fazer em 10 anos. Eles não aceitaram e “esticaram” essa greve por razões que só podem estar alvejado no campo político. Era uma proposta fabulosa. Mas estamos procurando fazer aquilo que é possível. E temos que levar em consideração que são problemas de um estado que cresce a uma média de 10% ao ano, que faz as demandas serem enormes. Silval está sim fazendo um bom trabalho e isso vai ser reconhecido.

Revista Agrosintap– O senhor é candidato mesmo, como estão dizendo?

Francisco Faiad – Já disse e vou repetir: sou um político ligado ao partido que tem uma missão de governar este Estado. Meu nome está à disposição do PMDB, como sempre foi, a minha vida inteira. Creio que há um espaço para se trabalhar no parlamento. O partido precisa avançar na sua bancada, de forma a levar suas propostas e entendimentos adiante. Sou absolutamente fiel ao desejo do PMDB. Estou pronto para aquilo que o partido precisar de mim.



Faiad em reunião com sindicalistas na sede do Sintap



Hidroponia é uma técnica de cultivo de plantas sem uso de solo

AgroSintap

Investimento rentável e garantido

Luiz Perlato

Esqueça os problemas climáticos e as pragas e doenças das hortas tradicionais, e também não se preocupe com a fertilidade da terra. Se você quer ser um produtor dentro das modernas técnicas da hidroponia, não vai precisar de nada disso para produzir alface e outras verduras o ano inteiro, como já estão fazendo cerca de 50 produtores em diversas regiões de Mato Grosso.

Hidroponia é uma técnica de cultivo de plantas sem uso de solo. As raízes recebem uma solução nutritiva balanceada composta de água e todos os nutrientes essenciais ao desenvolvimento da planta.

A hidroponia representa uma alternativa viável, visto que através da solução nutritiva e de bancadas suspensas, mantém as plantas livres de patógenos que afligem o horticultor convencional.

No sistema convencional de plantio de hortaliças, no período

das chuvas o risco do produtor perder sua produção é quase 100%. A produção no solo é muito incerta e depende de vários fatores como clima, além de exigir rigoroso controle de pragas e doenças. Já o cultivo de olerícolas através do cultivo protegido através da hidroponia garante uma escala de produção o ano inteiro, garantindo o retorno do capital investido bem como a qualidade dos produtos.

A técnica tem sido muito utilizada em vários municípios mato-grossenses, dentre eles Cuiabá, Várzea Grande, Chapada dos Guimarães, Acorizal e Santo Antonio de Leverger, na Baixada Cuiabana.

O produtor Ademir Triches, o município de Nova Mutum, é um dos que vêm se destacando na hidroponia. Com assessoria técnica da Empaer, produz diversos tipos de alface, couve, hortelã, rúcula, agrião, atendendo a vários municípios daquela região e, inclusive, Cuiabá.

Produção expressiva

Os produtos hidropônicos vêm a cada dia chamando a atenção do consumidor. As plantas não entram em contato com os contaminantes do solo como bactérias, fungos, lesmas, insetos e vermes, e são cultivados com água potável. As plantas são mais saudáveis, pois crescem em ambiente controlado procurando atender as exigências da cultura.

Na hidroponia o ataque de pragas e doenças é raro, diminuindo a aplicação de defensivos. Pela embalagem o consumidor pode identificar marca, cidade da produção, nome do produtor ou responsável técnico, características do produto e telefone de contato. Os vegetais hidropônicos duram mais na geladeira e fora dela, pois permanecem com a raiz.

O investimento é rentável e o resultado do capital investido re-

torna a curto prazo. Entretanto, conforme observa o biólogo e pesquisador da Empaer, Nesvaldo Bento de Oliveira, não há espaço para aventureiros nem amadores, pois o perfil exigido dos que estão dispostos a implementar essas técnicas é de pessoas atentas, perfeccionistas e curiosas, que, incansáveis, buscam informações e técnicas mais adequadas ao que se pretende implantar como atividade.

Dicas

É preciso conhecer a tecnologia. Segundo Nesvaldo, é aconselhável que se façam cursos e visitas às estruturas hidropônicas em funcionamento, e que se procure ler muito material sobre os assuntos (apostilas, livros, publicações).

Além disso, o pesquisador observa que é necessário realizar um levantamento da demanda de mercado e quais produtos têm mais aceitação pelo consumidor e o que será mais lucrativo, pois o produtor terá um sistema que fornecerá uma produção em escala diariamente e precisará de mercado para atender a oferta do seu produto.

O investidor também deve determinar a área do projeto de acordo com a demanda, a escolha da área

deve atender a critérios técnicos e rigorosos para o bom funcionamento das estufas, tais como topografia, latitude, altitude, orientação quanto à insolação, ocorrência de ventos, disponibilidade e qualidade da água e disponibilidade de energia elétrica, entre outros.

Para ingressar na atividade com o pé direito o empresário agrícola ou produtor rural deve recorrer, se possível, a técnicos com comprovada experiência no cultivo protegido, para auxiliá-lo no projeto e instalação da estufa, pois toda atividade olerícola deve resultar de um projeto específico para o local onde vai ser construída a fim de otimizar os custos benéficos da atividade.

Para quem tem pouco capital, os especialistas dizem que é possível ir implantando a hidroponia por etapas, entretanto, pode demorar para começar a auferir lucros. Quem tem os recursos necessários pode construir de uma vez toda estrutura hidropônica e logo começará a ter o retorno do seu capital.

Mas o fator que merece estudo mais detalhado na implantação da hidroponia, de acordo com

os técnicos, é saber como funciona esta técnica: quais as vantagens e desvantagens; como dimensionar o sistema elétrico e hidráulico; topografia e mecanização do terreno; dimensionamento e orientação das estufas e bancadas; espaçamento dos cultivares; formação de mudas; ciclo da lavoura; manejo e preparo da solução nutritiva; escolha das sementes; escolha do substrato de sustentação a raiz; como semear; e como colher e vender a produção.

Saiba mais

Segundo Nesvaldo, a modernização na produção de hortaliças vem passando por transformações necessárias para melhorar a sua rentabilidade e competitividade, e isso tem exigido dos agricultores a utilização de tecnologias para melhorar a eficiência produtiva do sistema e aumentar a competitividade dos produtos.

"A hidroponia surge como uma ferramenta que pode ser utilizada para eliminar os elos desnecessários da cadeia de intermediação comercial; e tem como vantagem o retorno econômico em 18 a 24 meses. Na hidroponia, a produção é estável, garantindo a escala de produção", ressalta o pesquisador.

É fundamental buscar tecnologia para baixar custos e melhorar a qualidade da produção. O cultivo de plantas por hidroponia, além de representar um avanço tecnológico muito usado nos grandes centros produtores de olerícolas, pode ser implantado também em pequenas propriedades como sítios, chácaras e até em terrenos urbanos. Para maiores informações sobre o sistema hidropônico, o interessado deve procurar a Empaer, no escritório local em seu município, ou ligar para Nesvaldo Bento de Oliveira (biólogo, pesquisador) no celular: (65) 9951.8954 ou pelo e-mail: nesvaldo_empaer@yahoo.com.br, para que possa estar recebendo todas as orientações necessárias.



A hidropia representa uma alternativa viável



Os curiós encantam pela beleza e pelo canto característico

Criação em cativeiro garante a preservação das espécies

Luiz Perlato

A fiscalização sempre foi muito rigorosa quanto à criação de animais silvestres, mas no que diz respeito aos pássaros, o conceito da atividade está mudando. Depois de uma vida inteira dedicada aos curiós, um criador de Várzea Grande finalmente recebeu a almejada licença para fins comerciais. Ele cria essa espécie desde os 8 anos de idade e é o primeiro em Mato Grosso a conseguir esta documentação, num universo de mais de mil criadores em todo o estado.

Luiz dos Santos diz que a luta foi longa. "Foi preciso montar um processo e protocolar o projeto do criatório junto ao Ibama, há quatro anos", explica. A profissão deste homem de 57 anos é eletrici-

ta industrial, mas ele se dedica mesmo é aos curiós, e a vocação, conforme afirma, veio de pai para filho. Atualmente Luiz dos Santos tem 140 curiós, inclusive muitos filhotes – todos eles nascidos sob os seus cuidados.

Para ser um criador é preciso ter alvará da prefeitura, e licença do Ibama, que é quem se encarrega de fazer as devidas vistorias. Mas a fiscalização federal deverá ser estadualizada, e Luiz dos Santos acredita que através da Sema (Secretaria Estadual de Meio Ambiente) será mais rápido conseguir uma licença.

Preservação

Em tempos modernos, até os pássaros tiveram que se adaptar para sobreviver. O avanço do desmatamento reduziu a alimentação, e eles perderam boa parte do seu ter-

ritório natural, tendo cada vez mais que se adaptar aos centros urbanos e achar novos meios para se alimentar, procriar e viver. Até mesmo Cuiabá, que virou um imenso canteiro de obras neste período que antecede a Copa de 2014, com muito concreto e poluição, abriga hoje uma diversidade de pássaros que encantam pela beleza e pelo canto característico e único de cada espécie.

Entretanto, hoje em dia, não se vê bicudos e nem curiós, cada vez mais raros até mesmo em seu habitat natural, que são as beiras de rios e matagais de brejo. Essas aves nasceram para ser livres, mas a liberdade delas nos dias de hoje é praticamente impossível, devido ao desmatamento desenfreado e outros fatores, como o uso indiscriminado de agrotóxicos nas plantações.

Com tranquilidade, Luiz dos Santos explica que, por essas razões,

a criação em cativeiro deve ser apoiada e facilitada pelas autoridades. "Se os nossos netos e bisnetos conhecem esses pássaros e já ouviram a beleza de seu canto é porque pessoas, que, como eu se dedicam à preservação. Criamos curiós em gaiolas sim, mas se não fosse por isso, talvez hoje eles existissem mais, pois na natureza -- como se sabe -- eles não encontram mais condições de sobrevivência", declara o criador.

"Ambientalistas e o pessoal de ONGs ficam em cima, mas é preciso lembrar que não somos marginais e muito menos traficantes de aves. Eles têm que saber separar o joio do trigo, porque somos diferentes. Nós não pegamos na natureza, nós criamos os passarinhos, e quem quiser pode vir aqui para ver o tanto de filhotes", ressalta Luiz.

Todo ano ele diz que consegue tirar entre 80 e 100 filhotes de curiós, e todos têm a sua documentação, de forma que um criador que comprar qualquer um deles já sai documentado. "Nós não damos valor para pássaros silvestres, e se vierem nos oferecer a gente ainda manda prender. Os nossos hoje são todos passarinhos criados em cativeiro, que já tem cerca de dez gerações".

Para Luiz dos Santos, o desmatamento desenfreado precisa ser contido, se ainda quisermos salvar o pouco que resta dos animais silvestres, sobretudo as aves. "Esses pássaros só são encontrados em beiras de rios, mas, aí tem alguém que vai lá e acaba com os brejos, desmata as áreas ribeirinhas e acaba com o capim navalha, cuja semente constitui 100% da alimentação de alguns pássaros".

Ele prossegue dizendo que se hoje na cidade nós temos sabiás, sanhaços, pombas da asa branca e rolinhas, é porque -- tendo perdido o habitat natural -- na zona urbana, de uma certa forma, eles encontram alimento o ano inteiro. Comem fruta ou mesmo a ração dos cachorros.

Não são apenas as aves, haja vista que até os macacos hoje invadem as casas na cidade, porque acabaram com as matas e eles vêm em busca de comida.

Diferente dos curiós, o bicudo também é comum em Mato Grosso, e muitos criadores se dedicam a esta espécie, que é ligeiramente maior que os curiós e têm um canto diferenciado. De um modo geral, é visível a paixão das pessoas por este hobby.

Preço do hobby

Luiz dos Santos revela que há um grande número de criadores. "Só em Mato Grosso eu creio que existam mais de mil criadores amadores". Mas ele ressalta que a criação de pássaros é um hobby caro. "Um investimento desses não fica nada barato, desde matrizes, e eu consegui porque há muito tempo já venho selecionando as minhas próprias matrizes. Um reprodutor hoje também não é barato não, e custa no mínimo R\$ 7 mil".

Nos torneios e campeonatos a movimentação de troca de pássaros é muito intensa. "É como no mundo dos bois e cavalos, em

que sempre tem um melhor do que o outro do ponto de vista genético. Tem passarinho que é campeão brasileiro mas não dá filho bom".

A reprodução vai da primeira quinzena de setembro em diante, a partir das primeiras chuvas. "É preciso ter muita umidade, e por isso eu mesmo já estou programando a reprodução em meu criatório para outubro. Ano passado eu tirei o primeiro filhote só em dezembro, e foi o ano em que eu tive mais sucesso, apesar do cruzamento tardio. Você cruza as fêmeas no máximo duas vezes, e os filhotes nascem muito mais saudáveis. É o conselho que eu dou para os criadores".

Ele afirma que já perdeu as contas de quantos torneios que já participou. "Participo de torneio desde 98, e nunca parei. Teve ano em que eu fui em 21 torneios nacionais, viajando de carro até dois dias seguidos". Desnecessário dizer que para uma viagem sem problemas com a fiscalização é necessário providenciar a documentação, que é a guia do transporte, pagando uma taxa.

O transporte dos animais exige conforto e paciência. "O veículo tem que ter ar condicionado, e o melhor lugar dentro do carro tem



O bicudo também é comum em Mato Grosso e tem um canto diferenciado

passarinho e os eia si bintelligente nellor

que ser dos passarinhos. Às vezes a gente leva a mulher no porta-malas e os passarinhos no banco”, explica Luiz dos Santos, em tom de brincadeira.

Agora ele pretende investir no melhoramento genético e está adquirindo vários reprodutores, na base da troca com criadores de outros estados. A casa também está sendo ampliada para que os pássaros tenham uma maternidade mais espaçosa, no andar superior da residência.

Os criadores vivem em função dos pássaros e não perdem nenhum torneio ou campeonato nacional. Pássaros do Brasil inteiro participam das competições, e os premiados se valorizam a partir dos campeonatos que ganham. Quem canta por mais tempo é o campeão dos torneios, e alguns curiosos chegam a cantar durante sete minutos ininterruptos.

É por isso que Luiz dos Santos também diz que pretende investir

na compra de um repetidor, encontrado nos torneios. “É um passarinho muito bom, que põe os outros a cantar, e vai ser o professor dos filhotes. Não adianta você ter um passarinho de boa procedência se ele não tiver rendimento de canto, porque hoje o campeão é quem canta mais, e nós estamos investindo neste sentido”.

Amparo jurídico

A atividade de criador de pássaros em cativeiro tem as suas normas estabelecidas pela Constituição Federal, no artigo 225. De acordo com o advogado Carlos Honório de Castro, os legisladores consideraram que além do traço cultural de criação de animais domésticos há interesse social relevante na atividade, já que o riquíssimo patrimônio genético está e estará preservado em mãos dos criadores, pondo fim ao risco de extinção de espécies.

A orientação para quem tem interesse ou mantém aves em cativeiro de forma ilegal é buscar informações, que podem ser obtidas junto ao Ibama, SEMA e até mesmo junto aos clubes de criador de pássaros, legalmente habilitados para tanto, e nunca adquirir aves sem procedência legal e nunca capturar aves em seu ambiente nativo. De acordo com a legislação, a criação de aves em cativeiro pode ser desenvolvida de forma comercial e de forma amadora. No primeiro caso há que se estabelecer uma empresa comercial que deve ser autorizada pelo Ibama e SEMA e que poderá vender aves, através de emissão de notas fiscais, tudo também na forma da lei que rege as empresas do ramo de comércio. De outro lado, o criador amadorista não pode comercializar seus filhotes e aves de plantel podendo, entretanto, permutá-los com outros criadores e fazer doações, já que sua atividade é meramente de manutenção de espécies, já nascidas em cativeiro, de origem silvestre.



foto: Agrosintap

Luiz dos Santos, criador de curiosos em Varzea Grande, para fins comerciais



Chapada: turismo e desenvolvimento agropecuário

SECOM/MT

Produção e turismo

Luiz Perlato

O sonho da população de Chapada dos Guimarães em ter um parque de exposições está prestes a ser realizado, porque foi dado um passo decisivo neste sentido, com a aprovação do projeto que autoriza o Poder Executivo daquele município a proceder a regularização fundiária do imóvel onde está situado o Sindicato Rural de Chapada dos Guimarães. Esse imóvel deverá sediar o sonhado parque de exposições do município.

Segundo o presidente do Sindicato Rural de Chapada dos Guimarães, Jeovah Feliciano de Sousa, a regularização fundiária do imóvel foi muito importante para o meio rural e para toda a população chapadense, porque irá permitir, enfim, a concretização desse projeto.

"Diversos municípios ma-

to-grossenses não têm o nosso potencial de produção agropecuária mas já possuem um parque de exposição e um centro de comercialização, gerando empregos, assimilando novas tecnologias e conseqüentemente aumentando a renda dos produtores rurais e suas famílias", diz Feliciano, explicando que Chapada dos Guimarães tem cerca de 14 assentamentos rurais de agricultura familiar, cuja produção hortifrutigranjeira ainda tem que ser comercializada em feiras livres.

"O nosso município tem uma extensão de aproximadamente 600 mil hectares, divididos entre mais de 1.500 propriedades pequenas e médias. Temos cerca de 50 mil ha de lavouras ocupados com agricultura de subsistência e comercial, com soja, arroz, milho, algodão, feijão e outras culturas, totalizando uma produção anual superior a 100 mil toneladas. Temos ainda um re-

banho bovino de 105 mil cabeças de gado leiteiro e de corte, com média de 112 cabeças para cada um dos 930 produtores, e também temos granjas avícolas que produzem frangos de corte e ovos. Fora isso temos um considerável rebanho de ovinos de criação comercial e um bom rebanho de animais de montaria tanto esportiva quanto de trabalho", destaca o sindicalista.

A legalização do imóvel era necessária para permitir ao Sindicato Rural do município o recebimento de recursos de órgãos como o Senar - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, que integra o Sistema Famato, da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso. Mas a aprovação do projeto foi uma questão formal, uma vez que a área - cuja extensão é de 15 hectares - já pertencia à extinta Associação dos Produtores do município e foi doada ao sindicato.

'Viagra do cerrado'



Castanha de cumbaru conquista mercado e gera renda





Cada árvore chega a produzir 30 sacos de 60 quilos do fruto por ano

Luiz Perlato

Fruto nativo do cerrado mato-grossense, a castanha do cumbaru tem sido uma fonte de renda para pequenos agricultores que vivem no Pantanal. Em Poconé, a 104 Km de Cuiabá, existe inclusive uma cooperativa de produtores, a Comprup (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais de Poconé) que processa e comercializa a castanha e seus derivados. O volume ainda é pequeno, mas a atividade tem ajudado a preservar a vegetação nativa, evitando a derrubada das árvores.

Os cooperados têm planos de aumentar a produção daqui até a Copa de 2014, para satisfazer a crescente demanda.

Ação sustentável

Por ser muito comum no cerrado brasileiro, o cumbaru ainda não teve que ser reflorestado. Alguns

fazendeiros, havendo maior concentração de terras e outras fontes de renda, não dependem do extrativismo da castanha e costumam derrubar as árvores de cumbaru visando a utilização da madeira para cercas. Já os pequenos produtores têm no cumbaru uma importante fonte de renda complementar. A árvore do cumbaru tem resistido à pressão antrópica sobre a região e vem ajudando na subsistência da agricultura familiar.

O pacote de um quilo da amêndoa rende em média R\$ 25, com os preços alcançando os R\$ 30,00 o quilo no mercado brasileiro. Cada árvore chega a produzir 30 sacos de 60 quilos do fruto por ano, com uma retirada média de 3 quilos de castanha por saco.

A castanha lembra o gosto do amendoim, um pouco mais suave. O cumbaru ganhou destaque até no Globo Rural. Do pantanal para a cozinha, a castanha do cumbaru está se tornando um ingrediente cada vez mais popular nas mesas dos brasileiros. Quando torrada, pode ser servida como aperitivo ou acompanhamento de uma série de pratos.

Os pequenos produtores garantem que os derivados são tão saborosos quanto a castanha. Do cumbaru eles extraem uma farinha que serve para o preparo de doces, pães, paçoca, bombons e bolos. Em termos de sabor e propriedades nutritivas, a castanha de cumbaru não perde nada para as castanhas tradicionais como as nozes e amendoim, que são os produtos mais utilizados em grande escala na culinária internacional.

Estudos indicam que a castanha de cumbaru é rica em cálcio, zinco, ferro, fósforo, manganês e vitamina E, e que ela contém 45% de óleos e proteínas. Segundo pesquisadores, equivale ao amendoim. A casca pode ser usada para fins medicinais, no combate a dores de barriga, diabetes e no fortalecimento do coração. A semente é fortificante e dela se extrai o óleo de baru, que além de aromático age contra dores e reumatismo. As folhas possuem vários princípios ativos; há quem diga que tem funções afrodisíacas. É conhecido como o "Viagra do cerrado".

O cumbaru é uma árvore típica do cerrado brasileiro, mas que também ocorre na Bolívia e no Paraguai. Além de ingrediente na culinária, seus frutos podem ser utilizados para ração animal e no uso medicinal. Sua florada acontece nos meses de outubro e novembro e sua altura pode chegar a 15 metros, com um diâmetro de até 5 metros.

Os administradores da Comprup informam que a cooperativa está em fase de readequação, com a instalação de novas máquinas de torrefação. A produção de castanha torrada de forma manual era em torno de 40 Kg ao dia, 200 Kg por semana e 800 Kg ao mês. Com a ampliação da agroindústria e com as máquinas mais modernas a capacidade será de 1 tonelada ao mês.

Por enquanto, toda a produção é vendida para revendedores estabelecidos no aeroporto Marechal Rondon, em Várzea Grande, e para São Paulo. Mas de acordo com a cooperativa também existe demanda em Goiás, com interesse na aquisição da amêndoa para a fabricação de óleos e perfumes.

"A produção de frutos do cumbaru é muito grande, mas estamos conseguindo comprar apenas 30% de todo o volume que cai das árvores, e a nossa meta é chegar a pelo menos 50%, diz Luiz Carlos Ponce, representante da Comprup.

Segundo ele, cerca de 80 famílias de Poconé praticam o agroextrativismo, incluindo as comunidades tradicionais, quilombolas e assentamentos.

"Instalada na sede da cooperativa, a indústria vende uma média semanal de 100 quilos de castanha de cumbaru, e tem agricultor ganhando mais de um salário mínimo mensal exclusivamente com a venda da castanha de cumbaru. Os cooperados fazem o pré-processamento e entregam a castanha à cooperativa faltando apenas o corte e a secagem, antes da comercialização", destaca Ponce.

Cacto de Mato Grosso é destaque entre plantas ornamentais

Luiz Perlato

Um empresário catarinense do ramo de plantas ornamentais achou em Mato Grosso um tipo raro de cacto que, segundo ele, é uma das maravilhas do cerrado, em vias de extinção. Trata-se do *Discocactus heptacanthus*. É uma plantinha redonda e cheia de espinhos, que Paulo Roberto Winckler encontrou num terreno baldio e pedregoso, na cidade de Chapada dos Guimarães, após uma intensa procura, sem sucesso, em toda a região.

“De Mato Grosso nós não tínhamos nada, e pesquisando dia após dia, descobrimos que esse cacto estava ameaçado de extinção, estando localizado numa área de muita degradação. O pessoal está construindo pousadas, restaurantes e casas nessas áreas, e o cacto está em vias de ser extinto. Temos cerca de 300 espécies diferentes de cacto, mas esta é especial”, afirma Winckler, acrescentando que existem no mundo em torno de 2 mil espécies catalogadas.

“Nem todas são, porém, de interesse ornamental, como é o nosso foco. Muitas delas, no México principalmente, são utilizadas na alimentação humana, sendo que pelo menos 200 espécies também são usadas para fins medicinais ou farmacêuticos”, explica o empresário, salientando que em Mato Grosso há três espécies de cacto de interesse ornamental, sendo que apenas o *discocactus* corre risco de extinção. “As outras duas espécies também existem em outros estados e em outros países”.

Com algumas plantas dessas, Winckler diz que é possível fazer um trabalho diferenciado. “Temos uma gama de plantas matrizes, e



Foto: Paulo Winckler

Cactos são as plantas ideais para todo o tipo de jardineiro

sempre conseguimos recolocá-las na natureza. Viemos a Mato Grosso com a intenção de levar daqui umas trinta matrizes, com as quais pretendemos produzir sementes, se Deus quiser, e a ideia é usar parte da semente para a produção de mudas para o comércio no mundo inteiro. A partir daí eu acho que vamos estar garantindo a sobrevivência dessa espécie, independentemente do desmatamento no cerrado e de tudo o que acontecer nessa região, em função do progresso”.

Preservação

O cacto normalmente dá entre trinta e mil sementes cada cápsula. Essa espécie de Mato Grosso, os chamados *discocactus*, é bastante desconhecida por ser endêmica de uma região muito pequena. Não existe muito conhecimento sobre ele. “Não sabemos ainda quanto ele produz de semente, mas em média os demais tipos produzem de 80 a 100 sementes em cada cápsula, e cada planta chega a produzir seis cápsulas de sementes por ano. Portanto, provavelmente cada planta dessa vá produzir 500 sementes por ano”.

De acordo com Winckler, estudos feitos no México, em regiões mais ou menos parecidas com esta parte do Brasil, revelaram que de cada 1 milhão de sementes na natureza apenas uma chega à fase adulta.

“Já nos nossos viveiros nós conseguimos um êxito em torno de 80%, em média, com as sementes. Com esse número de plantas que conseguimos como matriz, existe a possibilidade de estamos produzindo dentro de dois ou três anos cerca de 15 mil sementes/ano. Portanto, essa espécie não corre mais o risco de extinção, sendo que a gente vai utilizar anualmente em torno de 2 mil sementes de cada espécie na nossa produção, e sobriariam aí em torno de 8 a 10 mil sementes para devolução à natureza em Mato Grosso”.

Paixão antiga

A paixão de Paulo Winckler pelos cactos começou há 25 anos, quando ele comprou uma chácara na Praia da Enseada, em São Francisco do Sul-SC.

“Desenvolvi um planejamento para embelezar a chácara, comecei a estudar as plantas orna-

mentais, e descobri que dentro de toda uma gama de possibilidades existia uma série de plantas que são de alta resistência a intempéries como o excesso ou a falta de chuvas. Comecei a pesquisar e a ler bastante, e, conforme desenvolvíamos o embelezamento da nossa chácara, diversos amigos demonstraram um interesse muito grande por esse tipo de planta. Diversas pessoas desconhecidas começaram a parar na nossa chácara e a querer comprar". Então ele diz que percebeu que havia espaço, naquele momento, na produção de plantas ornamentais. "Foi assim que começamos a atividade, há mais ou menos vinte anos. Hoje somos o quarto produtor de plantas ornamentais do Brasil, e possivelmente o terceiro em diversidade. Temos em torno de 500 plantas ornamentais, diferentes e exóticas, praticamente de todos os estados brasileiros, de quase todos os países da América do Sul e alguns países da América do Norte e da Europa".

Popularidade e paisagismo

Famosos por suas propriedades alucinógenas em países como o México, Estados Unidos e Peru, os cactos também são empregados na medicina, inclusive para emagrecer. Mas o uso maior, sobretudo no Brasil, é para decorar ambientes e jardins. Os paisagistas dizem que a facilidade no cultivo torna o cacto uma boa opção para quem não dispõe de muito tempo.

Os cactos crescem em muitas partes do mundo. A América do Sul e a África do Sul são especialmente representativas dos diferentes tipos de cactos existentes no nosso planeta. Segundo os estudos a respeito dele, este tipo de planta normalmente cresce e se desenvolve em sítios que poucas outras plantas apreciam, e uma vez que a maioria dos cactos cresce em regiões áridas as pessoas costumam associá-los com os desertos. No entanto, apenas uma pequena parte

dos cactos cresce em áreas extremamente secas. "Os cactos sempre foram plantas populares, em parte devido à enorme variedade de cactos que se pode encontrar, mas também pelos poucos cuidados que exigem para crescer e viver. Isto significa que os cactos são as plantas ideais para todo o tipo de jardineiro", é o que dizem os paisagistas.

Curiosidades

Resulta que o termo 'cactos' foi usado há cerca de 300 anos antes de Cristo pelo grego Teofrastus. Em seu trabalho chamado *Historia Plantarum*, ele associa o nome cacto às plantas com fortes espinhos. Embora os cactos possam ter formas diversas, ainda hoje associamos à idéia de que são plantas com muitos espinhos.

Nem todas as plantas que mantêm água dentro da sua estrutura são cactos. Essa característica também é comum às plantas suculentas. A diferença é que os cactos têm apenas caule e espinhos e as suculentas também têm folhas e nem sempre espinhos. Todos os cactos florescem, porém algumas espécies só dão flores após os 80 anos de idade ou atingir altura superior a dois metros. Depois da primeira floração, todo ano, na mesma época, as flores voltam a aparecer. Algumas espécies dão frutos comestíveis. É o caso do cacto mexicano *Opuntia ficus-indica*, que produz o conhecido figo-da-índia.

Cactos podem viver até 200 anos e alcançar 20 metros de altura (como o *Cornegia gigantea*, originário dos EUA e México). Mas também existem espécies minúsculas. A menor conhecida é o *Blofeldia liliputana*, dos Andes bolivianos, com apenas 0,5 centímetros de diâmetro. Apesar de 92% de sua estrutura ser composta por água, a presença do cacto indica sempre um solo pobre e seco.

No mundo, existem mais

de duas mil espécies de cactos catalogadas. Só no Brasil, são mais de 300 tipos. Os cactos reproduzem-se tanto por sementes quanto por estacas.

Aprendendo com os cactos

Muito se devasta e pouco se preserva. É verdade que muitos estudiosos se dedicam aos cactos por esta justa razão, já que eles estão sendo quase todos extintos, por mudanças climáticas e, sobretudo, por causa das queimadas e outras ações do homem. Mas o fascínio e a curiosidade em torno dos cactos revelam uma paixão que é compartilhada por milhares de pessoas. Entre as muitas razões que o levaram a se apaixonar por cactos, um colecionador que fez uma postagem na internet diz que poderia citar a beleza, o conteúdo exótico, o elemento decorativo, mas destaca um outro aspecto. Segundo ele, o que faz com que se encante cada vez mais é que os cactos ensinam a lidar com as pessoas.

"Cada pessoa passa a ser vista como um cacto, com suas particularidades, suas exigências, sua beleza, sua ira, sua bondade, seus espinhos. Acho que envasamento de cactos deveria fazer parte de qualquer teste da área de Recursos Humanos. Amar o que pode te ferir não é exatamente comum na cultura ocidental. Assim, envasar um cacto sem se ferir nem danificar seus espinhos é um passo para melhorar a convivência com as pessoas, com suas imperfeições, suas visões de mundo, suas regras, seus ataques".



Foto: Agrosintap

Paulo Roberto Winckler com o cacto raro encontrado em Chapada dos Guimarães



meioambiente.culturamix.com

Luiz Perlato

Sem Trigo

O Brasil, que se orgulha de ser uma grande potência agrícola, detém uma triste realidade e não consegue produzir sequer o pão que come. O trigo é um dos produtos em que o Brasil não detém autossuficiência. O país precisa de cerca de 10 milhões de toneladas para consumo, e já chegou a produzir 80% das suas necessidades, mas a cada ano que passa se produz menos trigo. Isso também está ocorrendo em Mato Grosso. Segundo o pesquisador da Empresa Mato-grossense de Pesquisa e Extensão Rural (Empaer) e coordenador da Câmara Técnica do Trigo do Estado, Hortêncio Paro, o estado tem potencial para ser um grande produtor do cereal, mas ainda faltam incentivos e ações para estimular o potencial produtivo, e o preço mínimo pago pelo governo aos novos agricultores deveria ser um pouco maior em relação à média nacional, por conta da quantia de gastos iniciais com os investimentos. Atualmente, são testadas 13 variedades em Nova Mutum e em Lucas do Rio Verde (ambas as cidades no norte

do estado). O tipo sequeiro tem um custo de R\$ 950 e rende aproximadamente 40 sacas do trigo. O sistema irrigado custa R\$ 2.400 e produz cerca de 80 sacas do cereal.

Pragas do tomateiro

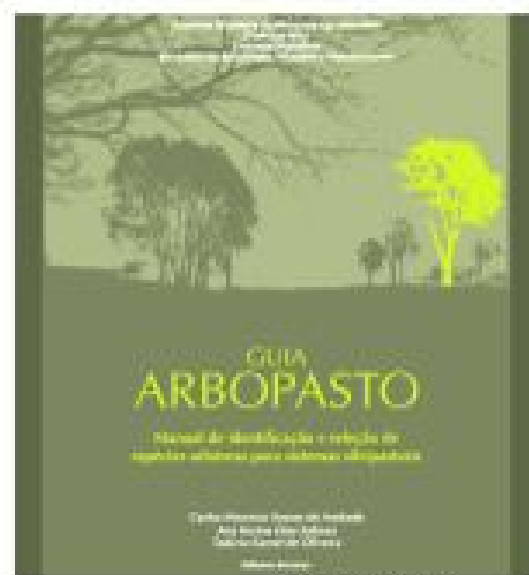


www.wadjois.com.br

A Embrapa Hortaliças lançou Fitossanidade do Tomateiro, que reúne projetos relacionados ao enfrentamento das pragas que atacam o tomateiro, de indústria e de mesa. O objetivo é que os produtores fiquem menos dependentes do controle químico. A página disponibiliza informações para os produtores que preferirem a produção orgânica e para os que praticam a produção convencional com a responsabilidade de fornecerem alimento sem resíduos de agrotóxicos. O espaço é um repositório de infor-

mações referentes ao projeto "Diagnóstico e Controle de Pragas em Sistemas de Produção de Tomate", coordenado pela pesquisadora Alice Nagata. O topo do lista das ameaças à produção de tomate, que até bem pouco tempo era ocupado pela traça-do-tomateiro, hoje tem uma lagarta devastadora como o pior inimigo. A ascensão da *Helicoverpa armigera* tem surpreendido produtores e pesquisadores pelo seu poder de destruição.

Guia da Embrapa



www.embrapa.br

A arborização de pastagens é uma alternativa para diversificar a renda do produtor rural, oferecer mais conforto ao animal, melhorar a fertilidade do solo e aumentar a produtividade do rebanho. Para ajudar na escolha das espécies, a Embrapa lançou o Guia Arbopasto: manual de identificação e seleção de espécies arbóreas para sistemas silvipastoris. O guia descreve 51 espécies diferentes que ocorrem naturalmente em pastagens e traz duas modalidades de classificação: as que possuem melhores características para fornecimento de serviços, tais como qualidade da sombra, dos frutos, de fornecimento de nitrogênio e as melhores árvores para produção de madeira. No total, foram avaliadas 15 características de cada espécie. "Trata-se de um manual para ajudar o produtor rural a fazer arborização de pastagens, tanto para escolher espécies a serem plantadas, quanto

para manter as espécies que já ocorrem no pasto”, afirma o pesquisador da Embrapa Acre, Carlos Maurício de Andrade, um dos editores técnicos do Guia. Para a pesquisadora da Embrapa Rondônia, Ana Karina Salman, o Guia Arbopasto pode ser considerado um marco para as pessoas que trabalham com sistemas silvipastoris e agroflorestais. A espécie que apresenta as melhores características para fornecimento de serviços foi o bordão-de-velho (*Samanea tubulosa*), árvore nativa, que ocorre principalmente na Amazônia e no Cerrado.

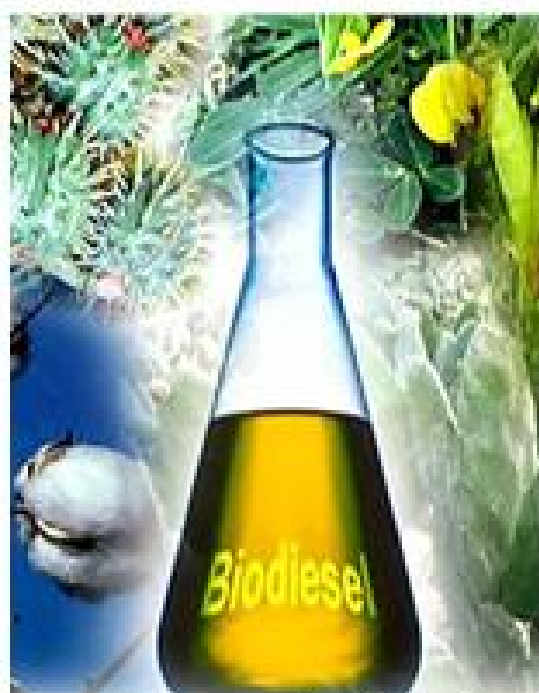
Festa da jabuticaba



Quem gosta de jabuticaba pôde se deliciar mais uma vez nas jabuticabeiras do Sítio Colina Verde, em Juscelmeira. O 26º Festival da Jabuticaba foi realizado no período de 3 a 9 de novembro de 2013, contando mais uma vez com um grande público, de todas as partes de Mato Grosso e até de outros estados. O evento, que já é considerado tradicional na região, traz a gostosa proximidade com o meio ambiente, pois é o próprio visitante quem colhe a fruta. São 750 jabuticabeiras, repletas de fruta, e os visitantes podem consumir à vontade, mediante o pagamento de R\$ 10 por pessoa. Conforme a proprietária do sítio, Neuza Schembk, o plantio começou com seu sogro, em 1958. “Ele chegou de São Paulo com quatro mudas da árvore na mala, e eu e meu esposo demos continuidade”, comenta. Hoje o festival é um dos maiores do

estado, e além da jabuticaba in natura, os participantes do festival podem adquirir subprodutos, feitos no próprio local, como a geleia e a polpa da fruta.

Biodiesel de macaúba



macaubanet.blogspot.com

Uma pesquisa da USP trabalha na viabilidade do uso do óleo de macaúba na produção de biodiesel. A espécie, encontrada do Mato Grosso até o Rio Grande do Sul, possui substâncias que garantem boas propriedades automotivas para o combustível. A macaúba apresenta como principal vantagem para a produção do combustível a produtividade e a composição dos óleos. Ela tem alta produtividade, podendo render até 4 mil litros de óleo por hectare a cada ano. Da macaúba são extraídos dois óleos: o de polpa e o de amêndoa. A produção é de aproximadamente 4 mil litros por hectare/ano, enquanto a soja, que é uma cultura anual, produz aproximadamente 420 litros por hectare/ano. Mas, de acordo com os pesquisadores, o óleo de macaúba exige mudanças no processo de produção do biodiesel para ser utilizado como matéria-prima. Devido ao tipo de colheita e ao processamento do óleo, principalmente o de polpa, apresenta elevada acidez e desta maneira não pode ser processado pelo processo convencional de transesterificação alcalina.

Máquinas Agrícolas

O governo federal entregou para Mato Grosso, no final de outubro, 44 retroescavadeiras e 34 motoniveladoras, beneficiando cerca de 260 mil pessoas que vivem nas áreas rurais, sendo 44.209 estabelecimentos de agricultores familiares. O secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPA/Mapa), Neri Geller, que participou da entrega das máquinas, falou da importância dessas ações do governo e principalmente nos grandes avanços que o setor vivencia na defesa da produção nacional. “Dos R\$ 152 milhões que foram disponibilizados, entre agricultura familiar e agricultura comercial, só nesses primeiros três meses do Plano Agrícola e Pecuário 2013/14 já foram acessados mais de R\$ 44 milhões. Isso demonstra que o governo está desburocratizando cada vez mais para que o produtor tenha mais facilidade no acesso aos programas disponibilizados”, ressaltou o secretário.



www.maturata1.com

Mitos da carne suína



www.1000gr.com.br

A Associação de Criadores de Suínos do Estado (Acrismat) quer eliminar mitos sobre carne suína e aumentar consumo desse produto em Mato Grosso. Até a década de 1990 a banha do suíno era utilizada para o cozimento de alimentos, e por esta razão, sua alimentação era reforçada para que o animal acumulasse gordura. Atualmente a alimentação dos suínos é composta basicamente por suplemento vitamínico E, óleo de soja e linhaça, o que diminuiu drasticamente os níveis de colesterol na carne. Mesmo assim, alguns mitos antigos envolvendo a carne suína entravam o crescimento do consumo deste tipo de proteína. Segundo a Acrismat, o animal só se portava como vetor de doenças devido ao ambiente no qual era criado antigamente, muitas vezes em contato com fezes humanas. Com os padrões sanitários aplicados nas granjas modernas, como é o caso de Mato Grosso, o índice de contaminação é quase nulo, pois os animais são criados em locais fechados e higienizados.

Carne bovina



Uma missão de formada por inspetores do Escritório de Alimentação e Veterinária da União Europeia (FVO, sigla em inglês) visitou o Brasil para avaliar os trabalhos de identificação e certificação individual dos animais em propriedades rurais habilitadas para exportar para os países do bloco. Segundo o Ministério da Agricultura, atualmente 1.687 fazendas estão habilitadas para exportar carne bovina in natura para o mercado europeu. A missão inspecionou estabelecimentos em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O Ministério da Agricultura explica que é responsável por identificar e certificar o rebanho de bovinos e bubalinos do território nacional, por meio do Sistema de Identificação e Certificação de Bovinos e Bubalinos (Sisbov). O trabalho é realizado em parceria com serviços estaduais de Defesa Agropecuária. O coordenador do Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos, Alexandre Bastos, explica que a verificação do sistema pela União Europeia é importante, pois o bloco é um dos mercados mais exigentes do mundo.

Produção Agrícola



www.lesjunior.com.br

Mato Grosso tem cinco entre os dez municípios com maior geração de renda agrícola do Brasil. A pesquisa, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), revelou que Sorriso, Sapezal, Campo Novo dos Parecis, Nova Mutum e Primavera do Leste estão entre os campeões da produção. Sorriso,

que detém o título de "Campeão Nacional do Agronegócio", perdeu a primeira posição no valor da produção para São Desidério (BA), mas continua sendo o maior produtor de soja e milho, responsável por 9% e 12,8% da produção dessas culturas em Mato Grosso, respectivamente.

Lembranças de Homero



www.dmazul.com.br

A morte do ex-deputado federal e produtor rural Homero Pereira causou comoção na classe produtora mato-grossense. Em uma homenagem a Homero, o presidente do Sistema Famato, Rui Prado, declarou que Mato Grosso e o Brasil perderam um grande líder. "Ele tinha o dom de saber ouvir e de acomodar diferentes ideias em torno de um projeto. Isso é para poucos. Trabalhamos juntos na Famato desde os tempos em que presidi o Sindicato Rural de Campo Novo do Parecis. Quando assumi a presidência da entidade, busquei me espelhar em suas principais virtudes: determinação, coragem e paciência. Foram muitos feitos e conquistas. Graças ao Homero, Mato Grosso conseguiu destaque no cenário político brasileiro que fizesse jus a sua liderança na produção de alimentos. Ele presidiu a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), a maior do Congresso Nacional, formada por mais de 200 parlamentares, e mostrou como o setor amadureceu em seu trabalho de representação política.

Custo do Algodão



mtagronews.blogspot.com

De acordo com o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), o custo de produção do algodão deve aumentar 13% na safra 13/14 em Mato Grosso. O desembolso do produtor passará de R\$ 5.123, por hectare para R\$ 5.809/ha, dependendo da tecnologia adotada pelo produtor. As despesas com insumos, somadas em R\$ 2.547/ha, respondem por 47% do custo total de produção. Segundo o Instituto, os produtores do estado têm demonstrado interesse pelas novas tecnologias, no caso das sementes cujo gasto por hectare subiu 156%, de R\$ 269,67 para R\$ 105,29. A despesa com sementes era em torno de 4% a 5% do custo com insumos, já na safra 2013/14 essa participação subiu para 10%, conforme o Imea.

Semeadura recorde



portaldoseducadorcristao.com.br

De acordo com o Imea, a semeadura da soja da temporada 2013/14 em Mato Grosso caminha

em ritmo acelerado, aproveitando as boas condições climáticas em boa parte do estado para intensificar os trabalhos nas lavouras. No final de outubro o plantio da safra brasileira de soja 2013/2014 já havia alcançado 34% da área estimada. Isso significa que cerca de 10 milhões de hectares, de um total de 29,4 milhões de hectares, já foram semeados, conforme estimativas. O resultado corresponde a um avanço semanal de 15 pontos percentuais e ligeira vantagem na comparação com os 32% plantados um ano atrás e os 33% da média de cinco anos. Em Mato Grosso, principal estado produtor, a melhora generalizada da umidade do solo e a alternância entre chuvas e períodos de sol têm contribuído para o avanço acelerado do plantio.

Milho perde área



credit: Mayla Toscano/Secom-MT

A primeira estimativa para a safra de milho 2013/2014, realizada pelo Imea, aponta uma área de 3,36 milhões de hectares e produção de 16,34 milhões de toneladas do grão em Mato Grosso. A cultura perdeu 9,3% de sua área na safra 2012/2013, de 3,7 milhões de hectares para outras culturas de segunda safra, como girassol e algodão. Após a área de milho nesta safra atingir participação recorde de 46,7% sobre a área de soja no estado, projeta-se para a temporada 2013/2014 um recuo de 6,2 pontos percentuais nesta participação. O decréscimo na área do cereal será ocasionado, sobretudo, devido às baixas cotações do grão neste ano, que desestimularam um novo avanço produtivo para o próxi-

mo cido.

Porto de Santarém



www.portoantimo.com

A importância do porto de Santarém, no oeste do Pará, vem crescendo como alternativa para o escoamento dos grãos do Centro-Oeste do país. Diariamente, toneladas de grãos, como milho e soja, saem do porto. Foram transportados, de janeiro a setembro deste ano, quase 1,7 milhão de toneladas de grãos, indicando um crescimento de 66% sobre o mesmo período de 2012. Em 2013, o milho lidera as exportações, com 700 mil toneladas, cinco vezes mais do que em 2012. A posição geográfica do município é fundamental para as exportações para Europa e Ásia. O porto está localizado à margem direita do Rio Tapajós. Os navios saem da cidade carregados de grãos e seguem pelo Rio Amazonas até o Oceano Atlântico, com destino à Europa e Ásia. O gerente da multinacional do mercado de exportação, Ronaldo Donath, explica que antes de começar as operações em Santarém, precisava percorrer longas distâncias para levar os grãos do Centro-Oeste para os portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR). "A grande vantagem de Santarém, da saída do Norte mais precisamente, é o estrangulamento dos portos do Sul e do Sudeste e também a distância entre o polo produtivo que é o Centro Oeste, Mato Grosso. Aqui tem uma economia de mais ou menos 800 a 1 mil quilômetros de distância", ressalta.



Manso

www.estacaovida.org.br

Hidrelétrica de Manso completará 13 anos em dezembro

Chapada dos Guimarães cobra providências pelo impacto da construção da usina de Manso

Luiz Perlato

A Hidrelétrica de Manso completará 13 anos em dezembro, mas os impactos sociais causados pela obra ainda não foram resolvidos, e muitos agricultores desabrigados continuam à espera de indenização. Uma parte deles foi transferida para localidades cujas terras não são produtivas como as que haviam, e outros acabaram sendo obrigados a se estabelecer na cidade, vindo a engrossar o percentual da população com dificuldades de acesso a escola, saúde e emprego.

Este tem sido um dos assuntos mais discutidos em Chapada dos Guimarães. A usina foi construída em parceria com a iniciativa privada, e a partir de fevereiro de 1999 a empresa Furnas Centrais Elétricas ficou responsável pelos outros 70% até então administrados pela Eletronorte. É contra ela, portanto, que pesam as

acusações de promessas não cumpridas com a população de Chapada.

Num acordo assinado anos atrás, cada beneficiário iria receber uma casa com energia elétrica e água encanada, e a propriedade teria ao menos quatro hectares de terras mecanizadas, com maquinário, consultoria agrícola durante cinco anos, além de escola, posto de saúde, templo religioso e quadra de esportes.

Na prática, no entanto, isso não teria acontecido. Todos os prazos para revitalização, desenvolvimento e licenciamento dos assentamentos foram descumpridos por Furnas, conforme relatos dos vereadores chapadenses.

Para o presidente da Câmara de Chapada, Carlinhos do PT, muito embora o lago de Manso tenha se tornado um cartão postal de

Mato Grosso - como muita gente diz - é preciso ter em mente que a construção da barragem desagregou inúmeras famílias e significou a expulsão deles de suas terras produtivas na beira do rio Manso.

"Foram alagados 50 mil hectares de terras produtivas, e as famílias foram colocadas em outras terras sem o devido cuidado social. Não deixaram peixe e nem mesmo uma marina pública para a população, visto que o entorno do lago de Manso hoje é ocupado por pessoas de alto poder aquisitivo".

Genocídio cultural

Carlinhos do PT também lembrou que a Organização das Nações Unidas (ONU) chegou a avaliar que Furnas, ao retirar moradores da região do rio Manso, em Chapada dos Guimarães, cometeu "genocídio cultural".

O caso dos atingidos pela barragem da Usina Hidrelétrica de Manso foi investigado pela ONU em 2004. Os pesquisadores percorreram toda a região de Manso e produziram um relatório sobre a violação de diversos direitos humanos econômicos, sociais e culturais. No documento, a ONU acusou Furnas Centrais Elétricas de empobrecer as famílias da região.

O relatório pediu providências imediatas ao ministério público estadual e federal para que pleiteassem a revisão dos acordos assinados por Furnas com os atingidos, para que a empresa fosse obrigada a indenizar as famílias de modo justo. Entre as consequências apontadas estavam as dificuldades de adaptação ao novo ambiente e o empobrecimento das famílias em função da baixa produtividade do solo.

Dentre outras coisas, ficou acertado que Furnas forneceria os maquinários para cascalhar e patrolar as estradas criadas em consequência dos assentamentos. Mas Chapada dos Guimarães até hoje não recebeu os maquinários, e uma das comunidades rurais que mais necessitam desses implementos é João Carro.

Pressão dos vereadores

De acordo com o vereador Sandok (PSD), que foi um dos moradores prejudicados pela construção da barragem da usina, os maquinários prometidos pela administradora do empreendimento nunca

chegaram na comunidade rural de João Carro. "Sou vereador há nove anos, e em todo esse tempo vi que as promessas vão de ano para ano, sem que nada seja cumprido, num total desrespeito com o povo de Chapada", diz ele.

Conforme o vereador Joair Siqueira (PMDB), muitos agricultores familiares ainda não foram indenizados, e os que foram indenizados só conseguiram isso por força de ações judiciais.



Manso: sem estrutura para peixes subirem

nem mesmo uma estrutura para os peixes subirem. "A lei que dispõe sobre isso é de minha autoria, inclusive, mas nunca foi cumprida, e não existe piscicultura no lago de Manso", destacou o vereador.

Promessa dos maquinários

O vereador Beto Belufi complementou as considerações sobre a usina, reforçando a necessidade de se retomar os projetos de fomento à piscicultura, bem como outras providências, como a criação de um acesso público ao lago, para fins de lazer e turismo, e o amparo aos agricultores desalojados de suas terras.

"A construção da usina de Manso foi de suma importância para todos nós, porque não se vive sem energia. Mas o que está sendo pedido a Furnas é pouco em relação ao lucro do empreendimento, hoje. A doação dos maquinários, por exemplo, não é mais que a obrigação de Furnas, para pagar o que ela e outras empresas levaram de Chapada, e Furnas não está fazendo isso", afirma Belufi. Ainda segundo ele, mesmo após a doação de maquinários por parte de Furnas continuará existindo um problema social devido à construção da usina de Manso, tendo em vista a quantidade de agricultores que foram desagregados. "Eles viviam à beira do Rio Manso e ali eram felizes com suas casas e suas lavouras de subsistência, vindo praticamente a perder tudo o que tinham", finalizou Belufi.

Os vereadores Beto Belufi (DEM) e Nilo Ivo (PR) também são da região de Manso e aprofundam as discussões sobre a necessidade de providências em favor dos agricultores desabrigados pela construção da hidrelétrica.

Conforme Nilo Ivo, a impressão que dá é que Furnas não está nem aí para o drama dos agricultores que perderam suas terras produtivas. "Muitos deles foram transferidos para Água Branca, Alto Paraguai e outras localidades cujas terras são improdutivas. Furnas deveria ter mais respeito pelo povo de Chapada e deveria fazer a sua obrigação", diz ele, acrescentando que a empresa não fez

Empresa contesta

Compromissos com atingidos pela APM Manso foram todos cumpridos, diz Furnas

A Revista Agrosintap procurou a assessoria de comunicação de Furnas, que prontamente forneceu, por e-mail - um posicionamento da empresa. Em síntese, Furnas contesta as denúncias e diz que já cumpriu todos os compromissos referentes à obra. Leia, a seguir, o inteiro teor da resposta da empresa:

"Furnas assentou e cumpriu com todos os compromissos assumidos com 343 famílias em cinco assentamentos no município de Chapada dos Guimarães/ MT no ano de 2000, em decorrência da implantação do Aproveitamento Múltiplo de Manso.

Outras 79 famílias optaram por receber o valor de suas propriedades por indenização. Essas 422 famílias faziam parte do cadastro sócio patrimonial, levantado na época, como atingidos pelo APM Manso. Posteriormente, em 2003, o Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB reivindicou a inclusão de mais famílias, alegando que essas também teriam sido atingidas pelo empreendimento.

Furnas então contratou duas auditorias externas para identificar e comprovar as alegações do MAB de que outras famílias, além das 422 existentes em cadastro, teriam sido atingidas pelo APM Manso. A última auditoria foi realizada com a participação efetiva do MAB, que ajudou a definir critérios para o trabalho. A auditoria identificou 458 famílias com direito a algum tipo de reparação, totalizando 880 famílias (os 343 assentados, 79 indenizados

e 458 com direito a reparação). Desde então (2003) Furnas vem negociando com o MAB. Essas negociações envolveram uma ajuda de custo mensal ao longo deste período até dezembro de 2012. Um total de mais de R\$ 23 milhões.

Agregado a esta ajuda de custo e com o objetivo de apoiar os atingidos, Furnas, por meio de parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, realizou a análise do solo dos assentamentos, visando orientação do melhor cultivo para o tipo de terra. Por meio de convênio com a Empresa Mato grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural - Empaer, Furnas orienta há mais de 10 anos cada família, com relação à produção e à liberação de pareceres para crédito rural.

Em 31 de outubro de 2012, foi feito um acordo com o MAB para o pagamento de indenizações a 761 famílias, tendo sido quitado com valores definidos em conjunto com as lideranças do MAB com base nas contrapartidas

definidas na implantação do APM Manso. Esse acordo foi fechado com os advogados representantes da direção do MAB, e protocolado na Justiça Federal de Mato Grosso. O acordo abrangeu todas as 880 famílias reconhecidas no processo de auditoria feito em conjunto com o MAB, exceto as 119 famílias que venderam suas propriedades nos assentamentos e os falecidos cujos herdeiros estão em processo de inventário. A quitação a cada beneficiário vem sendo feita desde 19/11/12 com assinatura de termo de acordo individual.

Com a formalização e quitação do acordo, Furnas e o MAB deixaram claro no documento que entendem que os compromissos da empresa com os atingidos pela APM Manso foram todos cumpridos".



Lago de Manso: cartão postal

Mato grosso é um mercado promissor

Luiz Perlato

Mato Grosso, que é o maior produtor nacional de grãos e tem o maior rebanho bovino comercial do Brasil, tem perspectivas para se tornar também o maior produtor de peixes no sistema de piscicultura. O aumento da produtividade, resultante dos incentivos no setor, já levou o estado a passar do quinto para o terceiro lugar na lista dos maiores centros produtores do país.

A piscicultura está em expansão em todo o Brasil. É um mercado promissor. Dados do Ministério da Pesca e Aquicultura mostram que o setor cresceu no país num ritmo de 9% nos últimos seis anos. Atualmente em todo o Brasil, são produzidas 479 mil toneladas de pescado por aquicultores e 1,2 milhões de toneladas pela pesca.

No entanto, Mato Grosso está entre os estados brasileiros onde a aquicultura mais cresce. A produção de peixe no estado. Em 2011 foi de 48.748 toneladas, o que representa um aumento de 37% nos últimos anos. Os dados são do boletim de estatística do Ministério da Pesca, que teve como base o ano de 2010, e que só foi concluído agora, em 2013. De acordo com a Associação dos Aquicultores de Mato Grosso (Aquamat), a expansão na produção é de cerca de 10% ao ano. Este crescimento não ocorre por acaso. Estado e municípios vêm colocando em prática ações efetivas de fomento à atividade, que estão fazendo a diferença entre os piscicultores. É o caso, por exemplo, da nova política estadual de desenvolvimento sustentado da aquicultura e da piscicultura (Pró-Peixe), que redefiniu o setor.

Os piscicultores com até cinco hectares de lâmina d'água em tanque escavado e represa ou até 10 mil metros cúbicos (m³) de água em tanque-rede foram dispensados de licenciamento ambiental, o que facilitou o acesso aos incentivos e desburocratização do processo produtivo.

Os pequenos produtores devem apenas se inscrever no cadastro de exploração e criação de peixe do Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea), cujo formulário pode ser preenchido gratuitamente em uma das unidades do órgão.

A medida, que entrou em vigor no dia 7 de junho, era uma antiga reivindicação dos piscicultores. Segundo a Aquamat o custo do licenciamento e o pagamento de taxas giravam em torno de R\$ 15 a R\$ 20 mil, o que inviabilizava o acesso dos pequenos produtores. A nova lei beneficiou principalmente a agricultura familiar, que agora pode investir no segmento. Estimativas apontam que o número de produtores no estado pode chegar a 2 mil neste ano.

O desenvolvimento da piscicultura tem suas origens na Resolução 413, de 2009, do Conama – Conselho Nacional de Meio Ambiente, que criou condições para autorizar os estados a incentivar a atividade, pelo largo alcance social e também pelo baixo impacto ambiental.

Entre os fatores favoráveis à piscicultura estão a abundância de recursos hídricos e o crescimento da demanda. Pelo menos seis estados vêm buscar peixe em Mato Grosso, e isso tem contribuído para o aumento da produção. A alta produção de grãos no estado também torna a criação de peixe mais acessível, tendo em vista que a ração em Mato Grosso sai bem mais em conta.

Conforme a Aquamat, Mato Grosso tem os preços mais competitivos do Brasil para a produção da ração. Associado a isso, o setor de produção de ração está muito bem estruturado. Hoje existem nove fábricas de ração para peixe, e há expectativas para a instalação de outras indústrias. Segundo os produtores, a ração corresponde a 80% do custo de produção do pescado.



A piscicultura está em expansão no Brasil

João de Meier/Emapaer-MT

Fomentar a piscicultura é uma das ações da Sedraf

Luiz Perlato

Com a cadeia produtiva da piscicultura em expansão, consequentemente a demanda por mão de obra qualificada também aumenta, mas o mercado oferece muitos cursos para quem tem interesse na piscicultura. O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MT) é um dos órgãos que oferecem cursos nesta área. Há cursos para piscicultores também no Sebrae, na Associação Mato-grossense dos Municípios (AMM) e nos municípios, por conta das prefeituras.

Manejo e criação é um dos cursos oferecidos pelo Senar-MT para qualificar os profissionais da cadeia produtiva da piscicultura. O analista de educação, Eduardo Silveira explica que neste treinamento os alunos aprendem a construir viveiros e estudam a qualidade da água. "O conteúdo também inclui discussões sobre a comercialização da pesca extrativista e custo de produção na piscicultura".

Quem pretende iniciar na atividade também tem na Secretaria de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar de Mato Grosso (Sedraf) um parceiro importante. Fomentar a cadeia produtiva da piscicultura em Mato Grosso é uma das ações da Sedraf, que está incentivando a produção e a comercialização de peixes através do 'Pacote da Agricultura Familiar', maior programa do governo do Estado voltado aos pequenos produtores.

O governo tem o foco nos mais de 500 assentamentos, onde grande número de assentados procura informações sobre a criação de peixes para alimentação da família. Um dos trabalhos nesse sentido tem sido a doação de alevinos. O pacote contempla os 15 Consórcios Intermunicipais abrangendo os 141 municípios de Mato Grosso. Resulta que foi distribuído em todo o estado mais de um milhão de alevinos das espécies

tambaqui, tambacú e tambatinga.

O deputado José Domingos Fraga Filho, que foi secretário da Sedraf no início dos projetos do atual governo do estado destinados a alavancar a piscicultura, destaca a importância dos insumos agrícolas na vida dos produtores. "Devolver a esperança, de viver da terra, dos produtores é a maior recompensa que nós, gestores, podemos almejar do nosso ofício. Eles precisavam de um incentivo, de um empurrãozinho, para produzir mais e melhor e assim, garantir qualidade de vida e renda para sua família", assinala.

Projeto

A Sedraf vem trabalhando na organização do setor de piscicultura e no aumento da oferta do produto no mercado desde 2009, com a implantação do projeto "Criar Nágua". Na época, fez a primeira publicação no Brasil de estudos sobre custo de produção de peixe nativo da região do pantanal e amazônica, envolvendo pesquisadores da Unemat e técnicos da secretaria. O resultado positivo foi o aumento da produtividade em 67%, no período de dois anos.

O projeto instalou 15 Consórcios Intermunicipais de Desenvolvimento Sócio-econômico e Ambiental em 141 municípios, visando apoio na assistência técnica e capacitação feita em instituições do estado, maquinários para a construção dos viveiros para piscicultura, regularização das questões ambientais, além de articular a comercialização e beneficiamento da produção de peixe.



Estação de Piscicultura da
Empaer em N. Sra. do Livramento/MT

João de MeloEmpaer-MT



A piscicultura pode ser desenvolvida em qualquer região onde haja abundância de água

Agrosintap

Consórcio do Vale do Rio Cuiabá auxilia no escoamento da produção

Luiz Perlato

Um dos órgãos que vêm se destacando na área da piscicultura é o Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Econômico e Social do Vale do Rio Cuiabá, composto pelos municípios de Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento, Poconé, Santo Antônio de Leverger, Barão de Melgaço, Acorizal, Jangada, Chapada dos Guimarães, Rosário Oeste, Nobres, Planalto da Serra e Nova Brasilândia.

Os consórcios se dedicam a várias cadeias produtivas, mas a da piscicultura é uma das mais estruturadas. O consórcio de Cuiabá, por exemplo, tem uma retroescavadeira agrícola para o trabalho de escavação dos tanques de piscicultura, e o grupo está pleiteando outros maquinários junto ao Ministério da Pesca. A retroescavadeira atende os municípios do consórcio sob a forma de rodízio, ficando em média 30 dias em cada um deles.

Além da escavação dos tanques, o consórcio também presta um trabalho inicial de fomento à piscicultura. O trabalho do consórcio é feito em parceria com a Sedraf. Após um levantamento da deman-

da, o consórcio se articula com os órgãos da cadeia da piscicultura, no sentido de trazer para o município tudo o que é preciso para o desenvolvimento da atividade.

O consórcio também possui um caminhão-feira, totalmente equipado para a comercialização do pescado, que auxilia os piscicultores no escoamento da produção. "Não basta ensinar a produzir, é preciso dar também aos produtores um meio deles venderem o pescado", afirma Vinícius, acrescentando que uma preocupação constante do consórcio é reduzir a ação dos atravessadores junto aos piscicultores. "Dessa forma o produtor agrega valores ao peixe dele, porque ele vende diretamente ao consumidor".

O maior desafio para a expansão da piscicultura ainda é a limitação técnica, e por isso um dos objetivos do consórcio é capacitar os pescadores para que se tornem piscicultores e passem a produzir o seu pescado. "Ainda estamos muito deficientes neste quesito, bem como na parte de recursos", diz Vinícius de Castro Miranda, engenheiro Florestal do Consórcio do Vale Rio Cuiabá.

Saiba mais

Um hectare destinado ao desenvolvimento da piscicultura tem um potencial para a produção de 8 a 12 toneladas de peixe ao ano. Esse incremento na produção de peixes é uma alternativa de renda e diversificação da fonte primária, aproveitando os recursos hídricos, açudes, áreas improdutivas ou de baixa produção, além da utilização de subprodutos da agropecuária.

A piscicultura pode ser desenvolvida em qualquer região onde haja abundância de água. Em Santo Antonio de Leverger, por exemplo, a atividade está em fase inicial, com alguns tanques já em fase de criação de peixes. Como a pesca profissional é tradição no município, a pressão nas espécies nativas é muito grande, e o projeto da piscicultura vem para reduzir essa pressão.

Com isso os pescadores, e os ribeirinhos principalmente, podem ter uma renda para manter a própria família sem precisar pescar no período proibitivo ou da piracema. Eles tanto podem comercializar como consumir o peixe produzido, e esse aspecto econômico e social é o que tem levado os governos federal, estaduais e municipais a criar mais incentivos para a piscicultura.

Prefeitura de Cuiabá incentiva pequenos produtores

Luiz Perlato

O aumento da produção de peixe em Mato Grosso foi possível também por causa da atividade praticada por pequenos produtores que contam com a ajuda do poder público municipal.

Hoje as pequenas propriedades na região de Cuiabá têm 170 viveiros de peixe, e o secretário de Trabalho e Desenvolvimento Econômico de Cuiabá, Elias Alves de Andrade, informa que no mais tardar até fevereiro de 2014 serão perfurados mais 120 tanques, que precisam de licença ambiental e de uma série de requisitos técnicos para que possam funcionar legalmente.

De acordo com o secretário, a intenção de perfurar um número expressivo de tanques a cada ano se fundamenta no fato de que a piscicultura é um meio de renda

importante para a população rural do município, que se reflete na zona urbana, com o preço tabelado e mais acessível ao consumidor final.

Outra forma de estimular a produção em pequenas propriedades é facilitar a venda do pescado por meio do caminhão do peixe, que percorre feiras de vários bairros da capital. De junho até o começo de outubro já haviam sido vendidos com o auxílio desse projeto mais de 10 mil toneladas de peixe.

Em outras palavras, o poder público ajuda a perfurar o tanque para produção do peixe, compra coletivamente com eles a ração, para pagar um preço mais acessível, e ainda disponibiliza o caminhão, para que o produtor possa vender o seu produto diretamente à população, sem o atravessador.

As principais espécies produzidas são o tambatinga, tambacu, tambaqui, pintado e matrinxã. A produção tem como mercados o Distrito Federal e os estados de Goiás, Tocantins e São Paulo.

Hoje o escoamento de pescado no estado é feito principalmente por meio de peixeiros, que fazem a distribuição para o consumidor final (restaurantes, peixarias, supermercados e feirantes).



Cuiabá tem 170 viveiros de peixe e até fevereiro serão mais 120 tanques com ajuda da prefeitura

meioambiente.culturamix.com

Savi garante apoio técnico para assentados concorrerem a edital do Ministério da Pesca

O deputado estadual Mauro Savi (PR), por meio de sua assessoria parlamentar, está prestando todo apoio e orientação técnica às mais de 180 famílias da região de Manso (distante 90 quilômetros de Cuiabá) quanto à documentação exigida pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) para que elas integrem o edital para ocupação da área de Parque Aquícola de Manso, destinada à criação de peixes em tanques-rede.

A maioria dessas famílias é de pequenos produtores aptos a ingressarem na agricultura familiar, ou seja, de baixa renda. "Essa orientação que o deputado está proporcionando para nós é muito importante, pois a gente estava com dificuldades de colocar os nomes e a documentação para concorrermos às áreas lá do Manso", disse a representante do Assentamento Praia Rica, Maria Aparecida de Andrade.

Pelo edital, que foi publicado em setembro, serão áreas de 1 hectare para os chamados onerosos (que possuem maior poder aquisitivo) e de 0,11 hectare para não onerosos (baixa renda).

Conforme a superintendente do Ministério da Pesca em Mato Grosso, Marlene Assunção, o que o deputado Mauro Savi está fazendo, ao disponibilizar sua equipe técnica às famílias, "é mais que amparar a todas elas no sentido de ajudá-las a preparar a documentação e entender o edital para que elas possam concorrer às áreas do parque".

Esse suporte, ainda conforme a superintendente, é fundamental para agilizar o ingresso dessas pessoas nessa fase importante do edital, que representa "um importante passo para que essas famílias possam ter seu pedacinho de propriedade dentro do parque". Ela enalteceu ainda a preocupação de Mau-

ro Savi com o apoio aos pequenos produtores como os da agricultura familiar.

O lavrador Virgílio Pereira dos Santos, de 63 anos, que já há muito tempo se enquadra no perfil da agricultura familiar, foi um dos primeiros a receber a orientação necessária para atender ao edital e reconheceu que, sem essa assessoria, seria muito mais difícil ou talvez até impossível se adequar. "Nós estamos tendo uma ajuda que nos deixa a um passo da solução desse nosso problema, graças ao apoio do deputado", reforçou o lavrador.

Para o deputado Mauro Savi, o que mais o motiva a dar esse tipo de assistência é "porque isso vai beneficiar principalmente o pequeno, que é quem mais precisa".

(assessoria)



(assessoria)

Assessoria parlamentar dá apoio e orientação técnica às mais de 180 famílias da região de Manso



Criação em cativeiro também ajuda a preservar a espécie

Fernando Dutra/Sicme/MT

Carne de jacaré conquista o mercado

Luiz Perlato

Vinte anos atrás, quando alguns produtores rurais pantaneiros investiram na criação comercial de jacarés certamente não foram levados muito a sério por muita gente. Afinal, era difícil acreditar que haveria interesse por uma carne tão exótica. A exploração da pele de animais silvestres, por sua vez, enfrentava fortes restrições ambientais, devido à caça predatória e indiscriminada, que ainda hoje preocupa os ambientalistas.

Mas o projeto deu certo. A cooperativa que eles fundaram tem hoje 42 mil animais nas baias, e mesmo assim não consegue suprir a demanda. A instalação de um frigorífico para abate de jacaré dentro da cooperativa impulsionou a atividade.

Não que todos os mitos e obstáculos foram vencidos. Para se ter uma ideia, o presidente da Cooperativa de Criadores de Jacaré do Pantanal (Cocrijapan), João Henrique, revela que há pouco tempo eles tiveram que trocar de agência bancária, porque o banco com o qual trabalhavam há anos decidiu -

de uma hora para outra - romper a prestação de serviços com empresas que lidassem com animais silvestres.

"Eles cancelaram a nossa conta, e tivemos que procurar outro banco, e por aí vocês podem ver o quanto é difícil levar o nosso projeto adiante", observa João Henrique, jovem empresário, que é engenheiro agrônomo e neto de um dos fundadores da cooperativa. No entanto ele ressalta que mexer com jacarés é gratificante. "Quando se aprende a trabalhar não dá mais vontade de parar. Praticamente ainda estamos engatinhando, mas conseguir fazer algo diferente é bom demais, e o principal a gente tem, que são o mercado e o jacaré", diz ele.

Manejo sustentável

O médico veterinário do estabelecimento, Alessandro Spínola Bérnago, reforça as declarações do presidente. Ele diz que o mercado da carne de jacaré está completamente aberto no Brasil, e que a quantidade de pedidos, tanto pela carne quanto pela pele de jacaré, é muito grande. "Comparada com a necessidade do mercado, a produção ainda é pequena, e a cooperativa tem até que escolher os clientes para conseguir manter o fornecimento", afirma.

Segundo Alessandro, até alguns anos atrás se abatia jacarés, não com intenção de comercializar a carne, e sim a pele. De uns anos para cá, diz ele, a situação mudou. "Hoje conseguimos ter um valor agregado considerável na carne, e a nossa produção é insuficiente para atender o mercado. Se tivéssemos mais animais para o abate, seguramente teríamos muito mais compradores".

Nas baias da cooperativa não ocorre a criação de jacarés, e sim a recria. Autorizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), os criadores coletam os ovos na natureza, fazendo um manejo sustentável dos jacarés, que existem em abundância na região. Um estudo realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) revela que existem cerca de 22 milhões de jacarés no pantanal.

A natureza selvagem que abriga esses bichos hoje gera emprego e renda para as comunidades da região sem depender exclusivamente do turismo. Tendo em vista que o jacaré do Pantanal foi, durante décadas, alvo de caçadores ilegais, resulta que a regulamentação da criação em cativeiro também ajudou

a preservar a espécie.

Dificuldades do setor

A coleta de ovos de jacaré rende um bom dinheiro e pode ser uma complementação da renda nas propriedades rurais do pantanal, durante os três meses da atividade. "Numa fazenda com 500 jacarés, por exemplo, podem ser coletados cerca de 2 mil ovos, e para cada ovo coletado a cooperativa paga R\$ 2,50", explica o presidente da Coocrijapan.

Mas é uma tarefa cansativa e arriscada, que exige muito cuidado e paciência. "Além do acesso no pantanal ser difícil, os ninhos de jacaré tanto podem ser encontrados na terra, escondidos entre as folhas secas, quanto na água, sobre os batumes de matéria orgânica, e podem ser flutuantes ou no meio da mata", diz João.

Segundo ele, a cooperativa jamais conseguiu atingir nem a metade da coleta autorizada pelo Ibama, pela falta de mão-de-obra e também porque a população de jacarés no pantanal é muito grande. "Os levantamentos efetuados provam que a cada ano a quantidade de jacarés na natureza vem aumentando".

A Coocrijapan tem 22 cooperados e em torno de 200 mil hectares cadastrados para a coleta de ovos, porém a meta é dobrar a área de coleta, ampliando a atividade para Poconé e Barão de Melgaço. "Não conseguimos atender um leque maior de clientes porque estamos atrelados à questão do número de animais a serem abatidos. Este limite está relacionado à coleta de ovos na natureza, em que o volume oscila demais. Tem ano em que conseguimos coletar mais ovos, e há outros em que a coleta é menor", diz o veterinário da empresa.

De acordo com a Coocrijapan, ainda existem muitas dificul-



O mercado da carne de jacaré está completamente aberto no Brasil

Edson Rodrigues/Secom-MT

dades no setor, começando pela falta de estudos a respeito da atividade. A maior parte do conhecimento hoje existente foi conquistada em cima das tentativas e erros dos próprios produtores credenciados. Para viabilizar o negócio eles tiveram que ir se adaptando, e consta que foi assim, por exemplo, que descobriram que as baias devem ser redondas, e não quadradas. Nas baias quadradas os bichos se amontoavam nos cantos, sufocando e causando a morte dos jacarés que ficavam embaixo. Eles dizem que levaram anos para perceber isso.

Para os produtores, um dos grandes entraves da atividade é a falta de mão-de-obra especializada, principalmente para a coleta de ovos

na natureza. "Não existem estudos que possam nos orientar", dizem eles, acrescentando que deveria haver mais cursos para a formação da mão de obra e mais incentivos.

Pioneirismo

Existem apenas outros dois criadores em Mato Grosso, sendo um em Cáceres e outro em Poconé, mas somente a Coocrijapan tem o selo do Serviço de Inspeção Federal (SIF), que permite comercializar a carne em todo o território nacional. Os abates são feitos no frigorífico da própria Coocrijapan, cuja capacidade de abate é de 300 animais por dia.

Agrounidos
o melhor para cada necessidade

O processo de abate é feito totalmente em trilhamento aéreo. "O nosso processo de abate não tem contato com bancada, é feito totalmente em trilhamento aéreo como se faz com os bovinos e suínos, e dentro do abate é feito o atordoamento, risco de pele, esfolagem, desarticulação de cabeça e ossos, para depois passar para a sala de pesagem, resfriamento, desossa e estocagem. Atualmente são abatidos cerca de 1500 jacarés por mês", informa Alessandro Spinola.

A carne já sai embalada, e a higienização é outra etapa fundamental do processo de industrialização. O frigorífico da Coocrijapan tem onze cortes para comercialização, incluindo coxa, sobre coxa e quatro tipos diferentes de filé. Tem também o jacaré inteiro, eviscerado, e a coxa desossada. O corte mais procurado, conforme a cooperativa, é o filé de cauda. Os preços variam de R\$ 22,00 a R\$ 42,00 o quilo.

Muito embora tenha sido fundada em 1990, a Coocrijapan só ganhou o mercado e passou a ter movimento a partir de 2005, após uma ampla campanha de marketing. A carne de jacaré, até então pouco conhecida, é macia e agradável ao paladar. Conforme a cooperativa, além de ser rica em proteínas, possui baixo teor calórico, baixa taxa de gordura, e não contém gordura trans, colesterol e carboidratos, sendo portanto benéfica à saúde.

"Na dieta alimentar destes animais não são utilizados aditivos químicos e nenhum tipo de medicação, tornando-se desta forma uma carne 100% natural", explica o médico veterinário da cooperativa.

Sistema de criação

Na coleta de ovos na natureza, o material do ninho também é transportado para o berçário. A cooperativa tem um espaço destinado à maternidade, para onde os ninhos são levados. Acomodados no berçário, os ovos permanecem sob efeito de temperatura e umidade até sua eclosão. Após o nascimento os animais são tratados, higienizados e conduzidos às baias ou tanques de criação. As baias são limpas diariamente, evitando assim a proliferação de fungos que podem vir a danificar a pele dos animais. Um dos focos da Coocrijapan é a venda de pele crua ou curtida. A cooperativa ainda não industrializa a pele, mas informa que a demanda de pele legalizada e de boa qualidade também é muito grande. A alimentação é balanceada para que o animal fique no peso ideal, em torno de oito quilos. Conforme as informações, isso leva pelo menos 2 anos, equivalente ao tempo de engorda dos bovinos. Os machos comem e engordam mais, sendo portanto, mais valiosos. "Atualmente estamos trabalhando para fazer com que nasçam mais machos do que fêmea. Parece simples, e sabemos que isso pode ser feito regulando a temperatura na chocadeira. Mas depende de investimentos, e por enquanto a nossa estrutura é sim-



mexer com jacarés
é gratificante

www.saoraimundo.com

ples. Estamos em fase de transição, fazendo adequações no frigorífico e reestruturando também as baias", diz o presidente da cooperativa.

Segundo ele, as baias antigas (quadradas) eram feitas metade com água e metade no seco. Já as baias redondas têm a distribuição uniforme de áreas secas e áreas alagadas (interno seco e em volta alagado), tendo a água melhor distribuída. As antigas eternites também foram substituídas por sombrites.

"Descobrimos que a estrutura com eternit não liberava o sol, mas até chegarmos a essa descoberta também levou bastante tempo. Muitos desses conhecimentos surgiram de 2006 para cá: a gente foi estudando e foi pesquisando, porque no Brasil não há quase nenhuma referência sobre o assunto, e por outro lado não tínhamos condições financeiras para buscar conhecimentos no exterior".

Perspectivas

A alimentação dos jacarés em cativeiro, que hoje é feita com miúdos bovinos, deverá ser inteiramente substituída por ração, a partir de 2014. Com isso, os dirigentes da Coocrijapan acreditam que será bem mais fácil atuar no setor. A ração irá diminuir o custo, os gastos com água, energia, armazenagem e limpeza, deixando as baias mais higiênicas.

Outra coisa sobre a qual a cooperativa vem trabalhando diz respeito à legislação do setor. "O nosso sistema é diferente de países como a Bolívia e Estados Unidos, onde a caça é permitida. No Brasil só podem ser coletados os ovos, e nunca os animais. Mas achamos que isso poderia ser permitido sem nenhum prejuízo para a preservação da espécie, porque os jacarés aumentam vertiginosamente a cada ano, e a coleta dos pequenos animais não colocaria a espécie em risco de forma alguma", afirmam os produtores.

Nutrição da planta- Produção e qualidade do abacaxizeiro

* Maria José Mota Ramos¹, Pedro Henrique Monnerat², Leandro Glaydson da Rocha Pinho³

O estado nutricional do abacaxizeiro tem larga influência não só no crescimento da planta e, conseqüentemente, na produção, como também, na qualidade do fruto. A compreensão das exigências nutricionais do abacaxizeiro interpretando a concentração dos nutrientes recomendando-os corretamente é fundamental para a obtenção de frutos no padrão exigido pelo mercado interno e externo. Neste sentido, a identificação da folha na planta a ser amostrada para análise do estado nutricional é crucial. A coleta da folha errada revelará teores de nutrientes contradizentes com as faixas adequadas existentes na literatura, e conseqüentemente a recomendações equivocadas. Em abacaxi, recomenda-se a amostragem da folha D. O processo de identificação é simples e pode ser adotada a Figura 1 como exemplo. A roseta do abacaxizeiro foi subdividida em seis categorias de folhas da base para o ápice: A e B = senis; C = maduras; D = ativas; E e F = em via de crescimento (MALAVOLTA, 1982). Observa-se que a folha D é a maior entre as folhas mais jovens.

Siebeneichler et al. (2002), subdividiram a folha D em 4 partes, sendo estas a dorofilada, basal, mediana e apical, e determinaram os teores de nutrientes comparando-os com amostras da folha D inteira. Estes autores confirmaram a necessidade de padronização da amostragem foliar, quanto a parte da folha a ser analisada. Devido a dificuldades de descrever o limite entre as seções e a boa representatividade da folha D inteira, a amostragem da folha inteira é a forma que melhor se adapta a realidade do campo brasileiro. Na

Tabela 1 encontram-se os teores considerados adequados por diversos autores na folha D inteira e ou em suas partes

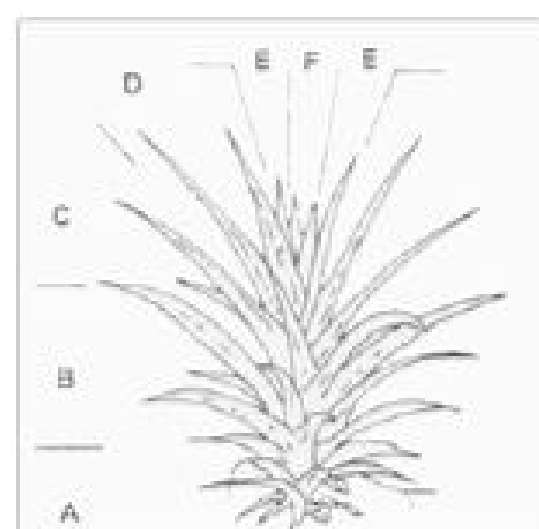


Figura 1. Distribuição das folhas do abacaxizeiro. Fonte: Malavolta et al., 1982.

Tabela 1 - Teores adequados dos nutrientes para o abacaxizeiro, considerando as diferentes formas de amostragem					
g kg ⁻¹					
Nutriente	Reuter e Robinson (1988) Parte Aclorofilada	Jones et al. (1991) Folha Inteira ou Parte Aclorofilada	Malavolta et al. (1997) Folha Inteira ou Parte Aclorofilada	Malavolta (1999) Folha Inteira ou Parte Aclorofilada	Boaretto et al. (1999) Parte Clorofilada
N	15 - 25	15-17	20-22	20-30	15-17
P	1.4 - 3.5	< 1	2.1 - 2.3	2 - 2.3	0.8 - 1.2
K	43 - 65	22 - 30	25 - 27	23 - 27	22 - 30
Ca	2.2 - 4.0	8 - 12	3 - 4	2 - 4	8 - 12
Mg	4.1 - 5.7	< 3	4 - 5	2 - 5	3 - 4
S	0.7 - ?	---	2 - 3	2 - 3	---
mg kg ⁻¹					
B	---	> 30	30 - 40	30 - 40	20 - 40
Cu	10 - 50	< 10	9 - 12	9 - 12	5 - 10
Fe	80 - 150	100 - 200	100 - 200	100 - 200	100 - 200
Mn	150 - 400	50 - 200	50 - 200	50 - 200	50 - 200
Zn	15 - 70	> 20	10 - 15	10 - 15	5 - 15

Fonte: Siebeneichler et al. (2002).

Existem variações nas faixas de teores adequados obtidas pelos pesquisadores (Tabela 1). As variações são devidas às condições regionais de levantamento dos dados, e não a falhas analíticas. Assim, para melhores resultados, as faixas devem ser regionalizadas e obtidas em estádios de desenvolvimento da planta. Um certo nutriente estando dentro da faixa, indica que a planta está adequadamente nutrida, estando fora, há possibilidade de deficiência, toxidez ou até mesmo nutrição adequada. Assim o profissional necessitará de análise de solo para desenvolver a recomendação e de conhecer os sintomas visuais de deficiência e toxidez dos nutrientes. A importância do monitoramento da nutrição da planta se fundamenta na interferência dos nutrientes na produção e na qualidade da fruta.

Objetivando conhecer os sintomas de deficiência, teores que levam a deficiência nutricional e teores adequados para o abacaxizeiro, a pesquisadora Maria José Mota Ramos desenvolveu uma série de experimentos com a cultura, em condições de cultivo hidropônico. Dentre seus resultados, a pesquisadora observou que plantas com deficiência induzida de N o ápice das folhas mais velhas se resseca (RAMOS et al., 2009a) ; o peso médio dos frutos é baixo, em torno de 0,63 kg (Ramos et al., 2009b) (Figuras 1A e 1B). A concentração de N foliar, nas plantas deficientes chegou a 6,6 gkg⁻¹ e no tratamento onde as plantas foram nutridas adequadamente, tratamento completo, 14,8 gkg⁻¹ (RAMOS et al., 2011). É importante salientar que a deficiência de N diminuiu a aceitação da polpa pelo consumidor, resultado obtido devido a queda na relação (SST)/AT, no pH e elevação da acidez titulável e da vitamina C.



Figura 2. Sintomas de deficiência de N. Folhas mais velhas apresentando secamento precoce (A) e Frutos pequenos (B).

Na omissão de P as plantas apresentaram amarelimento nas folhas mais novas. Após, as folhas mais novas e as medianas apresentaram, na parte central do limbo, coloração vermelho-arroxeadada com os bordos verdes bem pronunciados. Na colheita, os frutos apresentaram a casca avermelhada em contraste com a coloração amarelo-alaranjada dos frutos do tratamento completo (Figuras 2- A e B) e a concentração foliar de P era de 0,32 g kg⁻¹, muito inferior ao valor encontrado nas plantas sem deficiência (1,04 g kg⁻¹).



Figura 3- A: Fruto com sintoma de deficiência de P e B: fruto de planta do tratamento completo.

Plantas induzidas a deficiência de K apresentaram inicialmente folhas pequenas e estreitas, com teor foliar de K de 11,6 g kg⁻¹, posteriormente as folhas mais velhas, C, avermelharam-se e logo após o ápice das folhas E e F ficaram amarronzados e necrosados, a planta apresentava tendência de tombamento do fruto devido a perda de resistência do pedúnculo (Figura 3 A). A polpa da fruta apresentou escurecimento interno (Figura 3 B), o teor de K, foi reduzido a 3,2 g kg⁻¹, cerca de sete vezes menor que a concentração observada no tratamento sem deficiência nutricional. A deficiência de K, assim como a de N, reduziu a aceitação do consumidor à polpa, abaixou o pH, a acidez titulável, SST, vitamina C, e a percentagem de suco (RAMOS et al., 2010).



Figura 4-A: tombamento do fruto e B: escurecimento interno da polpa do fruto.

Quanto às deficiências de Ca e S, as plantas, mesmo estando com teores baixos, não desenvolveram sintomas. Já para o Mg, nas plantas deficientes, na época da colheita dos frutos observou-se amarelecimento seguido de necrose das folhas da planta e da coroa do fruto. As deficiências de Ca e Mg podem ser facilmente prevenidas com a correção da acidez do solo, através da calagem.

Aos 12 meses após o plantio, a deficiência de boro causou a deformação da folha da muda tipo filhote da planta-mãe que ficou com aspecto de dente de serra na sua margem (Figura 5 A). Os sintomas de deficiência de B nos frutos caracterizaram-se pela deformação na folha da coroa, a formação de excrescência cortiçosa (Figura 5B) e de rachaduras entre frutinhos. O teor de B variou de 8,5 a 5,5 mg kg⁻¹ enquanto no tratamento sem deficiências o teor variou de 21,2 a 30,5 mg kg⁻¹. Certamente o consumidor não compraria o fruto com aspecto de deficiência de boro.



Figura 5. Deficiência de B- A: na folha e B: no fruto.

O ideal para a cultura é realizar um acompanhamento sistemático através de análises químicas das folhas, porém, na impossibilidade de realizá-lo, o produtor não deve deixar de amostrar antes da indução floral, mesmo assim existe a necessidade de desenvolver as faixas de teores adequados para esta condição, o que irá contribuir para a elevação da precisão da diagnose. Se o abacaxizeiro será induzido à floração aos 10 meses após o plantio é recomendável realizar a análise foliar para macro e micronutrientes aos nove meses (com variações de ± 15 dias) para verificar o status nutricional antes da floração. Exemplificando: se a concentração de N da folha "D" inteira (g kg^{-1}), aos nove meses após o plantio, foi de 9,7 sendo considerado recomendável (padrão) 14,8 g kg^{-1} seria necessário repor este nutriente e isto é possível por meio de cálculos de adubação utilizando os dados da análise foliar (teor real e teor recomendado) e da adubação já realizada na cultura. A época de coleta da folha "D" pode variar ao longo do ciclo vegetativo da planta (do plantio à indução floral). O recomendável é planejar a adubação por fase do ciclo da planta para que o resultado esperado não se constitua surpresa, mas sim meta do produtor ou da empresa agrícola.

A deficiência de um nutriente afeta a absorção de outro que vai fazer falta para o crescimento das plantas em suas diferentes fases. Cita-se como exemplo a deficiência de potássio na fase de crescimento e maturação dos frutos do abacaxizeiro, que pode causar tombamento do fruto próximo ao amadurecimento, menor teor dos sólidos solúveis totais (açúcar), e da vitamina C diminuindo sua qualidade. É importante focar a preferência dos consumidores por frutos mais doces e com melhor aparência (formato do fruto, peso e coloração). Frutos de abacaxizeiro de melhor qualidade têm alto conteúdo de açúcar (SST) e baixa acidez titulável (ATT), o que significa o efeito de uma adubação adequada.

Para a cultura, conhecer a necessidade das plantas em diferentes fases do seu desenvolvimento é dar condições para que a mesma possa apresentar o seu maior potencial de produção e consequentemente aumentar a eficiência de uso da terra e suas implicações na economicidade dos sistemas de produção.

Como teores de referência aproximada sugere-se o uso dos teores observados por Ramos et al. (2011), sendo estes, para plantas normais e deficientes, aos 7 meses após o plantio são, respectivamente: N= 14,8 e 6,6; P= 1,37 e 0,70; K= 23,0 e 11,6; Ca= 4,40 e 1,30; Mg= 2,30 e 0,90; S= 1,54 e 0,56 g kg^{-1} e B= 20,0 e 5,6 mg kg^{-1} , e para plantas normais e deficientes no início da formação dos frutos são, respectivamente: N= 14,8 e 9,7; P= 1,23 e 0,67; K= 20,0 e 11,6; Ca= 4,37 e 0,91; Mg= 2,26 e 0,73; S= 1,45 e 0,45 g kg^{-1} e B= 18,4 e 5,8 mg kg^{-1} .

Ainda há muito a se aprender sobre a cultura do abacaxizeiro, a adequada adubação e nutrição da planta representam melhores produtividades e aceitabilidade de mercado e ainda possibilita a adequação a mercados consumidores variados, com diferentes preferências de sabor.

REFERÊNCIAS

- MALAVOLTA, E. Nutrição mineral e adubação do abacaxizeiro. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ABACAXICULTURA, 1. 1982, Jaboticabal. Anais... p. 121-153.
- RAMOS, M. J. M.; MONNERAT, P. H.; CARVALHO, A. J. C.; PINTO, J. L. A.; SILVA, J. A. Sintomas visuais de deficiência de macronutrientes e de boro em abacaxizeiro 'Imperial'. Revista Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal-SP, v. 31, n. 1, p. 252-256, 2009a.
- RAMOS, M. J. M.; MONNERAT, P. H.; PINHO, L. G. R.; CARVALHO, A. J. C.; SILVA, J. A. Morphological characteristics of 'Imperial' pineapple fruits under deficiency of macronutrients and boron. Acta Horticulturae, Wageningen, v. 822, p. 147-154, 2009b.
- RAMOS, M. J. M.; MONNERAT, P. H.; PINHO, L. G. R.; CARVALHO, A. J. C. Qualidade sensorial dos frutos do abacaxizeiro 'Imperial' cultivado em deficiência de macronutrientes e de boro. Revista Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal-SP, v. 32, n. 3, p. 692-699, 2010.
- RAMOS, M. J. M.; MONNERAT, P. H.; PINHO, L. G. R.; SILVA, J. A. Deficiência de macronutrientes e de boro em abacaxizeiro Imperial: composição mineral. Revista Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal-SP, v. 33, n. 1, p. 261-271, 2011.
- SIEBENEICHLER, S. C.; MONNERAT, P. H.; CARVALHO, A. J. C. de; SILVA, J. A. Composição mineral da folha em abacaxizeiro: efeito da parte da folha analisada. Revista Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal, v. 24, n. 1, p. 194-198, 2002.

* 1 D.Sc. Produção vegetal, EMPAER/MT, Rua senador Jonas Pinheiro, S/N- Bairro: Ponte Nova Várzea Grande-MT, e-mail: majumota@ig.com.br, 2 PhD Nutrição de Plantas, e-mail: phmonnerat@yahoo.com.br, 3 D.Sc. Produção Vegetal, IFES- campus Itapina-ES.

Cultivo do cacau é alternativa de renda

Rosana Persona

A Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer) em parceria com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), órgão ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), disponibilizou na safra 2011/2012 mais de 200 mil sementes de cacau para produtores do município de Cotriguaçu (950 km a Noroeste de Cuiabá). Como mais uma alternativa de renda para os agricultores familiares, o técnico florestal da Empaer, João Rodrigues dos Santos, ressalta que numa área de três hectares a rentabilidade com o cultivo do cacau pode chegar a R\$ 12 mil por ano.

Em Mato Grosso o cultivo do cacau ocupa uma área de três mil hectares, com uma produtividade média de 450 quilos/ha. Conforme levantamento, no município e distrito de Nova União, a produção abrange uma área de 60 hectares. O extensionista do Ceplac, Ivan Dias da Rocha, enfatiza que as mudas são distribuídas gratuitamente aos produtores interessados no cultivo. Ele destaca que a finalidade é atingir uma área de 50 mil hectares de cacau, num período de 10 anos. "Transformar Mato Grosso num grande pólo com o plantio da cultura", diz Ivan.

Desde 2007, o produtor rural Adão da Silva Filho, do Assentamento Nova Cotriguaçu, investe no cultivo sustentável com a lavoura de café e cacau. O plantio consorciado tem promovido o interesse do produtor em expandir a área de cacau que produz em média mil quilos de amêndoa por hectare, permitindo uma rentabilidade acima de R\$ 4 mil por hectare. A cada ano ele planta 500 mudas de cacau e pretende irrigar toda a lavoura com o objetivo de produzir o ano todo.

Numa área de 56 hectares cultiva sete hectares de cacau e sete hectares de café. Pioneiro no sistema agroflorestal na região, o produtor Adão, fala da importância em manter duas culturas perenes, ou seja, a cafeicultura tem garantido a segurança da propriedade com uma produção de 600 quilos de café limpo por hectare, permitindo uma renda anual de R\$ 15 mil em toda área produzida. "Estou satisfeito com as lavouras e pretendo plantar mais cacau para garantir a sustentabilidade da propriedade", comenta Adão.

É do cacau que se faz o chocolate através da moagem das suas amêndoas secas e moídas em processo industrial ou caseiro. Outros subprodutos do cacau incluem sua polpa, suco, geleia, e sorvete. Segundo João Rodrigues, o cacaueiro começa a frutificar com dois anos, produzindo normalmente a partir do quarto até os 80 anos após plantio. "A lavoura do cacau permite a fixação das famílias no campo e torna a propriedade rural mais viável economicamente", conclui Rodrigues.

Scar Rações

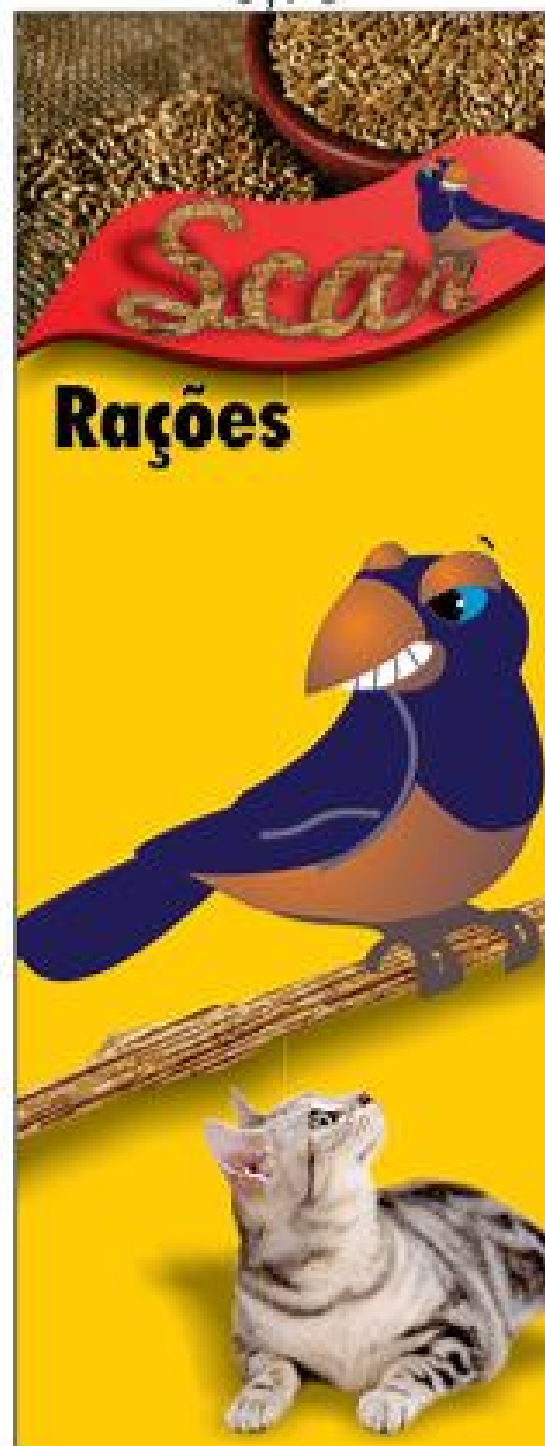
0,83



0,70



0,70



0,80



RUA PATOVI Nº 01 CPA IV 1ª ETAPA CUIABÁ-MT

E-MAIL : lourenco_jr@hotmail.com

FONE: 96035446/92133349



A ovinocultura de corte em MT desponta como alternativa para o produtor rural

Padronização da produção e assistência técnica são entraves da ovinocultura em MT

Da assessoria/Famato

Com um rebanho de aproximadamente 1,4 milhão de cabeças, segundo o Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea), e que cresce a uma taxa de 27% ao ano, respondendo por cerca de 11% do rebanho nacional (17 milhões de animais), a ovinocultura de corte em Mato Grosso desponta como uma alternativa de diversificação de atividade para o produtor rural. Mas alguns desafios ainda precisam ser vencidos, como a falta de assistência técnica e a padronização da produção. O assunto foi discutido durante o III Simpósio FarmPoint sobre produção ovina, realizado neste mês, em Cuiabá-MT, pelo FarmPoint com apoio da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato).

Diretor Administrativo e Financeiro da Famato e produtor de ovinos em Sorriso-MT, Nelson Piccoli comenta que começou na atividade em 2006 e hoje possui aproximadamente 2.800 cabeças das raças Santa Inês, Dorper, Lacaune, White Dorper

e Texel. Piccoli destaca alguns gargalos que emperram o crescimento da atividade em Mato Grosso: "Os produtores precisam organizar e padronizar a produção, partindo de associações e cooperativas regionais que possam disponibilizar aos seus associados assistência técnica, conhecimento de procedimento alimentar e sanidade animal. Este é um ponto fundamental que se faz necessário para a ovinocultura ser uma renda para pequenos, médios e grandes produtores e aquecer a atividade", afirma o diretor da Famato.

Outro ponto complicado, na avaliação de Piccoli, é a comercialização. "Mato Grosso conta com apenas com um abatedouro de ovinos, localizado em Rondonópolis, e isso causa insegurança ao criador de outras regiões do estado. Porém, em contrapartida, é difícil atrair novas empresas do ramo para Mato Grosso se não tivermos uma produção padronizada. Só a partir disso é que poderemos viabilizar novas plantas", avalia Piccoli.

O zootecnista, especialista em produção e nutrição de ruminantes e palestrante do evento, Paulo de Tarso Martins, também destaca a falta de assistência técnica especializada como dificuldade para o desenvolvimento da ovinocultura no estado. "A atividade vem se desenvolvendo muito em Mato Grosso nos últimos anos, mas não crescemos mais no mercado brasileiro porque precisamos de mais assistência técnica que chegue a todos os produtores. A assistência particular é limitada, já que poucos criadores têm condições de arcar com esta despesa e a orientação técnica pública está muito aquém da necessidade. É preciso que o Governo do Estado retome uma política focada no desenvolvimento da ovinocultura, treinando melhor e contratando mais técnicos e dando suporte aos produtores. Só assim haverá um incremento na ovinocultura do estado", diz Martins.

Segundo a coordenadora do FarmPoint, Raquel Cury Rodrigues, o objetivo do evento foi trazer as informações da cadeia para mais perto dos produtores, que têm muitas dúvidas, desde criação até mercado. "Escolhemos trazer este terceiro simpósio sobre ovinocultura para Mato Grosso, pois é um Estado onde a atividade é bastante promissora", informa Raquel.

Mercado - Se assistência técnica e padronização da atividade são entraves para o crescimento da atividade, por outro lado, a ovinocultura de corte tem um mercado bastante ávido, tanto internamente quanto nacionalmente. Segundo Nelson Piccoli, somente a produção da região Norte do Estado não é suficiente para atender a demanda da própria região. "Temos uma demanda grande tanto em Mato Grosso como em todo o país. A carne ovina é muito apreciada e seus consumidores são bastante exigentes, querem uma produção de boa qualidade", finaliza Piccoli.



Maíka Toscano/Secom-MT

MT continua na liderança nacional

MT deve colher 50 milhões de toneladas de grãos em 2014

Luiz Perlatto

Mato Grosso deve produzir cerca de 50 milhões de toneladas de grãos na safra 2013/14. Serão retirados do campo, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), entre 47,8 a 48,3 milhões de toneladas. Significa que, por mais um ano, o estado ocupará a liderança nacional no ranking dos principais produtores do país.

Os números compõem o primeiro prognóstico produtivo para a nova safra, divulgado no dia 9 de outubro pela Conab. Ele indica um ganho entre 4,2 a 5,4% no volume final a ser ofertado, na comparação com o colhido em 2012/13, e que chegou a 45,8 milhões de toneladas. Soja e milho segunda safra serão os produtos de maior destaque, com produções que podem chegar a até 25,7 milhões de toneladas e 19,3 milhões de toneladas, respectivamente.

De acordo com a Conab, em Mato Grosso tem sido utilizado de forma intensiva o plantio do milho, simultaneamente à colheita da soja,

mudando completamente o fluxo produtivo estadual. Essa ação tem apresentado desempenhos bastante satisfatórios, particularmente quando se pretende conciliar a falta de infraestrutura e a necessidade de se

de se fazer o manejo operacional concomitante do milho e da soja, reservando a capacidade estática disponível para a oleaginosa num determinado momento e posteriormente disponibilizando-a para o



Maíka Toscano/Secom-MT

Milho - desempenho satisfatório

ter uma logística minimamente razoável.

O fato de, na safra de verão, o plantio em Mato Grosso ser realizado de forma quase que exclusiva com soja, retira o transtorno

cereal, que tem seu fluxo de escoamento mais demorado e por isso, tradicionalmente, sua maior parcela, avança no segundo semestre.

Soja

O primeiro levantamento realizado pela Conab, de intenção do

plantio da safra brasileira de soja na temporada 2013/14, a exemplo do que vem ocorrendo nessa mesma época nos últimos anos, registrou forte incremento de área variando de 3,4 a 5,9%, confirmando a opção do produtor nacional em priorizar o plantio da oleaginosa que tem apresentado preços remuneradores no

especialmente no estado do Mato Grosso, aonde se observa forte reconversão de pastagens degradadas para o plantio de grãos. b) nas demais localidades onde a "janela do clima" não permite tal procedimento, haverá uma competição por área entre soja, milho e algodão no plantio de verão, tão logo as chuvas

Líder absoluto

A produção de grãos em Mato Grosso teve um aumento de 13,7% na última safra e se consolidou como o maior produtor do país. Dados da Conab mostram que o cultivo de grãos no estado chegou a 45,8 milhões de toneladas na safra 12/13 frente a 40,3 milhões de toneladas na temporada passada. O volume representa 24% de tudo o que o Brasil produz de grãos, somando 187 milhões de toneladas. O estado tem ainda 60% de participação do volume total cultivado no centro-oeste, que se destaca como a maior região produtora brasileira, com 77,6 milhões de toneladas.

Nesta temporada, o milho foi o grande responsável pelo aumento da produção mato-grossense. O aumento da área plantada de 25%, passando de 2,7 milhões de hectares para 3,4 milhões de hectares, fez com que a produção chegasse a 19,8 milhões de toneladas – sendo a maior entre os demais estados produtores. A analista do Imea, Elisa Gomes, explicou que os produtores do estado estão encerrando a colheita da pluma. Conforme ela, as regiões noroeste e nordeste já terminaram com os trabalhos no campo. O centro-sul e a médio-norte estão com a colheita próxima do fim. Por outro lado, as regiões Sudeste e Oeste, que se destacam no plantio do algodão, estão com a colheita mais atrasada.



Produção nacional prioriza plantio da soja

momento da comercialização.

Duas características se destacam no plantio da oleaginosa, definindo uma estratégia dos produtores, que vem se reproduzindo, particularmente, nas últimas três safras: a) naquelas áreas onde o período de chuvas se estende de outubro até o semestre seguinte, permitindo o plantio das safras de soja e milho na mesma área, o produtor iniciará pelo plantio da maior área possível de soja, utilizando-se de variedades precoces, a fim de que possa, a partir de fevereiro, colher essa produção e simultaneamente, plantar o milho segunda safra.

Essa estratégia ficou consagrada na região centro - oeste,

garantam a umidade necessária à semeadura.

Algodão

Segundo a Conab, a produção mato-grossense de algodão em caroço pode crescer entre 16,8% a 22,6%, ou chegando a 2,1 a 2,2 milhões de toneladas na comparação com 2012/13, quando foram 1,8 milhão.

Da mesma forma, a oferta de pluma deve variar entre 861,8 a 904,9 mil toneladas, com ganhos entre 16,8 a 22,6%. Em 2012/13 foram 737,8 mil toneladas. Por sua vez, as produções de arroz (526,7 mil toneladas), feijão (275,7 mil toneladas) devem apresentar recuo nesta edição.



Produção de algodão em caroço deve crescer

33ª Semana Nacional do Cavalo Campolina é a melhor da última década



Adilson Rodrigues

Criadores e usuários elegeram a 33ª Semana Nacional do Cavalo Campolina, que ocorreu de 1 a 8 de setembro, no Parque da Gameleira, em Belo Horizonte (MG), a melhor edição da última década. Nas pistas, cerca de 700 animais foram inscritos por 150 expositores do chamado "eixo da raça" (MG, SP, RJ, BA e PE), entre outros estados. A programação apresentou uma série de eventos que ajudou a resgatar o envolvimento social na principal mostra do Cavalo Campolina. Cerca de 10 mil pessoas passaram pelo parque de exposição.

O ponto alto do evento foi a interação do público, inclusive, de pessoas sem envolvimento direto com a raça. "Foi muito gratificante ver criadores e usuários do nosso cavalo confraternizando com amigos e familiares. Sem sombra de dúvidas, essa edição da Nacional ficará marcada na história como a exposição da Família Campolina", disse o anfitrião

Luiz Roberto Horst Silveira Pinto, presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina (ABCCCampolina).

Objetivo esse traçado desde o mês de março, quando a diretoria da ABCCCampolina e o comitê organizador da Nacional - formado pelos criadores Osvaldo Diniz, Suzana Salum e Léo Maia - reuniram-se para incorporar a programação da Semana Nacional do Campolina aos planos de fomento da raça. Desta forma, uma aposta certa foi a criação do "Espaço do Criador", que cumpriu perfeitamente o papel de aproximar os visitantes, ao sediar diversos encontros ao longo da semana.

Outra iniciativa interessante foi o reconhecimento aos tratadores dos cavalos. Um dia antes da abertura, os mais de 300 profissionais foram homenageados com uma grande festa no Pavilhão Redondo do Espaço Expominas. "Vocês são mais importantes do que os próprios criadores.

São vocês que cuidam, montam e conhecem bem cada animal. Sabemos que apenas 30% dos fatores que fazem o campeão são genéticos. O restante vem da sanidade, manejo e nutrição, ou seja, da mãos de obra do haras", disse a eles o presidente da ABCCCampolina. Também foi neste local que a dupla sertaneja revelação Bruna e Keyla agitou a exposição.

Novidades na pista de julgamento - A 33ª Semana Nacional do Cavalo Campolina teve uma programação técnica das mais criteriosas. Neste ano, dez jurados ficaram responsáveis pelo julgamento, cinco avaliando morfologia e os demais, andamento. Maior e menor notas eram desconsideradas e a classificação transmitida em tempo real em um grande telão montado na pista.

"Tivemos uma exposição bem distribuída e com animais muito parelhos. Surpresa foi ver a quantidade de éguas com mais de 36 meses, que, pela primeira vez,

bateu o número de potras”, avaliou o diretor da Escola Nacional do Cavalo Campolina (ENACAM), Reynaldo Zapalá, explicando que esse dado confirma o progresso experimentado pela raça, atualmente. Outra inovação foi a atuação de Pedro Braga, Raissa Martins e Paula Carvalho, os novos inspetores contratados pela ABCCCampolina, como jurados de chão. Eles ajudaram na inspeção de entrada e também no concurso de marcha.

Grade Comercial - Para reservar parte do horário nobre aos eventos sociais, foi necessário reduzir significativamente o cronograma de leilões. Ocorreram apenas dois remates, que juntos arrecadaram R\$ 2.571.284,00. Animais também foram vendidos em um shopping e houve negociações diretas entre os criadores, mas essas ainda não foram computadas.

O resultado mais expressivo veio no 2º Leilão Campolina 40º, promovido , pelo Haras do Barulho, com a oferta de 60 lotes Campolina Pampa. O faturamento chegou à R\$ 1.537.000,00, com média geral de R\$ 26,7 mil. O lote mais valorizado foi Iluminada do Barulho, com 50% de sua propriedade adquiridos por R\$ 92 mil.

Já no Leilão Raça Campolina Sun Shine 2013, promovido , pelos haras Top, Campanário, Campolina das Marias e Santa Anna, a grande surpresa foi a presença massiva de novos investidores (20% dos compradores). O faturamento alcançou a cifra de R\$ 1.034.284,00 com a comercialização de 38 lotes (média geral de R\$ 27.218,00). O lote destaque foi a doadora Onda Top, vendida ao condomínio Campolina das Marias/Fazenda Mata Nova por R\$ 136.400,00.

Homenagens - A 33ª Semana Nacional do Cavalo Campolina também foi palco de importantes reconhecimentos. “Antes de pensarmos em planejamentos futuros, devemos sempre preservar nosso passado”, afirmou o presidente da ABCCCampolina, referindo-se ao Hospital Cassiano Campolina, que completou 103 anos neste mês e foi idealizado pelo patriarca da raça Campolina. Hoje, são atendidos mais de 40 mil habitantes da cidade mineira de

Entre Rios de Minas e região. O provedor da instituição, Afonso Miranda, agradeceu o apoio e apresentou um vídeo contando um pouco sobre o dia a dia da instituição.

Em seguida, foi a vez de entregar à prefeita de Entre Rios de Minas, Maria Cristina Mansur Teixeira Resende, a tão prometida escultura assinada pelo artista plástico Zê Vasconcelos. A obra (um cavalo Campolina montado customizado em aço inox) tem mais de quatro metros de altura e é o mais novo cartão postal da cidade. “A ABCCCampolina está dando o reconhecimento que Entre Rios merece. Este presente será símbolo da paixão de nosso povo pelo Cavalo Campolina”, disse a prefeita.

As festividades continuaram com o coquetel da família Resende, que foi laureado com uma placa onde foram imortalizados os nomes de cinco Resendes que muito contribuíram com a raça. São eles Joaquim Pacheco de Resende, Joaquim Resende (Quinzinho), Gastão Ribeiro de Oliveira Resende, Roberto de Oliveira Resende e Aloísio Resende Ribeiro de Oliveira.

Dorper e Pêga - ABCCCampolina promoveu a diversificação de investimentos e abriu a Nacional para uma pequena exposição de ovinos Dorper e White Dorper, originários da África do Sul. O mercado da carne de cordeiro está aquecido e essas raças são capazes de proporcionar ganhos extraordinários aos cruzamentos industriais.

O mesmo aconteceu com o jumento Pêga e seus belos muares. No dia 7 de setembro, houve concurso de marcha e de luar mais bonito. E não foi só. As associações do Campolina e do jumento Pêga assinaram convênio para fomentar a produção de muares “Peca”, como serão chamados os produtos gerados pelo cruzamento entre jumentos Pêga em éguas Campolina. “É um mercado formidável, que beneficiará as duas raças”, aposta o presidente da associação que assiste os criadores do asinino, Marco Antônio Andrade Barbosa. Os resultados das provas estão disponíveis no site da Associação Brasileira dos Criadores

do Jumento Pêga (www.abcjpega.com.br)

Cursos e palestra - Pela primeira vez no Brasil, Karen Scholl, criadora do renomado “Horsemanship for Woman”, promoveu cursos durante a 33ª Semana Nacional do cavalo Campolina. Ficou encantada com a beleza, porte e a cabeça do cavalo Campolina, especialmente suas orelhas lançadas. O público pôde conferir técnicas de doma racional capazes de conquistar a confiança dos animais pelas pessoas. “O cavalo é uma presa natural e qualquer movimentação que não lhe seja familiar irá agitá-lo. Para que confiem em nós, precisamos nos aproximar com tranquilidade, assim como uma mãe que brinca com o filho, mas sabendo ser firme quando necessário”, disse.

Outra visitante ilustre foi Ann Staiger, da Cornell University, de New York (USA), que esteve na exposição divulgando estudos recentes sobre marcha. Em uma pesquisa com camundongo, mutações induzidas em determinados genes faziam camundongos saltitarem ao invés de caminhar. Desse resultado, nasceu a teoria de que o mesmo pode valer para animais de outras espécies. A partir de marcadores moleculares, tecnologia descoberta em 2009, foi possível localizar regiões específicas no genoma do cavalo onde estão os genes responsáveis pelo andamento. “O problema é que é uma região com muitos genes, algo que estamos tentando olhar mais a fundo”, explica. Mesmo em meio a dificuldade, já sabe-se que marcha é um controle neuromotor transmitido pela genética.



Cavalo Campolina



Foto: Agrosintap

Produtores não cumprem período de vazio sanitário e Indea autua 25% mais que em 2012

Alexandra Araújo/Sintap-MT

Tal qual a piracema, o vazio sanitário da soja no estado de Mato Grosso é uma prática que precisa ser cada vez mais conscientizada em seu meio, e em ambos os casos, no sentido de abstinência por parte do profissional que atua nas respectivas áreas para obter resultados positivos nos referidos contextos.

A necessidade de o pescador abster-se da pesca é tão importante quanto do produtor eliminar toda planta germinada (planta guacha) em sua propriedade rural e inclusive às margens das rodovias em sua área de domínio, a qual é de sua responsabilidade, para o combate do fungo causador da intitulada "ferrugem da soja", o *Phakopsora pachyrhizi*.

Desta forma, também se reduzirá o índice de notificações e infrações realizadas pelo Indea-MT,

como ocorreu este ano entre 15 de junho a 15 de setembro, com quase 300 propriedades notificadas e mais de 40 multadas, em aproximadamente 3.240 registros de fiscalização feitos neste período, conforme informou o gestor da Coordenadoria de Defesa Sanitária Vegetal – CDSV, Ronaldo Medeiros.

O vazio sanitário da soja consiste apenas num mês de ausência total de plantas, cuja finalidade é a lavoura se manter livre de plantações do grão com o intuito de eliminar o que se intitula "ponte verde", que é justamente a existência de plantas vivas durante todo o ano, e é o que faz com que o *Phakopsora pachyrhizi* sobreviva, pois serve de alimento para a praga e incita seu surgimento na próxima safra já no início do ano; por isso a necessidade da lavoura ficar isenta de plantio da soja neste período.

Portanto, o objetivo do vazio sanitário é que as safras vindouras se mantenham em menor

nível aceitável da praga, para que o fungo causador da ferrugem apareça mais tardiamente, uma vez que a falta de alimento diminuirá sua proliferação. Mesmo que pareça redundante, a explicação reforçada pelo coordenador da CDSV do Indea-MT, Ronaldo Medeiros, se faz necessária e pertinente face à incidência anual de notificações e principalmente de multas imputadas aos produtores no período de fiscalização.

Balanço – Conforme Medeiros, em cerca de 3.240 propriedades fiscalizadas, 296 foram notificadas e orientadas à reparação do problema com a eliminação de plantas e mais de 40 agricultores foram punidos com autuações pelo descumprimento das normas vigentes quanto ao período de vazio sanitário da soja. "Se encontramos muita planta viva de soja na propriedade fiscalizada, não resta alternativa senão aplicar a multa", enfatizou.

Multa - De acordo com o coordenador, este ano o Indea realizou

mais fiscalizações em Mato Grosso, nos municípios considerados produtores. Por outro lado, comparando com anos anteriores a incidência de autuações também aumentou em torno de 25%. O valor da multa é de 30 UPFs (Unidade Padrão Fiscal) pela detecção de área não obstruída de plantas, e + 2 UPF por hectare não eliminado, ou seja, numa área de 100 hectares, o produtor receberá uma multa de cerca de 230 UPFs (30 UPFs + (2x100 = 200 UPFs) = 230 UPFs).

Avaliação - Ronaldo Medeiros considera preocupante o aumento de 25% entre notificações e autuações, avaliando que desde a implantação do vazio sanitário em 2006 acredita-se que o produtor é o principal interessado no vazio sanitário, logo, este deveria estar mais receptivo a essa medida fitossanitária que é tão importante para a cultura da soja. Quanto às campanhas de conscientização, desde então o agricultor foi alertado através do corpo técnico do Indea, seja nas fiscalizações ou nos próprios escritórios locais do Instituto em todo o estado de Mato Grosso, bem como nos canais midiáticos que atualmente tem sido acessível à população em geral.

INDEA/MT

RH - Ao se tratar de vazio sanitário é pertinente observar as condições estruturais e o atual quadro de recursos humanos do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso. Ronaldo Medeiros explicou que o corpo técnico, que envolve fiscais agropecuários engenheiros agrônomos e florestais, atualmente é de 55 profissionais de campo. O coordenador acrescentou que o ideal seria que tivesse pelo menos um fiscal por município, e que inclusive algumas unidades têm capacidade para ter dois ou três, até porque o Indea não fiscaliza apenas vazio sanitário. Além disso, as atribuições da defesa vegetal vêm crescendo ano a ano como armazenamento, uso e transporte do

agrotóxico, pragas quarentenárias de maneira geral, a certificação fitossanitária, entre outras.

Medeiros assegura que hoje 90% dos municípios com agricultura estão sendo atendidos com profissionais do Indea e as cidades que não têm os fiscais agropecuários são atendidas pelo fiscal mais próximo dentro de sua área de atuação, garantindo que isto está sendo possível. "O corpo técnico atual é razoável; digamos que não seja o ideal, mas já melhorou com o chamamento de alguns profissionais aprovados em concurso. Esperamos que, com a nomeação do restante de concursados estes venham somar e contribuir com nossas ações - não só na defesa vegetal, mas no Indea como um todo - e acreditamos que ficaremos num bom patamar neste sentido", avaliou

Estrutura - Quanto à questão estrutural do Indea, o gestor também disse que a situação ainda não é satisfatória, mas o empenho da direção da instituição em buscar recursos junto ao governo do estado tem proporcionado o desenvolvimento das atividades. "Não

podemos nos contentar com o que temos hoje, pois é preciso evoluir, mas percebo que a direção não tem medido esforços para que realizemos nossas atividades em condições ideais", reforçou.

Qualificação - Medeiros acrescentou que, além de material de escritório, veículo, combustível, não se pode esquecer que todo profissional precisa de qualificação, item que ele considera de suma importância na realização do trabalho dos fiscais agropecuários. Segundo o coordenador, o Indea tem realizado alguns treinamentos em áreas específicas, a exemplo de dezembro do ano passado e outro há poucos meses. "É lógico que qualificação nos últimos tempos ficou aquém das nossas necessidades, mas estamos tentando retomar isso da melhor maneira possível. Não podemos ficar contentes com o que se mostra hoje num todo, porque existem outras áreas do Indea que estão carentes de qualificação", observou.



O vazio sanitário da soja consiste apenas num mês de ausência total de plantas

Agrosintap

Sintap recebe em grande estilo o Prêmio Qualidade Brasil

Alexandra Araújo/Sintap-MT

Ante tantos troféus que o sindicato coleciona, cravados no coração de cada trabalhador que essa entidade representa e conquistados através da força e união dos servidores do sistema agrícola, agrário, pecuário e florestal de todo o Mato Grosso, o Prêmio Qualidade Brasil vem para ratificar que a origem desta realidade triunfante também está no seio de uma comandante, fortalecida por um grupo sindicante e itinerante nesse estado mato-grossense, que nesse vai e vem permanente empunhando embaixo dos braços o que a mente floresce e a voz esclarece, em gritos de guerra em busca da messe, para ver se um dia o sonho acontecer. O troféu Vitória Alada sela em 2013, tudo o que foi construído ao longo de sete anos e o que ainda virá até o final do ano, realizações que fizeram do Sintap o verdadeiro instrumento de conquista de cada ser humano, que faz da Sedraf, do Indea e Interamat grandes canais de desenvolvimento de Mato Grosso.

Falar desta premiação ímpar exige tal retrospectiva, pois a premiação é resultante de um processo de construção gradativa, em que o semeador sempre algo colhe porque cultiva, separando o joio do trigo na lida da vida guiada pelas mãos de uma diva. E foi como uma diva que Diany Dias recebeu com muito orgulho para o Sintap, o Prêmio Qualidade Brasil simbolizado pelo troféu Vitória Alada e atestado pelo Certificado de Excelência da Qualidade por ter apresentado alto índice de satisfação em todos os quesitos exigidos pela TQCS – Total Quality Control Service da International Quality Award, dentre os 120 concorrentes para participar do evento realizado no Cenarium Rural, em Cuiabá, no mês de setembro.



Realização – O Prêmio Qualidade Brasil nasceu na Itália após a 2ª guerra mundial como um incentivo aos empresários que ficaram falidos na guerra para trazer alento e ânimo aos mesmos que precisavam recomeçar. A premiação conquistou uma dimensão imensa e está no Brasil desde a década de 80. Além de ser de origem italiana é aprovado pelo Inmetro. O publicitário William Neto fez a captação do evento este ano e o organizador Sávio Pereira, produziu e realizou este momento único, que teve como patrocinadora oficial, Denise Gomes. Sávio avalia que o Prêmio Qualidade Brasil veio para Mato Grosso porque o estado denota alta renda percapta e as empresas têm esse perfil de qualidade, além do Produto Interno Bruto (PIB) e demais pontos preponderantes da economia que só vêm alavancar os negócios do estado. Segundo ele, é o 1º ano da versão Mato Grosso do Prêmio Qualidade Brasil e em 27 de novembro deste ano acontece mais uma, em São Paulo.

Conforme o relatório elaborado pela diretoria de marketing do prêmio Mato Grosso foi comparado com a mesma edição ocorrida em Nova York, pela decoração, gastronomia, apresentação musical e arte através da dança, apresentada pelo Ballet Denise França, com a coreografia que leva o nome da estatueta Vitória Alada, que Sávio

Pereira considera ter representado muito bem a estatueta. Quanto ao processo de pesquisa e análise dos concorrentes, dos 120 indicados foi feita uma triagem de 60 candidatos, e destes, apenas 28 empresas foram qualificadas para o Prêmio Qualidade Brasil, bem como 22 premiados foram selecionados para receber a premiação intitulada Leader Quality, específico para pessoa física. É válido ressaltar que o Sintap foi o único sindicato representante do serviço público a ser premiado.

Sávio Pereira - "Foi realmente uma noite 'cinco estrelas', até porque um dos pré-requisitos do Prêmio Qualidade Brasil é de que todos os parceiros tenham qualidade, e os convidados que receberam certificado do prêmio por um pré-requisito muito importante, a 'qualidade na prestação de serviços', enquanto empresa, instituição, associação ou sindicato.



Leader Quality – O secretário estadual de Administração, Francisco Faiad, também presidente honorário vitalício da Ordem dos Advogados do Brasil já recebeu comendas da Câmara Municipal, Assembleia Legislativa, Tribunal de Contas e títulos de cidadão. Desta vez, o prêmio Leader Quality, direcionado não às instituições que atua, mas à pessoa física atuante deste contexto, que segundo ele próprio, tem deixado seu escritório e atividades privadas em prol do interesse público. “É um reconhecimento pelo trabalho que fazemos ao longo, seja na OAB ou na SAD, que são voltados mais para a sociedade que para meu próprio interesse. Quanto à premiação do Sintap, isto demonstra a força que o sindicato possui não só perante seus membros, mas pelo trabalho que faz pela sociedade como um todo, e denota ser um sindicato que está à frente de seu tempo, justamente por representar não apenas seus sindicalizados, mas também a sociedade.” afirmou Faiad.

Ao responder o que é ser líder para ele, sua assertiva denota uma linha ponderada e bastante reflexiva. “Executar a vontade da maioria é saber mais escutar que falar, ter a paciência e capacidade de ouvir as críticas e saber depurá-las para mudar sua rota e forma decisões que até então não pensava tomar; isto para mim é ser líder. Há alguns anos venho atuando na liderança e as experiências têm sido excelentes. É difícil lidar com a diversidade, mas temos que ter esse esforço pessoal de tratar todos de forma igualitária, e saber que todos ainda que defendam seus interesses particulares, há sempre algo a ser aproveitado” concluiu.



Diany Dias e Francisco Faiad premiados

Assessoria Jurídica – “Receber essa premiação é extremamente importante para o Sintap, assim como para nossa empresa de advocacia, porque permeia significado peculiar a cada empresa ou pessoa premiada. A importância do prêmio consiste na confirmação do bom trabalho que vem sendo realizado pelo sindicato e o escritório, essencialmente pelos êxitos que temos tido nas ações de ambos. Na realidade é um reconhecimento de que o Sintap uma entidade idônea pelo trabalho sério realizado pela presidente Diany Dias e sua diretoria sindical”, comentou o assessor jurídico do Sintap, Carlos Frederick, também privilegiado com a premiação para sua empresa.

Irmão – João Dias, tanto quanto sua irmã Diany Dias, é gestor de uma entidade, a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de Mato Grosso, logo, tem muitos motivos para ser o escolhido a acompanhar esta gestora sindical na entrega do Prêmio Qualidade Brasil; e não menos que o critério do parentesco, o fato de atuar como presidente da AEA-MT e “sentir na pele” os mesmos desafios de gerir algo que envolve pessoas, bem como o peso da responsabilidade e a satisfação em vivenciar esse contexto. “Parabéns à nossa presidente Diany Dias, pela merecida homenagem ao Sintap e simultaneamente a esta liderança que vem prestando relevantes serviços aos servidores

públicos da agricultura do estado e à sociedade mato-grossense”, comentou.

Sintap-MT – “Ao mesmo tempo que teria tanto a falar sobre esses sete anos de trabalho de nossa equipe, alicerçada na confiança de nossos representados, fico sem palavras com tamanho privilégio de receber essa premiação que tão somente vem ratificar tudo o que foi realizado ano a ano, à custa de muita luta e com um bocado de persistência, com a garra de cada um de nós, todos nós que somos essa entidade, o Sintap’. Um prêmio que é já é especial pelo título de seu troféu, que traz o nome da vitória, expressão que resume tudo o que é o Sintap, porque nosso sindicato hoje é, orgulhosamente e sem sombra de dúvidas, sinônimo de conquista, pela história de perseverança ao longo desses anos; e tudo isto veio da soma de ideias e ideais, do suor e doação de cada um que faz parte do sistema agrícola, agrário, pecuário e florestal do estado de Mato Grosso. Quero dedicar aos nossos trabalhadores, não apenas o Prêmio Qualidade Brasil, mas as tantas outras premiações já conquistadas, seja no ganho de ações judiciais ou de reivindicações persistidas junto aos gestores governamentais em prol da Sedraf, Indea e Intermat; reiterando que, estamos certos de que muitas outras vitórias estão por vir, porque os gestores sindicais confiados pelos nossos companheiros servidores para realizar esse trabalho árduo e também extremamente gratificante, cada um em seu posto no Sintap não foge à luta nem brinca em serviço para fazer jus a esta confiança, a conquista maior em todo esse contexto, que não se compra nem se vende, pelo valor imensurável e abstrato em sua essência. Agradecer a Deus é a palavra de ordem em primeira instância, mas ser grata a cada companheiro que constrói esse sistema é imprescindível para realmente completar nosso agradecimento pelo tudo que Ele nos proporciona a cada dia”, finalizou a presidente Diany Dias.

A mestra Indeana que se fez doutora em viver de bem com a vida

Alexandra Araújo / Sintap-MT

Ser doutora na profissão, na arte e na vida. Este é o talento nato da fiscal agropecuária e médica veterinária Dra. Suely Tocantins, da regional de Cáceres, do Indea-MT, que também é mestra, e que além de muito serviço prestado deixa a cada ano um legado de conhecimento que transformou a realidade de sua época e parâmetro para os dias atuais em sua área. Na profissão, sua famosa tese que trata das Sorovariedades de *Leptospira interrogans*, um trabalho referente à epidemiologia de análise em risco de doenças, utilizando ferramentas de geoprocessamentos e estatísticas espacial e estatística beisiana empírica. Na arte, belíssimas peças em artesanato, acessórios que reforçam a beleza feminina com um toque especial em cores e modelos, seja nos colares, cintos, xales, chinelos decorados, etc. Na vida, com tanta experiência, certamente é este aspecto que completa seu doutorado, uma escola infinita em aprendizado que se soma aos outros contextos para formar a pessoa ímpar que é a indeana, mãe, mulher, Suely Tocantins.

A médica veterinária formou-se em 1982, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo - USP; com curso de especialização na produção de suínos e aves da Universidade Federal de Lavras - MG, em 1990. Seu mestrado sobre a Distribuição Espacial da Brucelose em Bovinos no município de Cáceres e sua correlação com fatores ambientais na entidade Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas - INPA, em que sua área de concentração é a



Fiscal agropecuária e médica veterinária Dra. Suely Tocantins, do Indea / Cáceres

ecologia; e em 2007 defendeu a tese em março/2007 o doutorado em Ciência Animal pautado na concentração e epidemiologia em medicina veterinária preventiva, na Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal de MG, e a tese em si é Análise Espacial da Prevalência de Aglutininas Anti-*Leptospira* e Análise de Risco e Bovinos no Pantanal de Cáceres-MT, Brasil. Nas artes, Suely não precisará fazer mestrado nem doutorado, pois o próprio dom tem se encarregado de construir uma bela carreira artística marcada para preencher seus dias de descanso do Indea.

Dentre obras de arte e de ciência, uma publicada para a posteridade

Oses - A história do Indea já conta com a riqueza intelectual da mestra em Brucelose, doutora em *Leptospira* e a Articulista que criou o trabalho "Análise Espacial da Prevalência de Aglutininas Anti-*Leptospira* e de Risco Epidemiológico em Bovinos no Pantanal de Cáceres-MT", cuja obra foi publicada em forma de livro. Suely também foi supervisora do Instituto de Defesa Agropecuária mato-grossense e hoje atua como técnica na autarquia, o que oportuniza a esta, acumular em seu histórico a rica experiência desta indeana. Após passar por Chapa-

da dos Guimarães, Nova Xavantina, Cuiabá e Santo Antônio do Leverger, desde 1993 se instalou na cidade de Cáceres, onde coloca em prática outros talentos, germinados de uma faceta tão avessa à veterinária de tantas "oses", dons que une num só ser dois extremos que faz ecoar aplausos e vozes, em admiração aos frutos de ideias e "ornamentosos".

Metodologia - A dra. Suely é detalhista por natureza e por isso fez questão de esmiuçar os motivos de suas escolhas em sua tese de doutorado, alegando que desenvolveu seu trabalho "epidemiologia de análise em risco de doenças" utilizando ferramentas de geoprocessamentos e estatísticas espacial e beisiana empírica - um trabalho todo georreferenciado com estatísticas de varreduras e instrumentos para facilitar a localização e visualização em mapas, bem mais fácil que por tabelas; cartas geográficas georreferenciadas, e estas foram vetorizadas; trabalhando com randomização para se ter os pontos (rots pots) onde há maior risco, mostrando os primários e secundários - porque quando qualquer entidade que queira desenvolver um programa de controle de doenças, primeiro precisa saber como é que ela está distribuída, a situação epidemiológica, etc.

Áreas de Atuação – O foco da dra. Suely foi localizar as fazendas com suas divisas e seus respectivos confrontantes, todas as suas áreas de pastagens ou invernadas, divisões de área de pasto, de forma que, tudo isto sendo vetorizado, foi localizado o ponto centróide com as coordenadas geográficas de cada pasto. Coletando sangue de bovinos, a pesquisadora usou um método de prevalência adequada e chegou ao resultado que precisava de 2,5% do rebanho por cada sexo e idade de cada área de pastagem que estava ocupada no ato da coleta. “Testei 17 sorovarietades e essa leptospirose tem três soro-variedades que afetam os bovinos e são ‘espécies específicas’ e ocorre geralmente de bovino para bovino”, complementou.

Coletas – A pesquisadora Suely Tocantins afirma que fechou praticamente quase quatro mil amostras coletadas de bovinos na faixa etária acima de quatro meses, totalizando à época 79.582 cabeças, e nas coletas andou literalmente 30 mil quilômetros, frisando que “trabalhou sozinha nelas, com a ajuda de alguns colegas de laboratório”. Segundo ela, foram 21 fazendas no baixo-pantanal, com área total de 494.215 hectares, subdivididas em 369 divisões de pastagens, as quais foram detectadas estas invernadas ou divisões de pastos, e destas 187 estavam ocupadas por rebanho. Suely acrescentou que fez análise laboratorial com provas que são os “testes ouros” – técnica de aglutinação microscópica - para detecção de animais soro-positivos de anti-leptospira. Segundo ela, 57,93% das amostras deram reação, observando que, “não que elas estivessem doentes, mas já haviam entrado em contato com a leptospira, ou seja, a doença já existia lá”. E assim, testou, localizou e com o programa de estatística de varreduras conseguiu detectar as áreas onde se encontram o maior foco onde ocorre a doença e explica que isso é localizado via mapa. “Após um período de trabalho de 2003 a 2007, defendi a tese neste

último ano, mas infelizmente no Indea nunca solicitaram de minha pessoa nenhuma opinião, nenhum trabalho mais específico nessa área epidemiológica, ao passo que recebi e-mail até do Sudão e seu projeto”, observou.

Contribuição – Suely explica que o “Pantanal Cáceres” é uma imensa maternidade, e como a leptospirose é uma doença da esfera reprodutiva, com a detecção e posterior trabalho de controle e combate da doença faz-se com que o índice de reprodutividade do rebanho aumente, e aumentando a fertilidade e reprodução o ganho do pecuarista é maior; ou seja, denota uma preocupação econômica e financeira, melhorando a saúde e sanidade em geral do rebanho para também melhorar esse ganho do produtor. “Quanto mais essas vacas parem e os bezerros nascem, as fêmeas servem para reprodução e os bezerros são engordados; e o ganho dos produtores está na venda dos bezerros: aí está o lucro”, arrematou.

Programas - A doutora conta que a metodologia utilizada em seu trabalho oportuniza se extrapolar para outras doenças. Ela lembra que, em verdade, começou com a febre aftosa, com mais de uma década sem foco em Mato Grosso. Depois desta partiu para a brucelose, tese de seu mestrado por ser uma doença também da esfera reprodutiva, e na qual está engajada desde 2003 sempre com o intuito de melhorar a reprodutividade do rebanho e gerar melhor ganho aos pantaneiros, já que as fazendas do pantanal não recebem incentivo e têm dificuldade muito grande em captar recursos, subsídios; além de possuir áreas que não podem plantar pasto, a exemplo do Parque do Guirá. Apesar disto, “por motivo de força maior” mudou para a leptospirose, pela importância econômica significativa nos rebanhos porque causa aborto e afeta a reprodução, uma vez que se perde a cria, e o que se investiu na vaca e o que esta investiu no bezerro se vai. “Eu queria

ter uma resposta aos produtores inclusive neste sentido, para que eles possam sanear seu rebanho e lucrar mais. Felizmente, com essa informação os pecuaristas começaram pelos pastos que foram detectados maior risco, e devido ao rodízio de pastagem se estendeu para todo o rebanho. Os que resolveram instituir a vacina iniciaram se embasando no meu levantamento, e pra mim isso já valeu a pena, pois sinto que cumpri com minha obrigação frente ao que eu tinha previsto, e esta era a contrapartida que achei que tinha que dar para os produtores daqui do Pantanal, porque fui muito bem recebida também pelos funcionários, e sem estes eu não iria conseguir fazer nada –juntar o gado, etc – certamente sozinha não conseguiria. Hoje temos vários pecuaristas utilizando, fazendo uso da vacina de leptospirose e outros já demonstram interesse, e estão verificando a viabilidade de utilizar essas vacinas com sorovarietades específicas da doença só para bovinos em Minas Gerais”, avaliou.

Fama - E no seu jeito peculiar de tecer não só fio a fio como palavra por palavra, foi tecendo um especial agradecimento ao apoio do ex-presidente do Indea, Décio Coutinho, no processo de coletas em seu doutorado, um trabalho de ciência animal, área de concentração, epidemiologia e medicina veterinária preventiva, que gerou um rico livro para a posteridade, que objetivou mostrar onde a doença estava grassando e que teve a particularidade do uso de geoprocessamento, métodos de geotecnologia e estatística espacial, que oportuniza extrapolar para outras doenças em futuras pesquisas. Isto o levou a ser o único selecionado de Mato Grosso e o tornou famoso com a veiculação no Programa Terravil do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE. “Tudo se concretizou com o apoio do Indea, que me manteve com salário e me liberou para fazer o trabalho; e agradeço ao Décio Coutinho, que me apoiou para fazer as coletas. Faço

questão de dizer que o doutorado é de Nível 7, Máximo e Top. A turma de medicina do ICB – Instituto de Ciências Biológicas era de 13 pessoas e fizemos história na UFMG.”

Indea... história de anos de evolução e um recente retrocesso que preocupa os indeanos

Indeana há 26 anos, e com todos esses anos exercendo atividades de campo, a servidora decidiu solicitar averbação do tempo de insalubridade, uma vez que trabalha com brucelose e tuberculose em bovinos, e atualmente atua em projetos de piscicultura, do Programa CYSPESCA, face à determinação do governo estadual para que o Indea ficasse responsável pelo cadastro e a emissão de documentos que envolvem a autorização para a pesca. Também cuida da parte de equídios, com anemia infecciosa equina; e de raiva com acompanhamento de focos e a vacinação; e todos os finais de ano, na 2ª. etapa eu assisto as vacinas da febre aftosa nas propriedades que dividem o Brasil com a Bolívia e no baixo pantanal, pelo seu conhecimento da região e responsáveis pelas fazendas. “Considero o Indea como minha casa e esses 26 anos é uma vida; e me sinto realizada ao ver a evolução do instituto em termo de responsabilidade, respeito, notoriedade, e por ter feito parte desse processo evolutivo, com a consciência tranquila que dei minha parcela de contribuição”, comentou.

Quadro Atual - Ao falar do Indea, Suely compara seu início, bem como dos primeiros anos da servidora Diany Dias, atual presidente do Sintap-MT, e avalia que houve evolução dentro do instituto, entretanto, lamenta a crítica situação que se encontra a autarquia. “Conheço Diany desde que ela tinha 18 anos, e ela me acompanha desde quando comecei em Nova Xavantina, em 1988, evivenciamos a evolução desde lá. Prestei serviços auxiliando várias regionais de cadastramento agropecuário e acompanhei sua evolução, em que

usávamos odômetro de carro, escalímetro, etc; e hoje a diferença de recursos tecnológicos que se tem para trabalhar, contudo, por outro lado o recurso financeiro não há, e se as atividades são executadas é porque trabalhamos com responsabilidade, na raça. Hoje, estamos correndo o risco de perder a referência em diversos setores que o Indea atua porque não tem manutenção, mas tem que se manter o padrão. O que entristece a gente, principalmente esse pessoal mais antigo que já passou por tantas intempéries, é ver a situação de contingenciamento principalmente financeiro no Indea, pois o vimos crescer, saímos de um Indea acanhado e evoluímos juntos, desenvolvendo um trabalho eficaz, que é de extrema importância para o estado e o país, essencialmente hoje com a globalização, pois não temos mais barreiras geográficas, e o que realmente regula são as barreiras sanitárias. Sempre gostei do trabalho com o Indea e trabalhei com seriedade, mas vejo com muita tristeza o Indea sendo dilapidado por falta de recursos financeiros, pois nós poderíamos estar com muito mais atividades e de forma muito mais efetiva, mas pela falta de manutenção da estrutura, estagnamos. Vi a evolução deste órgão, e com nosso trabalho de dedicação com a parte de defesa e a certificação do que os pecuaristas fazem, vimos que o Indea evoluiu muito, pois abraçamos outras atividades, mas nos últimos anos temos sentido essa depreciação do patrimônio como um todo e das condições de trabalho, a falta de recursos financeiros, o que dificulta muito nosso trabalho, pois temos que priorizar o que se vai fazer porque não tem aparato para executar as atividades; isto, numa estrutura grande, robusta, onerosa, cara para ser mantida, mas por conta disto, muitas demandas ficam relegadas a segundo plano”, comparou.

A Arte dos Pontos que pontua a doutora como artista nata em artesanato



Artesanato

Foto: Agropar

Há três anos, tomada por duas síndromes Suely fez desta tragédia o início de uma paixão também profissional e uma aliança com a arte para o resto de sua vida. A ponte para essa transformação foi a mãe de um colega do Indea, citada como Isaura, que só precisou ensinar a indeana autodidata, tão somente dois pontos de macramê – a arte de trabalhar com fios dando os nós e formando desenhos – e daí em diante “a cura”, do que em verdade era algo psicossomático, veio com o aprimoramento e o trabalho com o artesanato.

E assim a artista foi criando peças, cintos, bolsas, e ingressou na Associação de Artesãos da cidade, a Associação Pantaneira de Artesãos de Cáceres– APAC. Iniciou participando de forma bem acanhada de eventos e exposições; e a partir disto começou a desenvolver outras técnicas. “O artesanato representou um renascimento, e eu renasci porque consegui um nível de paz e prazer interior, que refletiu em minhas atitudes exteriores, ao passo que aprimorei e mudei no tratamento com as pessoas, passei a ser mais ‘light’, menos carrancuda e estressada, e estou mais tratável. Enfim, a arte só me beneficiou em tudo, pois desenvolvi uma atividade e isto foi uma terapia como os especialistas já dizem há tanto tempo; de fato, revigorei meu organismo e meu espírito. Foi tudo de bom. Por isso avaliei que quando aposentamos, o fazemos apenas do

trabalho e não da vida, então não posso ficar dentro de casa esperando passar os dias porque a morte chega logo; portanto, se a arte surgiu e contribuiu dessa forma, resolvi me dedicar, já que me proporciona muito prazer e me sinto realizada, assim como sempre me senti em ser veterinária, o que escolhi como profissão e nunca deixarei de ser, como também sei que já dei minha contribuição como profissional no Indea e, desde 1994, como professora do curso de Ciências Biológicas do campus de Cáceres da Unemat”, afirmou.

Suely trabalha com “Patch Aplique” – o patch work, a arte de trabalhar com retalhos, adaptado em aplicações em camisetas – e também chinelos customizados com tecidos e strass; colares de macramê, colares numa técnica intitulada “tricô de dedo”, mais conhecida como “rabo de gato”, trançado no dedo, que serve como agulhas; e ainda, trabalho com tricô, crochê, arcos com tecido, além de materiais de cozinha (caminhos de mesa, capas de fogão, pegador de panelas, etc), bem como peças metalizadas, a exemplo de maxi-colares, pulseiras inclusive com tecidos em macramê, pedras, pulseiras; customização de camisetas com esses colares; mas meu carro-chefe é o macramê. A dedicação horas a fio sozinha durante a noite e finais de semana, devido ao trabalho às responsabilidades no Indea, limita sua arte a apenas uma prática de lazer, por enquanto, pois as vendas de seu material outras cidades de Mato Grosso; estados diversos como Bahia, Rondônia, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, bem como outros países como Espanha, França, Alemanha, Inglaterra e Portugal, a pedido de quem consome suas obras de arte em sua região. A ideia é se aposentar e atuar mais neste ramo, porém, sem deixar de ser veterinária, pois fora convidada para vários projetos da Embrapa, inserindo sempre Cáceres.

Cultura - Além de peculiaridades que denotam qualidade de vida como ter um casal de araras todos os dias passando e gritando para a veterinária escutar o som das aves e alimentar alguns gatos sem dono na porta de casa, e as cotias das chácaras ao redor de sua residência que vêm aproveitar o alimento e a água, a filha de cuiabano nascida em São Paulo sente falta de peças de teatro, cinema, balé clássico, etc, em seu município. Então, ela aproveita a iniciativa da Uneartes na Unemat, onde todas as quintas-feiras se realizam teatro, amostra de livros, quadros, fotografia, arte em geral, em que é também exposta toda sua arte. “Nós temos um potencial de artesanato muito grande, mas o apoio ainda é discreto, e a popularização da arte como um todo, ainda é bem acanhada, mas estamos caminhando para uma socialização com a arte, seja em música, alimentação, os artesãos em feiras em bairros e na região central começaram a fazer um tipo de movimento desses, um ponto de encontro para as pessoas conversarem, com sua participação em eventos do calendário anual como o festival internacional do foldore, festival gastronômico que já vai para o terceiro aqui; a festa do padroeiro São Luis de Cáceres, Festival Internacional da Pesca; exposições de artesanato no Sindicato Rural, a 1ª Feira Multissetorial de Negócios de Cáceres, a Festa das Flores, sempre com um pouco de apoio do Sebrae.

Sintap: conhecido de longa data assim como seus gestores

A indeana conta que acompanha a trajetória do sindicato de longa data, desde sua existência, pois sua criação foi posterior à sua entrada, inclusive a de Diany Dias, citada neste contexto por Suely. “Sou sindicalizada desde que entrei no Indea e desde a existência do Sintap existiram alguns presidentes já conhecidos que criamos um maior vínculo de amizade, como foi com Diany. O Sintap vem evoluindo a cada gestão, e hoje é um sindicato que tem peso, devido à evolução dos órgãos, prin-

cipalmente ao Indea, que é o nosso carro-chefe, até porque é uma necessidade básica essa evolução; e o sindicato vem acompanhando os órgãos neste sentido. A única coisa que sinto é que o sindicato está limitado em fazer coisas mais efetivas justamente pela falta de dinheiro, em que nada se resolve.

Marco - “A evolução de Diany como pessoa, profissional e sindicalista foi meteórica, e posso assegurar como sua amiga desde sua mocidade que a mudança é total. Ela era bem interiorana em Nova Xavantina, quando ainda tímida, trabalhava com a área rural; e hoje tem autoconfiança extrema, com condição de discutir de igual para igual com qualquer um, sem ficar devendo nada para ninguém; e espero que continue no sindicato. Acho que seria bom ela continuar, pois sua continuidade iria arrebatar novas pessoas para a diretoria do sindicato, que tem outra vivência. Penso que temos que manter as pessoas conhecedoras da estrutura interna, a exemplo de “Déja”, que conheço porque somos amigas há muitos anos, mas essencialmente porque acompanha e conhece os meandros de tudo. Enfim, a evolução desde que Diany entrou como presidente no Sintap, a eficabilidade, a atuação mais firme e mais presente do sindicato após sua entrada, pois ela deu uma “boa chacoalhada” e revigorada, porque a entidade estava muito parada. Em verdade, algumas pessoas marcam, outras passam; e mesmo depois que Diany sair, ela vai ficar como um marco divisório do Sintap “mirradinho” ao que deu uma repaginada, para um sindicato mais ativo, eficiente, conhecido, amplamente divulgado que hoje é conhecido no Brasil e exterior”, concluiu.



Foto: Gerson Inítes

O espírito de aventura na alma de um indeano apaixonado pelas asas do parapente

Alexandra Araújo/Sintap-MT

O sistema agrícola, agrário, pecuário e florestal de Mato Grosso está repleto de esportistas, e alguns deles com grande espírito de aventura e liberdade, ao ponto de criar asas para voar, senão pra alcançar arranha-céus, ao menos sentir na pele a brisa forte que leva para onde o vento sopra e surpreende a cada paisagem. Desta vez o esporte é o parapente, uma modalidade de vôo livre que encantou o coração do indeano Jerson Lorent VillasBoas. Foi um sucesso a estréia este ano do I Cross Country Mato-grossense no município de Conquista D'Oeste, cujo campeonato de vôo de longa distância aconteceu entre 21 e 25 de Agosto, e que contou com a presença do servidor de Pontes e Lacerda, participantes de todo o país e ainda dois uruguaiois.

Lorent VillasBoas é iniciante no esporte, mas já vem demonstrando paixão pelo vôo, tanto que tem planos para os futuros eventos de Parapente. Primeiramente se inscreveu como piloto competidor, porém, já que fazia parte do clube organi-

zador atuou apenas auxiliando no evento e voou apenas nas horas vagas. Ele avalia a competição como um sucesso, e conta que houve pilotos que decolaram em Conquista D'Oeste e ultrapassaram Pontes e Lacerda, chegando a percorrer em linha reta quase 106 km, o que gerou grande expectativa para a organização, os pilotos e inclusive a Associação Brasileira de Parapente que enviou um de seus diretores para acompanhar a prova, e no encerramento deixou claro que a boa performance dos participantes. "O ano que vem Conquista d'Oeste fará parte do circuito nacional de parapente", afirmou o dirigente da entidade.

De acordo com Jerson Lorent, o município de Conquista D'Oeste possui condições climáticas e meteorológicas adequadas para a prática do esporte, com uma rampa com 350 metros de desnível. Além disso, o local possui restaurante e bar que todos os finais de semana estão abertos ao público em geral para apreciar os vôos e complementar a diversão dos visitantes, o que Lorent considera "um programa familiar ideal e interessante de se apreciar".

Adrenalina - Jerson Lorent também ressaltou que o esporte

está sendo praticado no município há sete anos e denota ser seguro, com profissionais treinados anualmente pela Associação Brasileira de Parapente; portanto, com a paixão que nutre pela modalidade, sua participação era inevitável. "A vida passa muito rápido e temos que vivê-la, e se a vivemos de forma monótona torna-se uma vida sem tempero, e a verdade é que depois de velho não podemos mais voltar. Sempre tive espírito aventureiro e o desafio nos motiva de uma maneira geral. Sempre tive curiosidade de conhecer e experimentar o esporte, e ao perceber a segurança com o instrutor credenciado na ABP, que todo ano faz reciclagem para oferecer aulas de forma segura e sem riscos para seus alunos, então vi que não tinha como ficar de fora e resolvi participar; foi quando também descobri que esse esporte vicia, no bom sentido, ao ponto de a gente dormir pensando no vôo. É pura adrenalina, lá em cima você está sozinho e tem que apreender a controlar suas emoções, por mais adverso que seja o momento. O panorama é encantador e a vista maravilhosa; é realmente indescritível", confidenciou o servidor.

Treinamento sobre Tronco Encefálico Bovino orienta sobre transmissão da doença

Alexandra Araújo / Sintap-MT

“Doença da vaca louca”. É assim que a doença animal Encefalopatia Espongiforme Bovina é mais conhecida no meio, a qual também pode ser transmitida pelo animal através do treinamento de Coleta do Tronco Encefálico em matadouros e frigoríficos submetidos ao Programa de Serviço Especial. Mais de 10 médicos veterinários do Indea-MT que atuam como monitores nos estabelecimentos sob SISE - Serviço de Inspeção Sanitária Estadual em todo o estado foram treinados em agosto deste ano a essa prática preventiva, com o intuito de treinar os inspetores responsáveis pela fiscalização nas indústrias.

O instrutor do treinamento foi o fiscal agropecuario e médico veterinário, Donizeti Pereira de Mesquita, da Sedesa - Secretaria Estadual de Defesa Sanitária Animal do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. Na organização, Cristianne Lino Fontoura, uma das responsáveis pela implantação da Instrução Normativa 002/2012, de 31.05.2012, que institui a vigilância epidemiológica ativa em abatedouros sob SISE para detecção de EET (Encefalopatias Espongiformes Transmissíveis) em ruminantes. O treinamento foi realizado de um estabelecimento sob SIF (Serviço de Inspeção Federal) para treinamento empírico da coleta de tronco encefálico propriamente dita. Além destes, do Serviço de Inspeção Municipal (SIM) para treinar profissionais a convite do coordenador da CISPOA, Célio Ofugi, para ser capacitada também, ou seja, há capacitação para futuras implantações no município de Cuiabá, ao passo que atualmente não existe abatedouro registrado na capital com o SIM.

As medidas mitigatórias ou pre-



ventivas para a redução de risco da “doença da vaca louca” no país ocorrem não somente nos estabelecimentos que abatem ruminantes, como também nos locais processadores de subprodutos de animais (graxarias); nos produtores de alimentos para animais, as fábricas de ração, e nos de criação de ruminantes. As espécies envolvidas foram a bovina, bubalina, ovina e caprina. A coleta foi realizada em animais submetidos à matança em caráter de emergência, aos animais animais que chegarem mortos nos estabelecimentos ou que morreram em suas dependências.

A encefalopatia espongiforme bovina pertence ao grupo das EET's e é causada por um agente não convencional denominado prion, proteína (PrP) que pode desenvolver papel de agente infeccioso; possui um período longo de incubação de 4 a 5 anos; doença de difícil diagnóstico causada principalmente pela ingestão de alimentos contendo farinha de carne e osso contaminada. “É uma doença neurodegenerativa, progressiva, debilitante e fatal, podendo contaminar outro ser humano, que neste caso também morre, até porque

o diagnóstico só se vê em animal morto. Além disso, caracterizada clinicamente por nervosismo, reação exagerada a estímulos e dificuldade de locomoção, e também é uma doença de grande impacto na saúde pública e econômica”, relatou o advogado.

De acordo com Cristianne Fontoura, esse é um trabalho realizado em conjunto com MAPA e os recursos são deste, que neste primeiro treinamento forneceu mais do que é de sua responsabilidade, bem como do Indea-MT, que terá mais custos nos próximos, e neste, o instituto custeou a vinda dos profissionais do interior do estado. Segundo ela, a presidente do Indea, Maria Auxiliadora Diniz, deu todo o apoio necessário e cobrou para que o treinamento ocorresse, dando carta branca para a realização do treinamento, que inclusive Cristianne considera que já deveria ter sido implantado em todo o país, nos escritórios de inspeção estadual, municipais e Indea-MT. Em Mato Grosso ela assegura que houve 100% de aproveitamento. “Foi notório o aproveitamento e a capacitação para implantação e implementação desta ação mitigatória nos estabelecimentos que abatem ruminantes registrados no serviço de inspeção estadual”, finalizou.



Sanidade alimentícia é fruto também do trabalho do Indea-MT



Contingenciamento restringe auditorias em indústrias e compromete sanidade animal

Alexandra Araújo/Sintap-MT

A sanidade alimentícia do estado de Mato Grosso é fruto também do trabalho do Indea-MT, mais precisamente da Coordenadoria de Inspeção Sanitária dos Produtos de Origem Animal – Cispoa, em se tratando especificamente de alimentos deste contexto. Uma vez que os órgãos governamentais passam por extremo contingenciamento na arrecadação, os recursos são ínfimos e a falta deles reflete diretamente na execução das atividades do setor, logo, repercute de forma alarmante na saúde do consumidor desses produtos. Esta realidade preocupante será demonstrada pelo gestor da CISPOA, Célio Ofugi, que há mais de 17 anos na pasta é conhecedor das problemáticas de seu meio profissional, as quais envolvem deficiências estruturais e humanas, que ele espera serem sanadas o mais breve possível

para não comprometer ainda mais a qualidade do atendimento e a saúde da sociedade consumidora.

Histórico – Ao passo que a CISPOA foi criada em 1993, Célio Ofugi faz parte de quase toda a trajetória da coordenadoria que ele considera “relativamente jovem”. Neste ano a publicação da Lei 6.338 criava o Serviço de Inspeção Estadual, que tinha atribuição de registrar e disciplinar esta atividade dentro do estado de Mato Grosso, o que até então era feito somente nas grandes indústrias, através da lei federal 7.889/1989 abrangente à federação, estados e municípios. A publicação da lei estadual se deu no primeiro ano de sua gestão, quando a equipe da CISPOA conseguiu registrar a primeira indústria em Mato Grosso, o marco da “001”, no município de Tangará da Serra, frigorífico de suínos que também produzia embutidos. A partir da estreia, o serviço foi crescendo e hoje atinge o estabelecimento de número “112”, registrado este ano em Poconé; entretanto,

na prática são apenas 38 indústrias registradas em funcionamento: 16 de abate, 12 laticínios e 10 fábricas de produtos, conservas, etc.

A legislação rege que todo estabelecimento deve registrar-se em órgão municipal, estadual ou federal para comercializar em qualquer parte do país, porém, quando não as empresas não cumprem a lei, o fazem por notificação de algum órgão oficial. “Vários foram flagrados até em trânsito e tiveram que nos procurar, e infelizmente o número ainda é relevante, por conta do deficiente aparato de fiscalização nas três esferas. O pessoal do Ministério da Agricultura é insuficiente, do estado também e dos municípios mais ainda, porque diversos destes não têm suas equipes de vigilância sanitária é só de forma cartorial, porque muitos que ocupam o cargo não cumprem sua missão. Por conta disso, proliferam indústrias informais e fábricas dos mais diversos gêneros praticando a informalidade”, observou.

Indea-MT – Em relação ao Instituto que atua, Ofugi diz que a autarquia sofre deficiências em todos os seus segmentos em nível de recursos humanos desde a década passada. Segundo ele, apesar da falta de expectativa de um concurso na área de medicina veterinária a situação urgia soluções, o que levou a gestão a se utilizar de um dispositivo na legislação do Instituto e buscar a parceria com a cooperativa Unimev, para que o trabalho dos médicos veterinários cooperados respaldasse o Indea neste segmento. “Hoje, se fôssemos levar em conta as indústrias registradas, há um déficit em torno de 40 a 50 médicos veterinários direcionados ao trabalho nessa área, sem falar das deficiências em outras áreas, por exemplo a defesa vegetal”, acrescentou.

Driblando o tempo - De acordo com Célio Ofugi, a cooperativa Unimev disponibiliza 16 médicos veterinários que realizam a inspeção dentro das indústrias, conhecido como inspetor. No caso do Indea, para o trabalho de acompanhamento dessa atividade do inspetor, intitulado monitoramento, é feito pelo profissional do Indea. Este profissional além de monitorar o trabalho de inspeção, também executa atividades na defesa animal, ou seja, ele organiza seu tempo para executá-las, e com o número de indústrias registradas atualmente, apesar das dificuldades, têm-se atingido as metas, salvo em algumas regiões em que a deficiência de médico veterinário é mais acentuada, sendo passível de que prejudique o trabalho. Exemplos disto são municípios como Barra do Garças e Nova Xavantina, que impõem o deslocamento de um profissional daquela para esta cidade. “Temos que fazer certo malabarismo para oferecer essa condição de segurança, com o monitoramento, e fazemos isso para que essas indústrias consigam oferecer um alimento seguro, seja a carne bovina, suína, ovina, queijo, leite, etc. Portanto, esse trabalho está voltado

diretamente à saúde pública, inclusive temos participação importante na alimentação escolar, pois muitas dessas indústrias participam de licitação para fornecer seus produtos às escolas”, enfatizou.



www.indea.mt.gov.br

Especificidade - A regional de Rondonópolis tem municípios que denotam problemas semelhantes, como Guiratinga, e no caso de Jaciara não existe a figura do monitor e sim de um médico veterinário que atende a defesa na cidade – outro setor - e não o monitoramento dos inspetores da Unimev lotados nas indústrias, o que exige que se designe um profissional de outra localidade para atuar uma vez por semana onde não há servidor com esta competência, de acompanhar desde o acompanhamento sanitário até o abate, ou seja, ele inspeciona o trabalho do inspetor e o da indústria, como é o caso da profissional de Dom Aquino, e tantos outros municípios em que ocorre o mesmo. “Não é qualquer profissional da área de defesa que consegue atender essa área de alimentos. O ideal é que em caso de ter indústria no município também tenha os médicos veterinários, mas com perfil para atender a área de monitoramento”, sugeriu.

O ideal também seria que os inspetores das indústrias, até porque nem precisaria de monitor, e no caso de auditoria, que ocorre uma vez por ano, os servidores da central, a equipe de auditoria faria, como ocorre em

três locais, na indústria, na Unidade Local de Execução – ULE, e se o estabelecimento é de abate eles fazem também no serviço de inspeção, sobre o inspetor e sua equipe, no SISE.

Estrutura – O coordenador entende que, para trabalhar qualquer profissional precisa de aparato, e o inspetor da Unimev tem se utilizado de seus próprios meios, como veículo por exemplo. No caso do Indea isso seria oferecido pelo instituto, ou seja, um carro oficial, mas já ocorreu de não ter o veículo e deixar de executar a programação, por motivo de conserto ou grande parte por falta de manutenção. Em se tratando do monitor, este tem que ir pelo menos uma vez por semana fazer essa visita técnica no estabelecimento de abate, e em algumas indústrias atua quinzenal. Ofugi acrescenta que mais uma deficiência se mostra no sistema de informações. “Nosso mecanismo atual de recepção de informações ainda é feito no papel, e chega por malote, e demanda mais tempo para chegar à central; então temos a expectativa de que um sistema mais ágil de informações venha ser uma realidade”, vislumbrou.



tvcentroeste.com

Conta Única – Célio Ofugi arrematou lembrando os investimentos que o Indea necessita e que não está sendo possível pelo atual contingenciamento por parte do governo, em que nos últimos 2 a 3

anos praticamente nada se investiu para trabalharmos, a exemplo de supervisões nessas viagens técnicas, e por isso tivemos que adequar a nossa rotina a esses poucos recursos que o governo tem liberado para continuarmos funcionando. É preocupante para nós todas essas deficiências, em estrutura, recursos humanos, falta de treinamentos, e não podemos fazer investimento em capacitação, o que pode refletir naquilo que temos maior preocupação: a qualidade do atendimento e a saúde do consumidor mato-grossense. Este ano vários profissionais através de liminar judicial e estes vêm sendo colocados na atividade sem uma preparação profissional para tal; e se não tiver um treinamento específico para esse pessoal, eles entram na rotina do órgão absorvendo vícios e práticas inadequadas, sem a possibilidade de ter um controle satisfatório sobre esses servidores. Enfim, o ideal é que se tenha recurso para realizar esse serviço com material e tempo adequados, trazendo profissionais preparados, munidos de infor-

mações para atender a sociedade a contento”, explicou.

Servidor – A fiscal agropecuária e gerente de fiscalização da CISPOA, Karen Rocha, disse que pelo menos uma vez por ano os fiscais realizam auditoria nas indústrias registradas no Indea e elenca as dificuldades enfrentadas pelos servidores do Instituto. “Veículo já foi uma problemática, agora não mais. Quanto às diárias, temos dificuldades de concluir o ciclo de auditorias por falta de verba, dinheiro para viajarmos, e com isso algumas indústrias deixaram de ser fiscalizadas e tiveram uma queda significativa da qualidade nas partes estrutural e documental, que reflete no produto final. Desde agosto do ano passado até fevereiro deste ano não houve nenhuma visita nas indústrias por falta de verba; até que em março retomamos porque começou a entrar dinheiro; mas em maio já não tínhamos mais para os monitores realizarem as auditorias nesses estabelecimentos; e mais difícil ainda é

realizar o acompanhamento, o que gerou um caos total nessas indústrias, tanto que ao visitarmos esse ano a situação era caótica; com isso fizemos uma retomada nesse ano, de substituir monitores, os quais já haviam sinalizado anteriormente que não gostariam de atuar nessa área, mais um empecilho. Portanto, algumas coisas ficaram a desejar basicamente por falta de dinheiro, que foi bloqueado, pois planejado foi, a exemplo de que já fizemos o planejamento orçamentário-financeiro para o ano seguinte. Apesar de tudo isso é preciso entender que a questão não diz respeito ao órgão em si, pois é um problema de gestão governamental, que inclusive não é só o Indea que passa por isso, mas o estado inteiro”, finalizou.



Célio Ofugi - gestor da CISPOA

Veterinário se realiza no pequeno mundo dos índios gigantes

Alexandra Araújo/Sintap-MT

Dom é algo que se leva para onde for e enquanto durar uma vida. Assim é com o médico veterinário indeano Vicente Mamede, que no início de setembro (2) completou 61 anos e as equipes da AgroSintap e do Sintap foram até o "Rancho da Felicidade" para comemorar o aniversário com esse sexagenário apaixonado pelo que faz, querendo ver e sentir de perto esse estado de graça permanente estampado já na entrada de seu cantinho aconchegante. Para não perder o costume de atuar na profissão que considera apaixonante, após 37 anos de muito trabalho no Indea-MT que fez história em cada canto deste estado mato-grossense, prosseguiu criando galinhas caipiras, mas o que o encantou mesmo foram os intitulados "índios gigantes", pomposos em meio à suas fêmeas e ao terreiro de um lugar muito especial, o aconchego de Mamede, um pequeno mundo bucólico com gigantescas belezas aos olhos de quem passa por ali. Indeano - Falar de Vicente Mamede é contar a história de um fiscal agropecuário atuante na medicina veterinária desde a fundação do Indea, já que o instituto nasceu no início de dezembro de 1979, e em fevereiro do ano seguinte o profissional entrou no instituto, seguindo até maio do ano passado.



Vicente Mamede - médico veterinário

Sendo um dos fundadores da autarquia, participou ativamente de sua estruturação, e já no mesmo ano abriu a unidade de Barra do Garças, e se tornou supervisor regional desta. Dois anos depois, lançou a vacina contra febre aftosa com "adjuvante oleoso" em campanha de vacinação na etapa de novembro. Em 1983 veio para a regional de Cuiabá e posteriormente seguiu para a central do Indea, onde atuou como chefe da Divisão de Material de Patrimônio (DMP) e do Núcleo de Planejamento, coordenador dos laboratórios e presidente da comissão de licitação. Além disso, paralelamente ao longo de 20 anos trabalhou com raiva de herbívoros na captura e tratamento de morcegos hematófagos. Fora do Indea, no período do governo Dante de Oliveira foi chefe de gabinete do governador. "Antigamente o sistema era muito mais fácil se trabalhar, não tinha muita interferência política, até porque o Indea foi criado por um governo técnico, de Frederico Campos, que não interferia no processo. Hoje, devido à interferência política ficou, difícil o Indea desenvolver a contento suas atividades e foi devido a essas dificuldades no seu meio de trabalho que, mesmo podendo ficar e ganhar mais, preferi parar, me aposentar e retornar para minhas origens", comentou com ar de contrariado.

Criador - "Minha origem é do mato, fui criado num sítio em Poconé, no pantanal, e toda vida gostei de cerrado, da mata, por isso conheci essa espécie de "índio gigante" e comecei a criá-lo." Antes deste "amor à primeira vista", a criação era de galinhas caipira comum, mas após o encontro que o tornou encantador de frangos gigantes, Mamede pôs fim na criação antiga e foi para a terra de origem da galinha gigante, o estado de Goiás, para buscar a primeira leva de aves, que chegou a um plantel com mais de cem cabeças, sendo 90 machos e 11 fêmeas e não quis mais parar com a proeza de um criador nato. E de Goiás para Mato Grosso, Mamede comercializa para o norte e médio norte do estado mato-grossense, a municípios como Nobres, Rosário Oeste, Lucas do Rio Verde, Nova Bandeirantes, Matupá, Guarantã do Norte, Tangará da Serra, Barra do Bugres, Campo Novo, etc, porque mais à frente existe outro criadouro, neste caso da Empaer-MT, na cidade de Juína, para onde já levaram seis reprodutores do veterinário.

Em sua chácara no distrito da Guia, em Cuiabá, ele aperfeiçoou a criação, e hoje tem ambientes separados para acomodar suas aves.

“Minha origem é do mato; fui criado num sítio de Pocrané no pantanal, e toda vida gostei do cerrado, da mata.”

A diferença da galinha caipira normal para o indio gigante é que o índice de fecundação, que nela chega a 90% dependendo do cuidado; mas no gigante é baixa, em torno de 40% a 45%, acredita-se que por causa do tamanho dos reprodutores na hora de pegar as fêmeas. Além disso, a natalidade é inferior, e se criar em pedregulho, devido ao tamanho e ao peso ficam mancos.

A experiência o fez avaliar que, devido ao alto custo da ração de crescimento e a dificuldade para adquirir os machos não valia mais a pena acumular reprodutores para venda, que chegaram a 100 machos para repasse, e agora em seu quintal só reinam os frangos que fecundam suas galinhas, e a média é de um reprodutor para 6 a 8 galinhas. Para recria, a ração é de crescimento aliada à farinha de cálcio fosfatada, uma vez que os reprodutores crescem muito e terminam com problemas nos ligamentos das pernas, por isso a suplementação, além de criados soltos comendo grama, uma proteína natural. Quanto às matrizes, a ração própria para poedeiras, que se diferencia pela quantidade de proteína.

O preço que se paga hoje por aqui não se compara ao que custou a Mamede em Goiás há cerca de um ano, de R\$ 800,00 o macho e R\$ 100,00 a fêmea, e de nove galos e 20 galinhas atingiu o plantel de raça atual. “Lá, o preço é alto devido à dificuldade de se encontrar o macho e a procura ser grande; mas hoje

se, eu tentar vender aqui um macho por R\$ 500,00, pelos compradores não terem conhecimento disto, eles pagam no máximo R\$ 200,00, mas ainda acham melhor para R\$ 15,00 no recém-nascido, que é o preço que vendo cada pinto com cerca de uma semana a 10 dias”, comentou Mamede.



Criadouro – Mamede tem um laboratório específico para o nascedouro dos pintos onde ficam as chocadeiras, e eles irão nascer após 19 a 20 dias. O veterinário os deixa separados aquecendo sob uma lâmpada, e conforme a temperatura do tempo, fica acesa por 3 a 4 dias, e posteriormente ficam num viveiro externo especial até que sejam comercializados. O galinheiro é subdividido em ambientes para as galinhas dormirem e outro grupo botar. Em outra parte ficam as poedeiras, que botam 10 a 12 ovos e estes são retirados para elas entrarem no choco, período de alta temperatura do próprio corpo da ave, em que elas ficam separadas em ambiente que não tenha chocadeira – com areia lavada – caso contrário, ficariam até mais de um mês chocando, ao passo que, saindo deste estado, em menos de uma semana ela volta a botar novamente.

Custo-Benefício – A quantidade média de ração de postura para cerca de 100 aves é de 600Kg por mês, com 28% de proteína para o plantel adulto. No caso dos pintos recém-nascidos, em torno de 50 kg mensais. São vendidos em torno de 200 a 250 pintos por mês, mas,

para vingar maior número, é preciso fazer a leitura no ovoscópio com 8 a 10 dias e retirar os ovos que não foram fecundados para não rachar a casca e nem ficar mau cheiro. Por mês as galinhas botam uma média de 500 ovos, e fora alguns que trincam e quebram, 400 são postos para

chocar, e destes, menos da metade são fecundados, e aí conseguimos vender só a metade; destes 400 só vendo a metade. “Gosto do que faço e pretendo continuar criando por hobby, pois pra mim funciona como uma higiene mental e para meu bem estar, além de acrescentar em minha renda”, finalizou o veterinário.





Ronaldo Medeiros - engenheiro agrônomo

INDEA age contra praga que já devora metade das lavouras de MT

Alexandra Araújo/Sintap-MT

As normativas em combate à praga quarentenária *Helicoverpa armigera* continuam, não só na esfera federal, mas em nível estadual, a praga já atinge 50% dos municípios produtores mato-grossenses, e para maiores esclarecimentos à sociedade o assunto persiste nesse veículo de comunicação, desta vez através do engenheiro agrônomo do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso – Indea-MT e gestor da Coordenadoria de Defesa Sanitária Vegetal – CDSV, Ronaldo Medeiros. Além de esclarecer sobre as normas estaduais para combatê-la, o intuito é mostrar a amplitude de ataque da praga e seu poder de destruição nas inúmeras culturas as quais ela se hospeda, bem como orientar sobre a utilização do produto importado pelo Brasil para sua erradicação, o Benzoato de Emamectina, desde os critérios legais para seu uso até as multas possíveis em caso de des-

cumprimento da legislação em vigor.

Para falar da *Helicoverpa armigera*, o coordenador Ronaldo Medeiros primeiro “desenhou” em palavras sucintas que inseto é esse, intitulado-a como “mariposa de hábito noturno”, que, segundo ele, teve introdução recente no Brasil inicialmente pela Bahia, e se alastrou no país, atingindo também Mato Grosso. T tamanha gravidade do quadro que se instala no país, Medeiros diz que a praga é alvo de “emergência fitossanitária” declarada pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, pelo difícil controle e a dimensão de ataque nas culturas, já que se trata de uma praga “polífaga” e sua abrangência atinge mais de 60 hospedeiros. Mais um alerta é pertinente em se tratando ao seu ciclo de vida, considerado curto já que nasce, cresce, reproduz e morre em tempo de 35 a 40 dias, logo, numa lavoura com ciclo de 180 dias abrange cinco gerações em uma única safra.

MT- A preocupação de Ronaldo Medeiros, assim como os demais servidores do Indea-MT e da classe produtora é plausível, uma vez que a *Helicoverpa armigera* já atinge 50% dos municípios produtores de Mato Grosso, os quais não possuem produtos para controle desta praga registrados no Brasil, o que segundo o coordenador, dificulta ainda mais a erradicação da mesma. “Considerando a voracidade com que a *Helicoverpa* ataca e o ambiente favorável que nosso estado oportuniza em se tratando do clima, solo, e inclusive alimento, que Mato Grosso dispõe o ano inteiro à praga, as dimensões dos prejuízos são gigantescas, a exemplo da soja, com mais de oito milhões de hectares, sendo o estado também o maior produtor de algodão e milho de segunda safra, conhecida como “safrinha”, além de outras culturas como a de tomate, feijão, citros, etc, nas quais a praga se hospeda”, avaliou.

IN - É importante reiterar a Instrução Normativa 13, de 03 de abril de

2013, mencionada na edição anterior da Agrosintap, que autoriza a importação e aplicação de produtos agrotóxicos registrados em outros países, que tenham como ingrediente ativo único a substância Benzoato de Emamectina. Em nível estadual, o coordenador Ronaldo Medeiros mencionou a Normativa 029 do Indea-MT, datada de 21 de maio deste ano, explicando que o objetivo é disciplinar e normatizar os procedimentos para que o produtor possa importar o produto Benzoato de Emamectina. Segundo ele, a norma dispõe sobre a delimitação de área de ocorrência da *Helicoverpa armigera* em Mato Grosso, a autorização de aplicação, controle e monitoramento do agrotóxico importado para erradicar a praga.

Medeiros explicou que para o Indea emitir a autorização de "uso emergencial" do agrotóxico que tenha como ingrediente ativo único a substância Benzoato de Emamectina é necessário a delimitação da área de ocorrência da praga *Helicoverpa armigera*, a qual é feita por município, em que o Indea vai a campo e tendo resultado positivo, ou seja, ao se detectar um inseto adulto em qualquer propriedade, por análise laboratorial, considera-se a cidade como "área de ocorrência da praga". A segunda opção de emissão da referida autorização ocorre pela delimitação por unidade Regional Administrativa do Indea - URS, e se dará com a detecção da *Helicoverpa armigera* no mínimo em 20% dos municípios que compõem cada URS.

Portaria - De acordo com Medeiros, análises laboratoriais para a detecção da *Helicoverpa armigera*, as quais sempre são realizadas por um laboratório credenciado pelo MAPA, já foram feitas em todo o estado de Mato Grosso, ressaltando que a captura dos insetos contou com o apoio da equipe técnica do Instituto Mato-grossense de Algodão - IMA. Após a coleta e encaminhamento ao laboratório, os laudos avaliados sob os critérios de detecção da praga e ti-

dos como positivos para a mesma levaram à edição da Portaria 065, de 27 de agosto deste ano, pelo Indea-MT, que declara a área de ocorrência da praga *Helicoverpa armigera* nos municípios mencionados neste documento, que até então totalizam 65 cidades de Mato Grosso.

Produtor - Conforme o gestor da CDSV, a partir dessa Portaria o Indea aguarda o produtor requerer ao instituto a autorização de uso do produto. Ele orienta que o interessado deve dirigir-se ao escritório local do Indea e solicitar um documento intitulado "autorização de uso emergencial de produto agrotóxico com ingrediente ativo único Benzoato de Emamectina", o qual só vale para o município declarado como de ocorrência da praga e cujo documento contém uma série de informações referentes ao produto Benzoato de Emamectina, logo, de posse deste documento o produtor estará apto a importá-lo.



Alto poder de destruição

Prosseguindo, Medeiros diz que sendo importado o Benzoato de Emamectina, o produtor requer novamente ao Indea outro documento, desta vez referente à "aplicação assistida de produto agrotóxico com ingrediente ativo único Benzoato de Emamectina", cujo procedimento é sempre feito pelo responsável técnico da propriedade. Por fim, o fiscal do Indea deverá correlacionar este documento com o anterior já emitido pelo instituto, intitulado "autorização de uso emergencial", para que o requerente possa com fazer o uso do agrotóxico em sua proprie-

dade. "É imprescindível ressaltar que só poderá requerer tais documentos o proprietário da área de cultivo ou seu representante legal, pois esse controle rígido do Indea desde a importação do produto até o descarte correto da embalagem vazia do produto se deve ao fato de ser um produto que não há no Brasil e de forma a resguardar o estado ao máximo, para que não provoque danos à saúde e ao meio ambiente", ressaltou Medeiros.



Praga é alvo da "emergência fitossanitária"

Alertas - O gestor da CDSV afirmou que o produtor que não seguir quaisquer das normas referentes à *Helicoverpa armigera*, a exemplo de estar sem a receita ou sem um dos requerimentos exigidos, aplicar o produto erradamente ou sem o responsável técnico, a não devolução de embalagem, dentre outras infrações, estará sujeito à aplicação das penalidades pecuniárias, cíveis e criminais cabíveis, dispostas na legislação vigente. Medeiros lembrou que as multas são altas e calculadas pela Unidade Padrão Fiscal de Mato Grosso - UPF-MT (R\$ 100,20) e que não há multa com menos de 100 UPF's. Como forma de amenizar o prejuízo Medeiros alerta que o produtor precisa adotar um bom manejo integrado de pragas, ou seja, um bom monitoramento da lavoura, como também controlar a praga na época correta. Além disso, para o coordenador um fator importante que tende a reduzir a população é o "vazio sanitário", já adotado no estado.

PL cria política estadual de incentivo ao cultivo e manejo do Bambu

Assessoria

Desenvolver a cultura do bambu no estado de Mato Grosso por meio de ações governamentais e de empreendimentos privados. Este é o objetivo do projeto de lei 353/2013, de autoria do primeiro-secretário da Assembleia Legislativa, deputado estadual Mauro Savi (PR). Para isso, a proposta apresentada em plenário no início de outubro institui a Política Estadual de Incentivo ao Manejo Sustentável e ao Cultivo do Bambu (PEMCB).

Na justificativa do projeto, Savi argumenta que ao contrário do que muitos pensam, o bambu não é uma planta exótica e nem uma praga agrícola. A cultura dessa planta é uma realidade em várias regiões do mundo, particularmente na China e em países andinos como Colômbia e Equador. No Brasil, que possui a maior diversidade de bambu das Américas, com cerca de 200 espécies, já existem iniciativas com utilização dessa matéria-prima, mas a cadeia produtiva ainda é incipiente.

Tais iniciativas receberam um incentivo através da chamada Lei Nacional do Bambu (Lei nº 12.484, de oito de setembro de 2011), que estimula mecanismos de incentivo ao cultivo e manejo sustentado deste recurso natural e que estabelece um novo conceito para a gramínea, que passa a ser tratada como produto agrícola e contará com linhas de financiamento diferenciadas.

Segundo a nova lei, receberão incentivos do governo agricultores familiares que investirem na atividade de cultivo e manejo sustentável de espécies nativas de bambu, para produção de colmos, extração de brotos e obtenção de serviços ambientais. A Lei também fomentará ações de pesquisa e desenvolvimento tecnológico com a cultura, iniciativas voltadas para a assistência técnica e certificação, parcerias e comércio.

A proposta do deputado Mauro Savi segue as diretrizes da Lei Nacional e acrescenta o incentivo à valorização desse ativo ambiental como instrumento de promoção de desenvolvimento socioeconômico regional. Para isso, o parlamentar estabelece como instrumentos da PEMCB o crédito rural sob condições favorecidas, em especial no que se refere a taxas de juros e prazos de pagamento; assistência técnica durante o ciclo produtivo da cultura e as fases de transformação e de comercialização da produção, e a certificação de origem e de qualidade dos produtos destinados à comercialização.

O projeto de lei estabelece ainda algumas ações que deverão ser concretizadas pelo Executivo para a implantação da PEMCB, tais como: incentivar a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico voltados para o manejo sustentado, o cultivo, os serviços ambientais e as aplicações dos produtos e subprodutos do bambu; incentivar o cultivo e a utilização do bambu pela agricultura familiar; estabelecer parcerias com entidades públicas e privadas para maximizar a produção e a comercialização dos produtos derivados do bambu; entre outras.

“Enquanto a maioria das árvores podem ser cortadas em sete anos e uma única vez, o bambu pode ser cortado em três anos e nasce novamente. O bambu tem inúmeras utilidades, podendo ser usado na construção de móveis, benfeitorias e dependências de uso rural, na fabricação de utensílios domésticos e de decoração. Sua fibra é utilizada, ainda, para a confecção de tecidos. Na construção civil, o bambu pode ser utilizado de várias formas, como escoramento em obras e acabamento. Sua utilização de forma generalizada no campo contribui para a redução da pressão sobre as matas nativas. Além disso, a planta apresenta elevada eficiência no resgate de CO₂, podendo contribuir para a redução do efeito estufa e oferta de serviços ambientais como recuperação de áreas degradadas e controle da erosão e do assoreamento de cursos d’água”, argumenta o autor do projeto.

Pesquisas recentes desenvolvidas pela Universidade de São Paulo (USP) utilizam o bambu como matéria prima para a produção de placas de fibrocimento. Segundo a pesquisa, as placas de fibrocimento reforçadas com polpa de bambu são altamente resistentes e possuem padrão de absorção de água melhor que o exigido pela legislação, podendo ser uma alternativa na fabricação de telhas, caixas d’água e outros produtos, em substituição ao amianto, material que vem sendo banido do mercado mundial por conter substâncias cancerígenas.

“O aumento do desmatamento e a crescente demanda por madeira levam à busca por materiais alternativos, em virtude da escassez e altos preços desses recursos. Neste diapasão o bambu destaca-se pela versatilidade da sua fibra, podendo ser usado como matéria prima principal e complementar à madeira”, finaliza o deputado Mauro Savi.

Frango caipira garante rentabilidade



Arizoli Teixeira Vasconcelos, produtor de Santo Antonio de Leverger

Luiz Perlato

Em apenas 90 dias o criador de galinha caipira tem o retorno do capital. Três meses, apenas três meses, é o tempo que leva para a criação de um frango dessa espécie. Com estas palavras, o avicultor Arizoli Teixeira Vasconcelos procura incentivar outras pessoas a investir na atividade, que, segundo ele, tem uma ótima relação custo-benefício e é lucrativa.

Arizoli é um produtor de Santo Antonio de Leverger, município que concentra significativa criação de frangos caipiras e que trabalha para se transformar num pólo de criação e abate dessas aves, para abastecer o comércio de toda a Baixada Cuiabana.. Por esse motivo, a cidade até promove uma festa especial de frango caipira, que já ganhou prestígio no estado. Os números comprovam a rentabilidade, se comparada, por exemplo, à criação de frango de granja.



ovos de galinha caipira têm preferência no mercado

Em um Dia de Campo ocorrido recentemente na comunidade de

Varginha, numa promoção da Empresa Mato-grossense de Pesquisa,

Assistência e Extensão

Rural (Empaer-MT) em parceria com o Rotary e outras entidades, Arizoli deu as dicas para ser bem sucedido na criação de frango caipira, e também fez muitas recomendações aos chamados 'marinheiros de primeira viagem', orientando sobre o que devem fazer e o que não podem fazer.

"Estamos na atividade há 13 anos por teimosia e insistência, e a gente está se dando bem. Por isso queremos que as pessoas também sejam bem-sucedidas. Para isso, no entanto, tem que fazer a coisa certa. Tem que cuidar bem das aves, fornecendo alimentação de primeira e água, e além disso é preciso se dedicar e pegar gosto pela coisa. Quando você inicia uma atividade e começa a gostar, criando com amor, você está fazendo o que quer e o que gosta, e quando você faz o que gosta a tendência de dar certo é muito maior", diz Arizoli.

De acordo com o avicultor, a criação de frango caipira vale a pena seja para a produção de carnes ou de ovos. "A criadeira da poedeira, como nós chamamos, que é a galinha que põe os ovos, ela deixa uma lucratividade relativamente boa. Mas, repito, tem que fazer a coisa certa, começando por consultar pessoas com experiência, sobretudo os técnicos do setor. Não tem a aquele negócio de pensar que só porque foi criado na roça o cara já sabe tudo e se mete a fazer sozinho. Aí começa a dar erro", orienta ele.

Outra recomendação de Arizoli diz respeito à necessidade da prevenção de doenças nas aves. "Nós não fazemos nada na nossa atividade, em termos de tratamento curativo. Todo o tratamento nosso é preventivo. É muito mais barato, e economicamente é viável. Então, quando você está com alguma ave doente é difícil de tratar. Por que as nossas crianças tomam vacinas? É um ato preventivo. Assim é com as aves também, e nós orientamos as

pessoas".

Tanto a carne quanto os ovos de galinha caipira têm preferência no mercado. De olho neste potencial de consumo, muita gente tem procurado até mesmo a UFMT em busca de orientações sobre a criação de frangos da espécie, conforme informou à Revista Agrosintap o professor do curso de Zootecnia, Heder D'Ávila. No Dia de Campo em Varginha ele fez questão de comparecer e levar os estudantes do curso.

"Temos sido procurados por pessoas da região interessadas em trabalhar com galinha caipira, e então este foi um motivo a mais para inserirmos os alunos do curso nesse meio, para trocas de experiência. Os estudantes têm conhecimento acadêmico e científico, e os produtores têm a prática. Aliar a prática com a parte teórica é uma possibilidade que existe sobretudo durante os dias de campo, e todos aprendem alguma coisa", disse o professor.

Além de participar dos Dias de Campo, ele informou que os estudantes também visitam granjas comerciais e desenvolvem outros trabalhos. O objetivo, segundo o professor, é fazer com que os alunos não apenas aprendam as coisas mais simples sobre avicultura nas propriedades (aves de criação comercial, sistema de criação de frango caipira, codorna, avestruz, enfim, de tudo um pouco), mas também contribuir com a população.

Heder D'Ávila também falou sobre o mercado de trabalho para zootecnistas, que segundo ele tem ótimas perspectivas em Mato Grosso. "Tem carência de profissionais de zootecnia, especialmente para trabalhar na parte de nutrição animal, com a formação de dietas para os animais. O estado é um grande produtor de grãos, e o mercado para os zootecnistas está aberto", diz ele. O curso de zootecnia da UFMT foi criado há pouco tempo, e esta é a primeira turma que deverá se formar.



Sementes
ARCO-ÍRIS
A Força da Qualidade
Rodovia Br 364 km 62 - Fone - 66-3471-3900 Alto Garças-MT

Dá pra ser sustentável até lendo esta revista. e na hora de imprimir também.

Gráfica Print.

A única gráfica no Estado com o selo verde mais reconhecido no mundo.

Comece a cultivar ideias que fazem bem para sua vida e para o mundo.

1. Substitua as lâmpadas incandescentes pelas econômicas. Elas geram a mesma luminosidade, duram mais e poupam 80% de energia.
2. Reduza em cinco minutos o tempo de uso do chuveiro elétrico. A economia pode chegar a 48 litros de água por banho.
3. Na hora de construir ou reformar, avalie os produtos utilizados, a possibilidade de reuso de água e de utilização de energia solar.
4. Produtos descartáveis devem ser evitados a todo custo, pois são os grandes responsáveis pelo aumento do volume de lixo que geramos. Seu uso tão breve não justifica o enorme custo ambiental.
5. Reutilize a água do último enxágue da máquina de lavar para a limpeza doméstica, e para dar descarga nos banheiros, por exemplo.
6. Na hora de imprimir, escolha os papéis certificados FSC, o selo que garante o uso responsável dos recursos florestais



3617-7600 | www.graficaprint.com.br
facebook.com/graficaprint